

REVISTA

DA SEMANA

NACIONAL

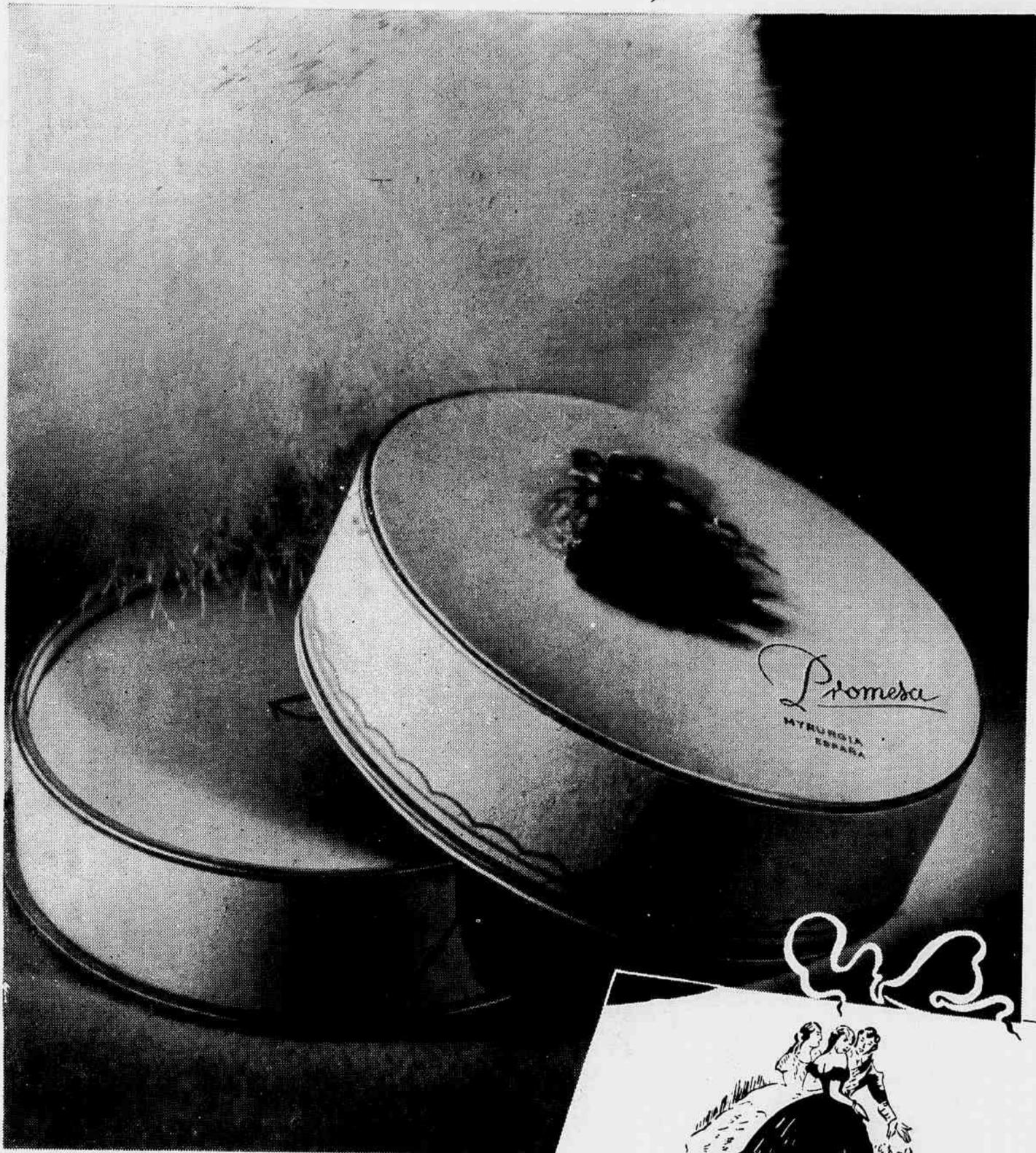
A VIDA ÍNTIMA DE
FRANCISCO ALVES

CONTADA POR CÉLIA ZENATTI

HEI DE CASAR COM A ÍNDIA



Um ar distinto e fascinante



EXTRATO
LOÇÃO

MYRURGIA

AYRES CAMARA DA CUNHA AFIRMA:



O repórter, para espicaçá-lo, afirma que Diacui jamais será sua esposa. Aires da Cunha cerra os punhos e exclama: «Hei de casar com a índia!»

O GAÚCHO E A KALAPALO ★ DEIXARÁ A CIVILIZAÇÃO PARA VIVER COM A MULHER QUE AMA ★ OS ETNÓLOGOS DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS SÃ DΘ CONTRA ★ APÉLO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ RONDON DECIDIRÁ

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

Reportagem de **ALTAMIRO PONCE**

O homem da semana foi positivamente êsse destemeroso e barulhento gaúcho, que chegou como um pampeiro e tomou conta do noticiário nestes dias cheios de acontecimentos sensacionais.

O rapaz apaixonou-se por uma índia da tribo dos Kalapalos, na região do Xingu, em Mato Grosso. Quem casar com ela. Mas, dizem, o Serviço de Proteção aos Índios, incrivelmente, se opõe ao que parece a todos o de-

senlace mais natural e lógico: o casamento do amoroso par! Extraordinário, estranho como possa parecer, êsse moço apaixonado que quer casar, está encontrando obstáculos até agora intransponíveis ao seu ideal. É funcionário da Fundação Brasil Central, mas o Serviço de Proteção aos Índios — publicou a imprensa diária — se opõe ao casamento, pelo precedente e porque a mentalidade entre os índios e os civilizados, afirmam, está distanciada por

milhares de anos. De forma que, a ser verdade, chegaríamos ao paradoxo de uma repartição governamental, destinada à proteção do índio, opor-se a um direito indiscutível do cidadão brasileiro, o de casar-se com quem de sua livre e espontânea vontade, não havendo nenhum impedimento legal ao pretendido enlace matrimonial.

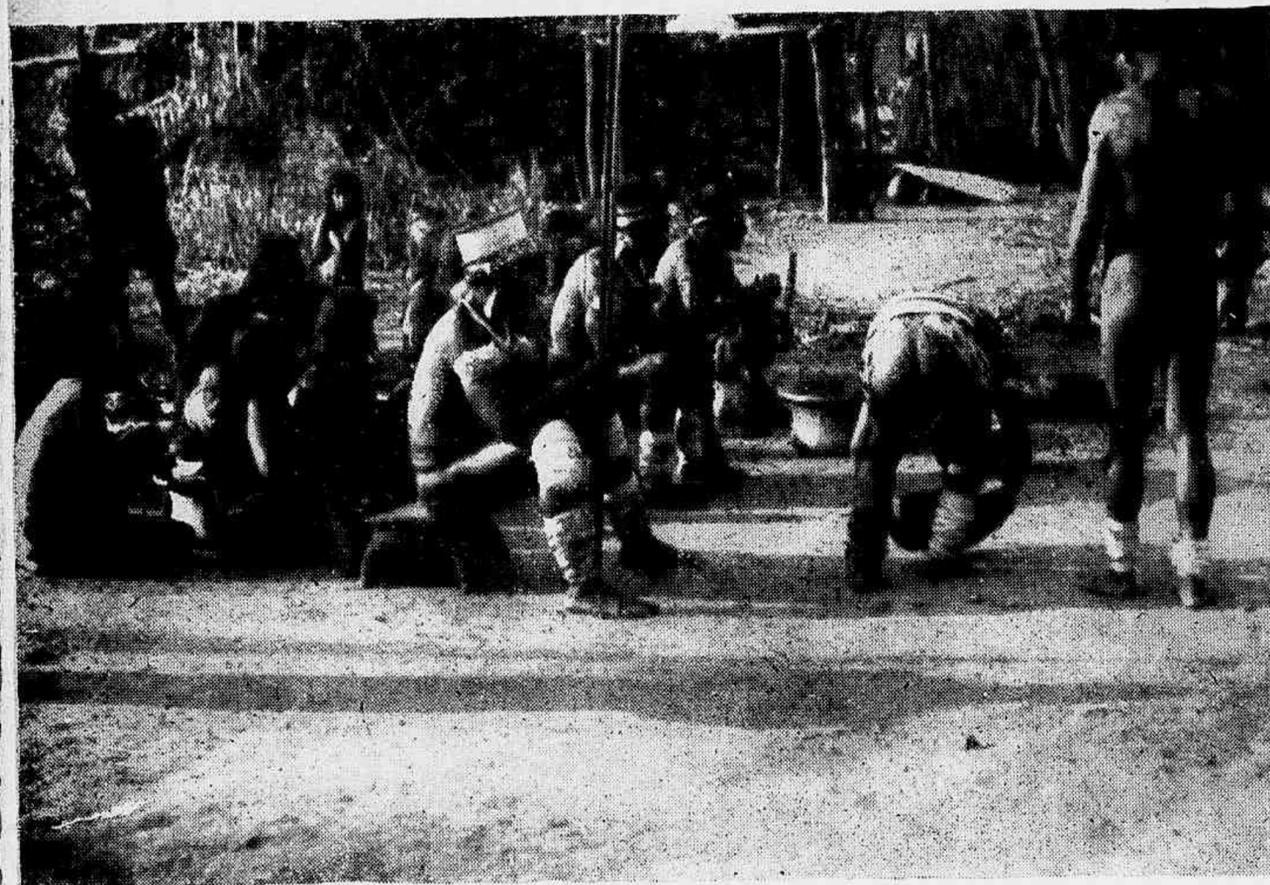
Podem, entretanto, amasiar-se? Nada o impediria? Mas a proteção então é contra a ins-

HEI DE CASAR COM A INDIA!

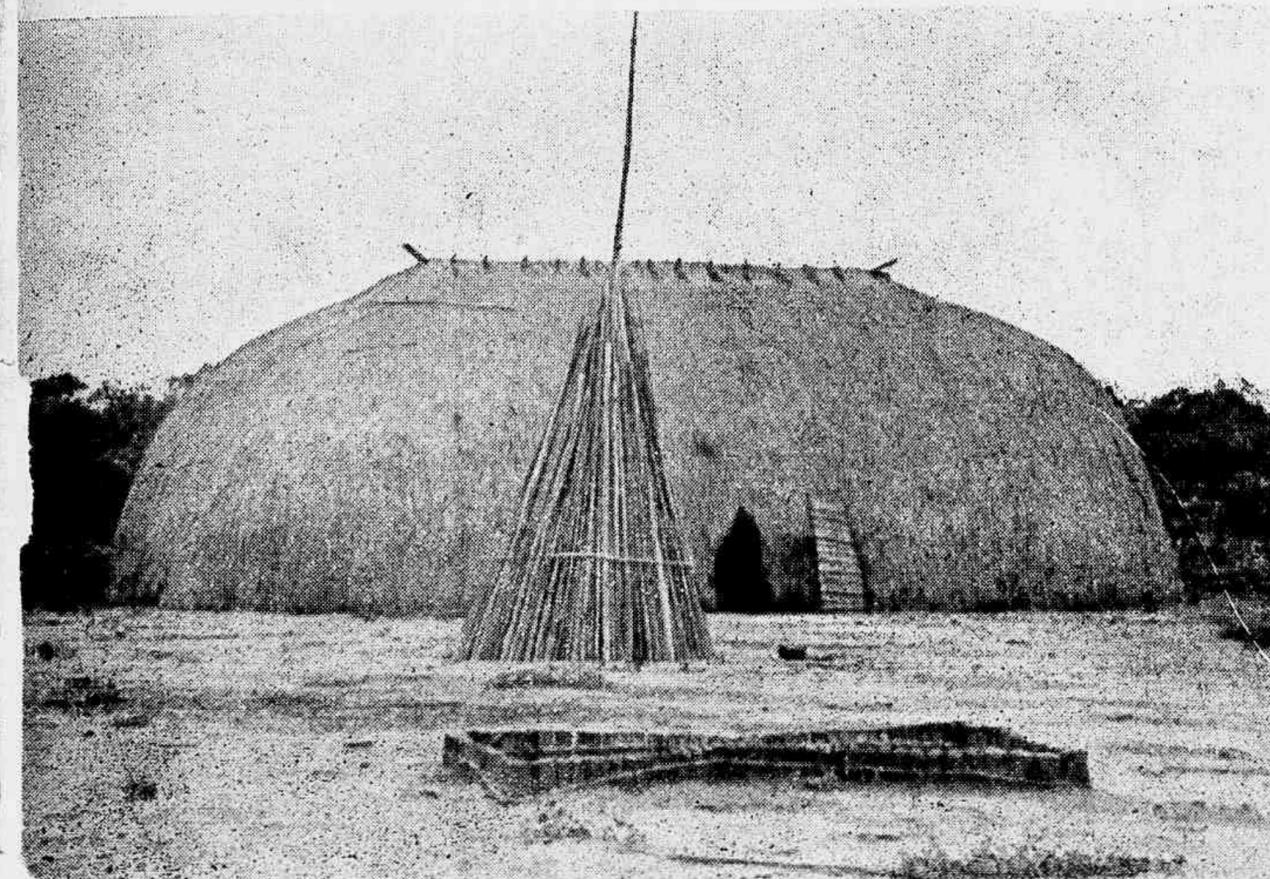




Os chefes da tribo Kalapalos fazem sua refeição coletiva, na mesma aldeia onde vive a índia Diacui, sonho de amor do destemido gaúcho, que desafia céus e terra — para casar com ela.



No centro, a estranha dança «Atãg», com o seu ritual. Em baixo, a taba onde vive a índia amada, aquela que conseguiu acender no peito ardoroso do gaúcho a chama que não se apaga.



HEI DE CASAR COM A INDIA!

tituição do casamento? Tão absurda a hipótese nos pareceu, que resolvemos por nós tirar a limpo o caso...

Localizamos o apaixonado gaúcho na Fundação Brasil Central, onde é funcionário. Encontramos um rapaz bem vestido, bem falante, empolgado pelo seu caso, verdadeira idéia fixa. Quando nos sentiu simpatizantes com o que ele chama o «maior ideal de sua vida», deixou-se fotografar e falou à vontade.

COMO SE FEZ SERTANISTA

Nascido em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, talvez o temperamento inquieto e aventureiro daquela gente da fronteira tenha influído no espírito de Aires da Cunha, decidindo-o a partir, em 1938, para as selvas de Mato Grosso, em busca de aventuras ou pela necessidade de lutar pela vida em outras paragens.

Tinha, então, 21 anos.

Na região do Araguaia trabalhou, durante três anos, no Serviço de Proteção aos Índios. Tomou parte também na Expedição Roncador-Xingu. Há oito anos é funcionário da Fundação Brasil Central. Tendo servido no Pôsto do Xingu e na Base de Xavantina, no Rio das Mortes, hoje Aires da Cunha é o encarregado do pôsto Diuarim, na Serra do Cachimbo, o mais avançado daquela região. Diuarim significa «onça preta». O nome foi dado ao pôsto porque esses animais infestam aquelas matas.

COMO CONHECEU DIACUI, A SUA VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL

— Vi Diacui, pela primeira vez, há quatro anos, quando em 1948 alcançamos as cabeceiras do rio Xingu, comecei Aires da Cunha, contando-nos o seu romance. Descendo o rio Caluene, tivemos contato, à sua margem esquerda, com os índios Kalapalos. Na aldeia, conheci Diacui. Tinha ela, 14 anos. Ao vê-la, fiquei bastante impressionado pela sua singular beleza. Diacui estava presa dentro de sua própria choça, afastada dos homens. É este um costume da tribo. Toda a donzela, ao atingir a puberdade, passa por um período de reclusão, que dura de três a cinco meses. Antes de passar por essa prova, não pode a donzela casar-se.

COMEÇA O ROMANCE

Como permaneci cinco meses na aldeia, pude, depois, aproximar-me de Diacui. Foi esse o começo de nosso romance de amor.

Prosseguindo a expedição, prometi regressar.

COMO VIVEM OS KALAPALOS

O repórter interrompe. Quer saber alguma coisa sobre os Kalapalos e se essa tribo é a mesma que assassinou Fawcett.

— Sim, é a mesma. Aquela época, porém, estavam ainda mais afastados dos civilizados. São índios em estado primitivo. Estão ainda na «idade da pedra». Vivem inteiramente nus, tatuados, pintados de vermelho urucu. Enfeitam-se com penas de aves para as suas danças guerreiras. Praticam rituais macabros. Suas armas são o arco e a flecha. Vivem da caça, da pesca e dos seus roçados, onde cultivam o milho e a mandioca. Pescam com o arco e a flecha, e também com cestas e com o timbó, uma planta que entonetece os peixes devido a rotenona que contém.

A INGÊNUA INDIAZINHA

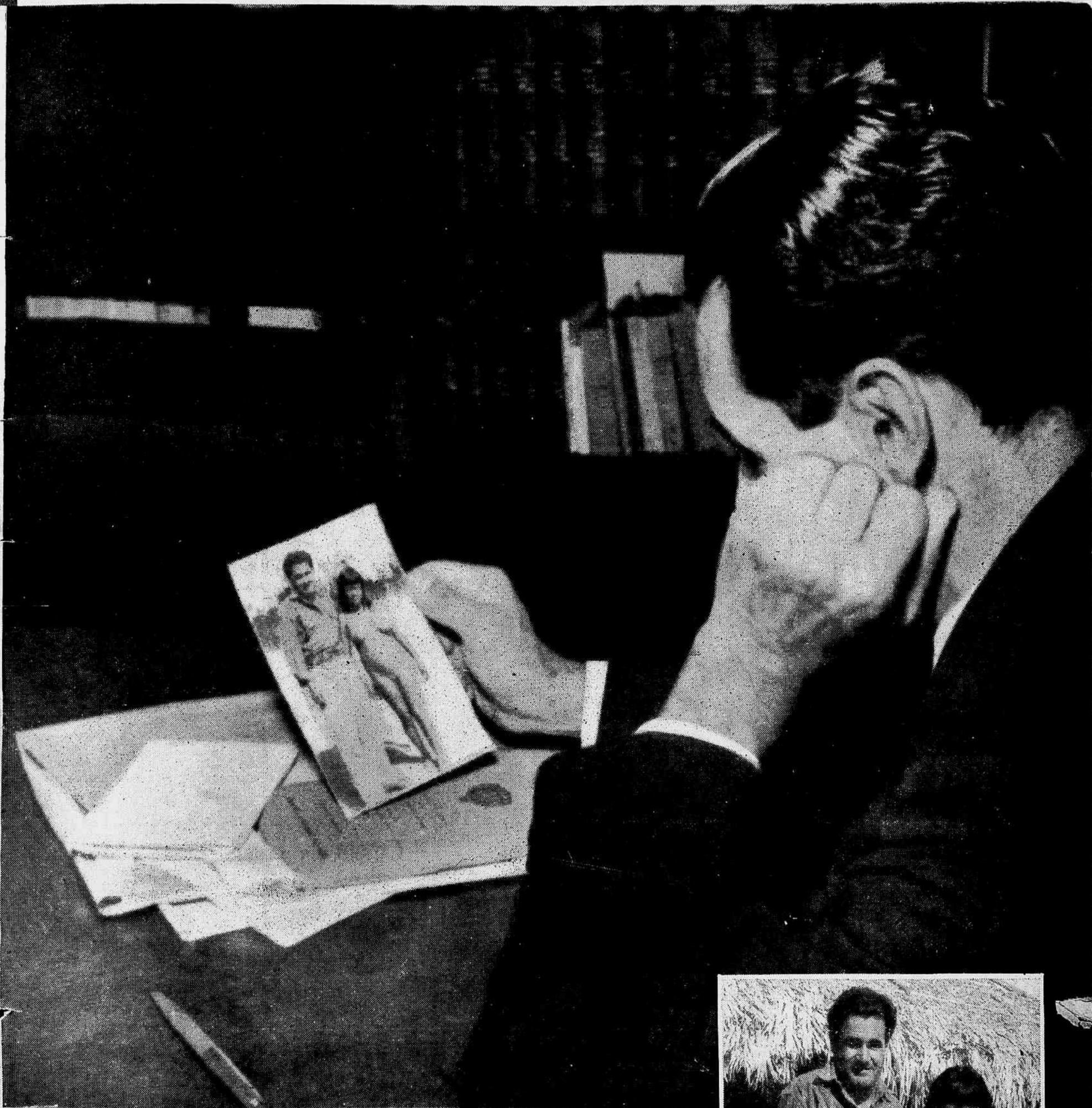
Mas Aires da Cunha volta ao seu assunto:

— Três anos após, voltei à aldeia dos Kalapalos. Encontro Diacui mais formosa do que nunca. Ela não tinha casado ainda. Já estava com 18 anos. Foi quando me apaixonei deveras pela linda indiazinha. Manifestei-lhe o meu amor. Muito ingênua e tímida, Diacui, entretanto, correspondeu ao meu alete. Já aí era intenso o meu amor por ela.

O repórter interrompe:

— Mas como é que vocês se entendiam? Diacui sabe português?

— Não. Não sabe ainda. Estou-lhe ensinando agora. Mas por gestos nós nos entendíamos.



No «cliché» vemos Aires da Câmara Cunha, pensativo, a três mil quilômetros de distância, mirando o retrato da sua adorada Diacui, que aparece na sua muito inocente nudez de índia.

Quando a gente ama, parece que nos fazemos compreender com mais facilidade. O conhecimento de algumas palavras da língua dos Kalapalos também ajudou-me.

Assim, fui dizendo o que sabia

UETINUNA!

— «Uetinuna», por exemplo, quer dizer: — amo-te. «Viutso witselo», significa: — quero casar contigo. Ela respondeu-me: — Óze (sim).

Aires, muito calmo, vai respondendo a certas indagações do repórter. Diz que o Posto da Fundação Brasil Central, do qual é encarregado, fica nas proximidades da aldeia Kalapalo. Encontra-se diariamente com Diacui.

— Ela nunca falta aos encontros marcados. Falo-lhe sempre de amor, manifesto o desejo de casar-me com ela. Diacui me corresponde e também quer casar comigo. Ela é profundamente carinhosa comigo. Damos passeios pela

mata. Passamos tardes felizes às margens do Caluene e tomamos banho no rio.

— Nus? — pergunta o repórter, meio distraído.

Aires acha graça.

— Sim, naturalmente...

QUERO VIVER NA SELVA

— Você é o primeiro amor de Diacui?

— Sim, sou o seu primeiro namorado. Quero casar-me com ela. Diacui também quer. Toda a tribo concorda também. O cacique — Kumatse — já me autorizou a desposá-la. Diacui é órfã de pai e mãe; vive ao lado dos irmãos, sob os cuidados de uma mãe adotiva. Quero viver na selva com aquela que escolhi para a companheira de minha vida. O meu ideal é trabalhar para os índios. Vim ao Rio pedir autorização ao Serviço de Proteção aos Índios para casar-me com Diacui, civil e religiosamente.



HEI DE CASAR COM A INDIA!

lalar a nossa língua. Ela já me compreende relativamente bem. Já come os nossos alimentos no prato, usando os talheres. Veste também as nossas roupas. Gosta de fazer sua «toilette». Aprecia os colares e espelhos.

Mas, de qualquer forma, renunciarei definitivamente ao mundo civilizado, pelo amor de Diacui e viverei com ela na selva toda a minha vida!

★

O caso de Aires Câmara Cunha necessita ser meditado.

Realmente, parece-nos inconcebível que alguém, tendo conhecido um estágio mais elevado de civilização, queira retroagir à barbárie. Vivem ainda os nossos silvícolas em estado primitivo. Estão dezenas de séculos atrasados em sua evolução. Há de permeio entre o seu primitivismo e a nossa civilização, milhares de anos.

OS ETNOLOGOS SÃO CONTRA

E' tarefa quase impossível a adaptação daquela gente ao nosso meio. Passado o tempo, arrelecido o entusiasmo de Aires da Cunha, não se sentirá ele um desajustado naquelas brenhas? Desejará voltar, dentro de alguns anos, ao seu meio. E a índia não se adaptará a outro «habitat» senão ao da sua floresta imensa. Assim pensam os etnólogos do Serviço de Proteção aos Índios, os drs. Darcy Ribeiro, Galvão e Gudín.

AS INDIAS TAMBÉM SÃO VAIDOSAS

O S.P.I. alega ainda outra razão. O branco, podendo oferecer mais conforto à índia e também podendo oferecer-lhe mais presentes — e as índias, vaidosas como todas as mulheres, gostam de adornos e enfeites — em breve preferirão unir-se aos brancos daquelas paragens, vindo a deixar os índios sem mulheres, dando lugar à desarmonia entre brancos e índios... E' o que pensam os sisudos etnólogos, homens de ciência.

Como a região está cheia de aventureiros, dizem aqueles cientistas, o casamento entre branco e índia seria para aqueles um passatempo, enquanto por lá se encontrassem. As índias poderiam ser abandonadas quando eles de lá saíssem.

(Cont. na pág. 46)



A região do Xingu é imensa e ali vivem os índios Kaiapalos, os mesmos que trucidaram o explorador inglês coronel Fawcett. No mapa aparece assinalada a vasta zona do Xingu.

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS NÃO QUER

— Mas o Serviço de Proteção aos Índios não quer consentir no nosso casamento. Alega algumas razões. Lutarei, porém, pelo meu ideal, até conseguir casar-me. Estou disposto aos maiores sacrifícios para desposá-la. Enfrentarei todas as barreiras. Já apelei para o Presidente da República.

AGUARDANDO A DECISÃO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

— E o que decidiu o Presidente?
— Nada. Ainda nada. Mandou que eu fizesse uma exposição de tudo, por escrito. Mas até agora não há nenhuma solução. De qualquer maneira, entretanto, eu me casarei com Diacui, exclama Aires, arrebatado, com o sangue gaúcho a ferver-lhe nas veias. Custe o que custar, haja o que houver! Irei até ao Judiciário!

CASAMENTO EM COPACABANA

— O meu chefe, o dr. Arquimedes Pereira Lima, presidente da Fundação, está do meu lado. Procura ajudar-me. Ofereceu-me até sua residência, em Copacabana, para ali se realizar a cerimônia.

— Pretende residir no Rio com Diacui? Ela se adaptará com facilidade aos nossos costumes?

— Não! Depois do casamento voltarei com ela para as selvas, onde, estou certo, viveremos felizes. Estou desiludido do mundo que se diz civilizado! Diacui está aprendendo a



O general Cândido Mariano Rondon não é contra, mas terá que pensar bem antes de decidir esse caso, que parece cheio de prós e contras.



Aires da Câmara Cunha, na Fundação Brasil Central, dirigida por Arquimedes Pereira Lima, que o apóia, mostra ao redator onde vive Diacui.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 43 ★ 25-10-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Hei de casar com a índia (Altamiro Ponce)	3/6
A vida íntima de Francisco Alves (Zélia Tavares)	11/15
Uma brasileira — o maior fotógrafo italiano (Danilo Ramirez)	17
O segredo dos franciscanos	21/25
Uma escola de elefantes	31/37
Manaus-Washington num «fordeco»	51/57

LITERATURA

A poesia das jangadas (Renato de Alencar)	7
Veneno nas veias	27
Semana Literária (Edmundo Lys)	35

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos	8
A semana em revista	8/9
A personagem da semana (Adhemar de Barros)	9
Lido... visto... ouvido... (Jim)	18/19
Conta-me teus sonhos (Maria Paula)	26
Passatempo	38
Puxe pelo cérebro (Renato Cartaxo)	42

ROMANCE

Um Príncipe em minha vida (Michel Davet)	28/39
--	-------

FOLHETINS

Arabelle	43
Filho, meu filho	48/49

FEMININOS

Botões	32/33
Paris	34
A luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga)	50

CURIOSIDADES

A vida de Noel Rosa (Almirante)	37/41
---------------------------------	-------

ATUALIDADES

Como «Oggi» explica os fenômenos dos discos voadores	30/31
Jôquei Clube	52/53

CARICATURA

Este mundo e o outro (Darcy)	10
------------------------------	----

CAPA

Janis Carter (Columbia)

A POESIA DAS JANGADAS

OS índios nos deram a igarapaba de apeíba, o «pau de jangada» de nossos pescadores nordestinos. Não conheciam a vela. Era movimentada a remo, ou seguia à feição da corrente como a vida dentro de uma saudade. Com o colonizador luso, os pescadores lho adicionaram a vela, muito branca, semelhante ao longe um pedaço de nuvem ligando o oceano ao céu. O viajante que chega de navio aos mares do nordeste emociona-se ao admirar, em altos mares, a audácia dos jangadeiros, na faia da pesca em barcos tão frágeis. E muitos emendam o dia com a noite, a noite com o dia, comendo farinha com rapadura, o pedaço de peixe frito no coité, enquanto o samburá se vai enchendo da pescada. O pescador dos mares do nordeste, de Alagoas ao Ceará, é um espetáculo para o turista que viaja no conforto dos transatlântico e não acredita na audácia daquela gente heróica, bronzeada pelo sol equinocial. E quanta beleza épica na história dos pescadores do nordeste do Brasil! Aquêlo imortal Francisco José do Nascimento, o «Dragão do Mar», que desafiou a polícia escravista do segundo reinado e declarou com a bravura dos apóstolos: «No Ceará não se transporta mais escravo». E suas jangadas tiveram outra missão: a de libertar os negros cativos. A costa cearense se converteu em terra da liberdade e nasceu daí a cidade da Redenção. O redentor era o jangadeiro. Quatro anos antes de ter fulgurado em nossa História o Treze de Maio, já o Ceará libertava os seus 18 mil negros e destruiu as senzalas. «Terra da Luz», lhe chamaram. E haverá maior luz do que a luz da Liberdade? Nascimento foi um luzeiro. A jangada foi o «habeas corpus» com que não sonharam os liberais ingleses. Os brasileiros do sul só tiveram conhecimento da jangada nordestina quando vieram ao Rio, em sensacional raide, o destemido Jacaré e seus amigos, proeza que acaba de repetir-se com os pescadores da famosa jangada que ligou Fortaleza a Pôrto Alegre.



Surge a notícia que o Sr. Ministro da Agricultura vai substituir as jangadas do nordeste por barcos de pesca modernos, motorizados, vindos da Noruega especialmente fabricados para o Brasil. Não sabemos se os nossos Jacarés, os nossos Tatás e Jerônimos se habituarão à nova maneira de pescar em águas nordestinas. Será que eles desprezarão as jangadas de apeíba, com suas velas poéticas, brancas ou coloridas, deslizando na crista das ondas bravias dos mares nordestinos?

Será que, substituindo a tósca jangada, os poderes públicos vão substituir também a casa de palha do pescador, dar-lhe conforto, médico, hospital, escola para os filhos, assistência econômico-financeira? Se os barcos de motor, velozes, higiênicos, dispoendo de petrechos de pesca do que há de mais atual e eficiente, vão substituir as jangadas, também os jangadeiros devem acompanhar a marcha do progresso e deixar as choças em que vivem, com a numerosa família, mudando-se para casas elegantes e confortáveis, dispoendo ainda de assistência social completa e crédito para enfrentar as dificuldades da vida.

Per favor, Sr. Ministro! A jangada é uma escola. Escola de bravura, de patriotismo, de brasilidade. Que venham barcos modernos, mas que não se extingam as jangadas cearenses, tradicionais, históricas, audazes e pitorescas, figura central da heráldica da Terra da Luz, a jangada, que é todo o encanto das páginas de «Iracema», o poema fitológico singrando sobre as ondas, como um pentagrama milagroso, levando ao alto mar a magnitude de uma sinfonia heróica na qual tomam parte o Céu, o Vento, o Mar, uma Vela e o Pescador, num hino ao Brasil caboclo!

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 200,00
Seis meses	Cr\$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 230,00
Seis meses	Cr\$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 180,00

O número avulso custa Cr\$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: I. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 89 — Telefone: 84-1569

Redator-chefe

GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor: GRATULIANO BRITO
Assistente: RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Const. tuyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interpresa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em todas as localidades do território nacional

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Este número tem 60 páginas

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

26 de Outubro de 1902

CANÇÃO

HORAS cruéis de nostalgia profunda e de insofridas dores, em que a minha alma geme dolorosamente nas contorsões da agonia...

Horas de meditações e de dolorosa saudade...
Passae! Passae velozes!

Levae convosco os goivos da saudade, para os depositar no tumulo singelo das minhas illusões e phantasias!

E, quando por noites tempestuosas, o agoirento mocho vier, com seu pio melancholico e funereo, quebrar a sacrossanta paz desse sepulchro; e o luar, castissimo e preceitado, depositar, sobre o cruzeiro humilde, um prolongado beijo de saudade na casuarina esguia, o vento, passando, frio e cortante, murmurará a canção magoada dos Intellizes!... Horas cruéis em que a minha alma doente dissiere, na lyra do infortunio, as derradeiras notas de uma harmonia de pranto, que vêm repercutindo no meu coração, como o canticco da morte, e se desfazem na atmosphera pesada e tetrica do meu Exilio!

Passae! Passae velozes!...

Deixae-me repousar, por um instante, em doce lethargia, enquanto o meu Espirito vagueia pela mansão indefinida do Nada, pelo Além-tumulo indefinido, em busca de almo conforto, em busca de um lenitivo para o meu coração amargurado. Passae, horas cruéis, passae velozes!...

CELSO ARANTES

«MATCH» BRASIL — ARGENTINA

DEVE COMEÇAR imprateavelmente no proximo sabbado, 1 de novembro, o match de xadrez entre o Club dos Diarios desta capital e o Club del Progreso de Buenos Aires, cuja primeira partida ficou adiada em virtude de molestia de um dos nossos campeões o sr. dr. João Caldas Vianna Designada pela sorte, tirada em Buenos Aires no dia 17, caberá a sahida ao Club dos Diarios, que jogará portanto com as brancas a primeira partida. Não sabemos, porém, se o facto do adiamento importará em um novo sorteio, o que aliás pouco influirá sobre o resultado do «match», visto que vão ser jogadas duas partidas. Esse adiamento noticiado pelo *Jornal do Brasil* não poudé entretanto ser publicado nesta columna em vista da antecedencia em que redigimos a secção.

● No dia 19 do corrente completou o seu sexto anno de publicidade a *Revista de Jurisprudencia*, proficientemente dirigida pelos srs. drs. Raja Gabaglia, juiz da 2ª pretoria, e Bartholomeu Portella, conhecido advogado do foro desta cidade. Nesse curto periodo de existencia, a *Revista*, que conta entre os seus colaboradores os mais notaveis juriscosultos brasileiros, tem prestado relevantes serviços ás letras juridicas, o que lhe tem valido o justo conceito em que é tida e as innumerables sympathias de que dispõe em todos os Estados do Brasil. Por esse motivo os seus dignos directores, bem como o seu activo gerente, sr. Arnaldo Costa, escrivão da Corte de Appellação, receberam naquelle dia um sem numero de felicitações.

A ACTUALIDADE EM PORTUGAL

O grande e sensacional desastre perto de Cascaes. — Morte de uma distincta dama da aristocracia portugueza. (Do nosso correspondente artístico em Lisboa).



1 — Croquis reconstruindo o desastre: — O cavallo que puxava a charrette do sr. conde de Sabugosa, precipitando-se com o freio nos dentes sobre uma ribanceira, no sitio do Pae do Vento, (perto de Cascaes) projectando contra as pedras do caminho a filha daquele titular, que logo teve morte instantanea, e fazendo cahir também o sr. conde, que ficou muito ferido. 2 — D. Maria do Carmo de Meilo, filha dos srs. condes de Sabugosa, victimada pelo desastre. 3 — Conde de Sabugosa, que acompanhava sua filha e que ficou gravemente ferido. (Este retrato é copia de um desenho de Sua Magestade a Rainha de Portugal).

OPTIMISMO PARISIENSE

— Cá para nós, você não devia fiar-se em X. Não perde occasião de dizer mal de si.

— Sim, bem sei que diz mal de mim; mas é preciso perdoar-lhe, entende? E' o unico amigo que tenho.

A Semana

Uma do Juscelino

QUANDO os homens chegam a certas alturas e influências sociais e políticas são tratados sempre na intimidade: o Ruy, o Getúlio, Rio Branco, Pedro II, etc. Não reparem, pois, na maneira familiar do título, ao invés de «Uma do Exmo. Sr. Governador Juscelino Kubitschek». O governador de Minas Gerais é um cidadão popular, afável, sempre de bom-humor. Trouxe para a vida pública os ares sadios daquela encantadora Diamantina, tão fria nos ares e tão quente nos amôres. Mas vamos ao caso. Aristides Sousa, «chaulfeur» de um caminhão de empresa particular, ia dirigindo seu pesado veículo, quando, em certo trecho da estrada de Lagoa Santa, abalrou o carro do governador do Estado. Azar do Aristides, que se viu desde logo inscrito para um ostracismo profissional deplorável. Dito e feito. Apurada a sua responsabilidade pela policia técnica, a firma em que trabalhava o despediu. O pobre homem ficou no mato sem cachorro, sem eira nem beira, e, ainda por cima, com uma falta muito séria em sua carteira. Juscelino soube e mandou chamá-lo. Aristides empalideceu. Iam prendê-lo, na certa. Mas foi. O governador lamentou o desfecho do caso e lhe deu um emprêgo no Departamento de Estradas de Rodagem. Por segurança, ele agora vai dirigir tratores, sem medo de excesso de velocidade.



Sêca e mais sêca

NÃO se trata das sêcas do sertão nordestino; a sêca a que nos referimos fica mesmo aqui no Rio, e nos bairros chiques da zona sul. O Leme, esse bairro elegante e lindo, a que deram o nome de «Nova Biarritz» aí por volta de 1904, começa a sentir sede. Não corre água em suas bicas e torneiras. O jeito que se tem é correr para o mar e lavar-se, pois banho de mar, não admitindo sabão, nada mais é do que uma lavagem de esfrega-mão. Quando correu a noticia de que se havia mudado para aquêlê bairro um dos chefes da distribuição d'água de Copacabana, todo mundo ergueu os braços para os céus agradecendo a graça. Não era possível que, morando ali tão alta personagem, continuasse o Leme sem água. Mas, ou não se verificou a mudança, ou o Leme está mesmo de azar, pois água ali é objeto de luxo, muitas vêzes se pagando dois cruzeiros por uma moringa ou «quartinha», como dizem no norte. Há semanas em que só se vê água minguada, em rações homeopáticas, num ou dois dias. A crise começa às sextas-feiras e se prolonga até às têrças, com uma regularidade de febre de maleita. Sábado e domingo não há água de jeito nenhum. As donas de casa ficam aflitas, irritadas, e, ao invés de um dia feliz, todo mundo se amola, numa contrariedade desoladora. E apenas começa o verão... Que a Providência nos dê mais paciência, já que esta ainda não está racionada.



Em Revista

Beethoven reclamou



BEETHOVEN da Rocha Pimentel mandou lavrar uma escritura de promessa de compra e venda em que é promitente comprador, e o Oficial do 1º Ofício do Registro de Imóveis lhe apresentou uma conta de custas da lei no total de Cr\$ 980,00. Beethoven achou muita coisa para tão pouca transação e reclamou, pelos meios legais, junto ao Desembargador Guilherme Estelita, Corregedor. Depois de atentamente verificada a queixa, o Desembargador ouviu o acusado e mandou que fôsse feito o levantamento total das custas pelo Contador do 1º Ofício, chegando-se à conclusão de que as mesmas importavam em Cr\$ 175,00. E agora? O Desembargador-Corregedor exarou o seu despacho: — «Atendendo a que... Atendendo a mais isto e a mais aquilo, julgo procedente a Reclamação de fls. 2 para o fim de declarar que o Reclamante está obrigado às custas contadas pelo Contador (Cr\$ 175,00) e impor ao Oficial Reclamado a pena de censura». Muito bem; mas, e a devolução de Cr\$ 805,00, cobrados a mais? O Oficial não está obrigado a entregar ao prejudicado? Que sirva de exemplo a quantos têm assuntos semelhantes, especialmente agora com essa febre de aquisição de imóveis. Acauletem-se os Beethovens...

A **PPASSIONATA**, filme da «Vera Cruz» de São Paulo, ajuda a subir em vários graus o cinema brasileiro. Do seu elenco se destacam: Tônia Carrero, magnífica, impecável no papel de Sílvia; Edith Helou, interpretando a governante do luxuoso palacete do casal Hauser-Sílvia; Ziembinski, excelente no papel de espôso de Sílvia; Anselmo Duarte, no papel de Pedro, o par amoroso do filme, embora um prematuro rompimento viesse alterar o ritmo de um amor circunstancial. Tema policial, com enredo muito do agrado do público, mantendo a platéia presa ao argumento na incerteza de que o maestro Hauser tenha sido assassinado pelo «chauffeur» da espôsa, ou, realmente se suicidado. Há ambiente de grande luxo, concertos no Municipal de S. Paulo, músicas de Beethoven, amor, uns momentos alegres de intervenção juvenil por parte de menores internos em um reformatório à beira-mar. Pois bem: apesar de estarmos diante de irrecusável vitória do cinema nacional, de excelente filme dirigido por Fernando de Barros, com fotografia, ritmo, enquadramento de primeira ordem, há sempre uns engraçadinhos que soltam graças idiotas provocando risos e gargalhadas de outros imbecis. Foi o que sucedeu no «Rian», em Copacabana, na sessão das vinte horas de terça-feira, 7 de outubro. Será que a polícia não pode acabar com tais abusos? For que não mandam êsses «engraçadinhos» para a limpeza das ruas? Talvez sirvam para gari.

Cinema Nacional



A PERSONAGEM da SEMANA



CENTO e vinte e dois dias esteve o sr. Ademar de Barros fora do país, percorrendo quase toda a Europa, em viagem mista de turismo e de observação. Político de grande atividade, foi recebido pelos seus correligionários ao descer no Galeão, dando entrevistas a jornais e, antes de ir para o Copacabana-Palace, visitou a sede do seu partido, o P.S.P. A política nacional se agitou com a sua chegada e muita gente anotou a presença de grandes nomes do Governo em seu desembarque. E' o ex-governador de S. Paulo a Personagem da Semana que passou.

SENSACIONAL!

REVISTA DA SEMANA adquiriu para todo o Brasil os direitos exclusivos das sensacionais

MEMÓRIAS DO PRÍNCIPE YUSSUPOFF

o mais rico, o mais célebre don-juan da Europa — o homem que assassinou

RASPUTIN, O MONGE NEGRO

— dominador da côrte do último czar da Rússia.

Iniciaremos breve em capítulos, a publicação exclusiva dessas MEMÓRIAS, que vão ser agora lançadas em livro na Europa e nos Estados Unidos.

SENSACIONAL!

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

HOMENS NA COZINHA

ORA, MEU BEM, VOCÊ ESTÁ DOENTE
MAS NÃO SE PREOCUPE... EU MESMO
FAREI O ALMOÇO!..



A VIDA ÍNTIMA DE FRANCISCO ALVES



«CÉLIA, VOCÊ E O MEU VIOLÃO SÃO A RAZÃO DE MINHA VIDA!» ★ UMA HISTÓRIA DE AMOR E GLÓRIA, O ROMANCE DE FRANCISCO ALVES E CÉLIA ZENATTI ★ OUVINDO A SUA COMPANHEIRA DE TRINTA ANOS ★ EM CADA OBJETO FALA A RECORDAÇÃO DO «REI DA VOZ», O MAIOR SERESTEIRO DO BRASIL ★ UM AMIGO FRANCO E LEAL — DIZ O ESCRITOR E POETA FREIRE JÚNIOR. ★ «CHICO, VOCÊ SABE?» ★ JOSÉ SEGRETO, AMIGO DO CANTOR, PROMETE DIZER COISAS...

Reportagem de ZÉLIA TAVARES

AINDA está bem viva na memória do povo brasileiro o triste fim do maior ídolo da música nacional, Francisco Alves. Numa tarde de sábado, quando se dirigia para o Rio, proveniente de São Paulo, onde momentos antes cantara para uma imensa multidão de fãs, Chico Alves, o Rei da Voz, foi violentamente arrebatado desta vida, deixando em todos os corações um vazio indescritível.

Entre tantos milhares de corações abatidos pelo desaparecimento do astro querido, figura em primeiro plano um mulher. Aquela que durante trinta anos viveu em companhia de Chico, participando com ele de todas as amarguras e de todos os triunfos. Essa mulher é Célia Zenatti, a primeira atriz da companhia onde Chico estreou no teatro São José. Viu Chico, amou-o e, por fim, numa prova de infinito amor, abandonou sua carreira de glórias para se dedicar inteiramente àquele a quem ajudara e que, graças a ela e a alguns amigos, e à voz maravilhosa que possuía, chegou a ser o expoente máximo da música nacional.

CONVERSANDO COM CÉLIA ZENATTI

Fomos encontrar Célia em casa de seus parentes, em Copacabana. Estava abatida, não querendo falar com ninguém. Depois de relutar muito, conseguimos conversar um pouco. Queríamos apenas que nos falasse do seu passado e nada mais.

— Recordar o passado... foram suas primeiras palavras que traduziam para nós o consentimento para a palestra que desejávamos.

ASSIM NASCEU O GRANDE AMOR DO CANTOR

— Foi em 1922. Trabalhava eu no Teatro São José, quando José Se-

greto me apresentou sua nova descoberta. Fiquei impressionada não só com a voz de Chico, mas com seu olhar, seu sorriso. Naquela noite não dormi, pensando no rapaz. Tinha a impressão de o conhecer há muito tempo. Creia, foi amor à primeira vista.

Na noite seguinte, depois do espetáculo, saímos juntos e ele me decla-

çou-me ardentemente, dizendo que não poderíamos continuar vivendo mais separados. Queria unir sua vida à minha em todos os momentos e todas as horas. Foi então que fomos residir em Vila Isabel. Nessa época, Chico percebia 300 mil réis e eu um conto e quinhentos. Vivíamos felizes, tudo eram rosas em nossa vida. Quando me via triste, Chico apanha-

gria, depois que tive o meu Chico como «partenaire».

E Célia Zenatti continua contando sua história. De vez em quando apanha uma fotografia e mostra-nos, referindo-se a fatos passados no dia em que a tiraram.

CÉLIA ZENATTI ENCAMINHOU CHICO ALVES

Quando ainda não ingressara no teatro, Chico Alves, ou melhor, Chico Viola, como era conhecido na boêmia, vivia à noite e dormia durante o dia. Seu físico mesmo traduzia a vida que Chico levava. Pálido, com olhos profundos, era bem o retrato do boêmio, do homem que vive nas rodas noturnas.

Seus pais sempre procuraram convencê-lo a deixar aquela vida, todavia, embora respeitasse muito o velho comerciante que era seu progenitor e promettesse a sua mãezinha que seria um bom menino, não deixava a boêmia. Não podia, sentia falta da lua, dos cabarés onde perdia todas as noites. Mas, um dia viu Célia e se apaixonou. Aos poucos a grande atriz foi se esforçando para que Chico mudasse de vida. Deu-lhe a mão e o coração e não demorou muito para que Chico mudasse. Agora, passava as noites com ela, embriagando-se com o seu amor. E os três, Célia, Chico e o Violão, passaram a ser inseparáveis.

— Vivíamos exclusivamente do teatro, continua Célia, passando ora a representar em Porto Alegre, ora em Curitiba, em Buenos Aires, no Rio e São Paulo. Sempre, porém, juntos, compartilhando as nossas glórias mutuamente.



RECORDAR E' VIVER OUTRA VEZ — E Célia Zenatti abre a valise em que guarda o seu tesouro, as grandes recordações de um amor, as cartas de Chico Alves, os retratos de tantos momentos felizes.

rou seu amor, num recanto maravilhoso que só ele conhecia, e onde fomos sempre após nosso trabalho. Ainda me lembro de suas palavras, pronunciadas quase na surdina, como se fôsse um sussurro do mar que beijava as areias lá em baixo, aos nossos pés. «Célia, você e o meu violão são a razão da minha vida.» Em uma daquelas noites Chico abra-

va o violão e, puxando-me para seu lado, cantava. Aí, todas as preocupações se desfaziam.

Mais tarde fomos morar em São Paulo, onde continuou nossa «lua de mel». Já então, começávamos a nos projetar com mais intensidade no teatro. Eu já era artista, todavia, comecei a trabalhar com muito mais ale-



«CÉLIA. A MINHA MULHER QUE TANTO ADORO. — (as.) CHICO ALVES». — Um retrato e uma dedicatória, apenas, dizem tudo...

LAMENTAVA NÃO PODER DAR-ME SEU NOME

De uma feita, Chico foi à Buenos Aires só, eu ficara no Rio, pois andava indisposta e o médico me proibira de trabalhar por algum tempo. Chamado ao consultório do médico, Chico soube que, embora não houvesse ainda uma certeza absoluta, tudo indicava que ele seria pai. Chico ficou exultante. Ser pai era seu maior ideal. Certa vez dissera

que se Deus lhe desse um filho, seria capaz até de deixar de cantar. Sabe o que significava para ele deixar de cantar? — Imagine então.

Quando voltou, Chico trouxe-me um enxoval completo para o «bebê». Mas, foi triste, terrivelmente triste, quando dias após nós tivemos o desencanto de saber que não era um filho e sim «mola». Nessa época, Chico dissera para mim que o seu maior desgosto era o de não poder dar-me seu nome, pois, já se casara



A ARTISTA CÉLIA ZENATTI, vestida de mexicana, nos bons tempos em que era «estréla» de nosso Teatro e Francisco Alves estreava.

«VIVERÁS SÓ PARA MIM»

Quando Chico começou a se destacar, quando passou de Chico Viola para Francisco Alves, o Rei da Voz, fêz-me um pedido, que a princípio relutei em aceder. Mas o meu amor por ele era por demais elevado para não atendê-lo. Queria que eu deixasse de trabalhar, — «Você precisa viver só para mim, não quero que os outros compartilhem daquilo que é só meu. É um egoísmo, reconheço,

antes e, como ele mesmo dizia, não dera certo. Não fôra talhado para ser marido daquela mulher, pois nunca houve harmonia entre eles.

Eu, porém, procurava sempre convencê-lo a esquecer tudo. Já não éramos, por ventura, excessivamente felizes? — Então, por que pensar no passado?

E levávamos a nossa vida numa constante lua de mel, subindo juntos os degraus da fama e da glória artística.



CINCO «ASES» DE OUTRORA — Do álbum de Chico Alves Aparecem na foto: êle, Noel Rosa, Petra de Barros, Mário Reis e Nonô.



TRÊS BROTINHOS DO PASSADO — O conhecido tenor Vicente Celestino, ladeado por Chico Alves e Noel Rosa. Bons tempos aquêles.

CHORANDO UMA VOZ

Por DIDI FONSECA



EMUDECERAM os violões! Dizem todos. Não! Grito eu em protesto. Os violões estão aí, mais plangentes que nunca, mais tangíveis do que jamais o foram. É o símbolo da verdadeira alma brasileira, que revive pujante numa vida que se foi. Poderemos dizer que os violões ensurdeceram, porque nunca mais ouvirão a voz de seu Rei. Morreu Francisco Alves! Trágica, penalizante morte, se a morte já por si não fôsse uma tragédia. Nunca mais... Palavras bem mais tristes que o Adeus que ele tão bem cantou, porque no Adeus pode haver Esperança. Mas sua morte vem provar que no próprio Nunca Mais pode haver esperança; sim porque os que não acreditavam mais nas belezas das promessas da Fé, suspiram saudosamente... e voltam a crer na alma. Ela existe. Está aí, quase palpável, reveladora, e os que suspiram saudosos, respiram mais tranquilos na nova confiança despertada na humanidade. Não dorme uma época em que um povo todo chora uma voz, não é insensível uma humanidade que, descrente pelos horrores da guerra e pelo egoísmo dos homens, forma um corpo só, compacto e humano, para dar um último adeus à um caixão onde se encontra um pedaço de si mesmo. Sim, porque com Francisco Alves, perdemos alguma coisa de nós mesmos; cada um devia ter sentido isto. Foi o que senti eu, mulher, aqui no meu apartamento, ao ter a notícia, e por terceiros que ouviam o rádio. E só conheci a Voz, não o homem. E se a voz, um dom divino, tanto fez que amássemos seu dono, é porque tocava à alma, é porque vinha da alma. Logo, a alma existe... Por que, então, tôda esta descrença, em que se debatem uns e pela qual os crentes se debatem? É boa, é bela, é pura a alma brasileira. Ela estava tôda ali, naquela manhã de luto, num soluço uníssono que, envergonhados da beleza que teimosamente não queremos mostrar ou encontrar, escondíamos na garganta.

● A notícia da morte do Rei da Voz, pela tragédia, penalizou-me de choque; logo senti que com ele ia, também, um pedaço de mim mesma — e assim deviam ter sentido todos os lares em recordações diferentes... ou talvez iguais! O passado não morreu, dizem. Mas quando vivem os que estão envolvidos nele, procuramos lembrá-lo como uma recordação doce, uma saudade morna que nos aquece e não é dolorosa. Quando, porém, os entes vão-se indo, nós também não buscamos o passado; êle, então, o passado, é que nos busca teimoso, sabendo que humanamente se procura fugir do sofrimento possível de ser evitado. Francisco Alves era parte do nosso Lar, parte da adolescência de minha filha, hoje recém-casada, não morando comigo... e eu não ouvindo rádio! U'a menina que depois da missa do colégio, aos domingos, vinha para casa — não apartamento — uma ampla e bela casa — não no Rio torturado, mas numa Curitiba cheia de jardins maravilhosos e rosas raras e bem cuidadas. E em chegando a casa, a menina deitava novamente, até que a mãe corria subindo os degraus de mármore, ao seu chamado obrigatório e estridente: «Mãe! Francisco Alves!» Era meio-dia. Eu sentava aos seus pés, no enlêvo da hora, da voz e da filha. E

era feliz, tão só e simplesmente feliz, naqueles momentos comprovantes de que a felicidade é coisa simples... ou é momento! «...e até o próximo, se Deus quiser». Não devo sentir, então, que agora já morreu um pouco, com Francisco Alves, êstes passados e tranquilos momentos? Já não posso revivê-los com o mesmo sorriso de outros domingos. E fico pensando; se Francisco Alves não teve a felicidade — ou desdita — de ser chorado por olhos de mãe ou filhos (não digo espôsa, porque espôsa é companheira, e esta lá estêve, entregue à sua dor, mas fiel no seu pôsto) teve a ventura de saber raios d'água muitos olhos maternos ou filiais; todo o olhar brasileiro. E de luto tôda a alma brasileira. E para êle não existirá nem mesmo o Nunca Mais, pois na morte imortalizou-se, e esta prova de solidariedade humana, de dor pela morte de um brasileiro «que cantava», é a prova da Fé e da Beleza, e na fé e na beleza, nunca nada morrerá, porque elas são eternas como o amor, e prometem sempre uma nova vida. Aí está, pois, desnudo, o povo carioca. Seus dirigentes que procurem tirar desta pureza, novas forças para bem dirigi-lo. Não somos um povo descrente — apesar dos pesares — resta que saibam levantar esta moral... e dar-lhe o que merece.

● É de minha impressão que a Igreja há pouco canonizou a menina Garotti, como um refôrço de Fé, numa humanidade que a Igreja julga descrente. Seria uma canonização atual, mais contemporânea que revolveria mais de perto as cinzas — ou braseiro? — duma espiritualidade que se vai... E minha opinião, porque afinal a menina, embora criada cheia de fé cristã e sempre portadora de sãos princípios, não fez mais do que estas tantas que um monstro atacou: defender sua natural pureza. Louvo êste cuidado real da Igreja, tirando da fraqueza — ou fôrça? — de seus adeptos, novas fôrças que serão a Pira do cuidado constante do pastor para com suas ovelhas. A Igreja via morrer a fé. Nós agora a vemos renascer. A Fé na Humanidade, a Fé no brasileiro. Que o Governo, pois, tenha pena dêste mesmo povo que se uniu e chorou junto, a morte do Rei da Voz do Brasil. Envolver-te à saudade da infância de minha filha, Francisco Alves, é a lágrima de mãe — filha, irmã... ou sonhadora — que eu te oferto!



UM TRIO DE SUCESSO — Célia Zenatti, ao centro, de baiana, Francisco Alves e Jararaca, os caipiras que aparecem a seu lado.

mas assim como não deixo meu violão nas mãos de outros, assim, quero tê-la guardada só para mim.»

Diante dessas palavras, continua dona Célia, minha vaidade de grande atriz ficou para trás e passei a ser apenas a companheira dos momentos de amor do grande, do imortal poeta da música brasileira.

Mas, creia, nunca me arrependi, porque, mesmo que eu viva cem anos, jamais esquecerei aquelas horas de completa e indescritível felicidade.

Deixamos Célia Zenatti entregue às

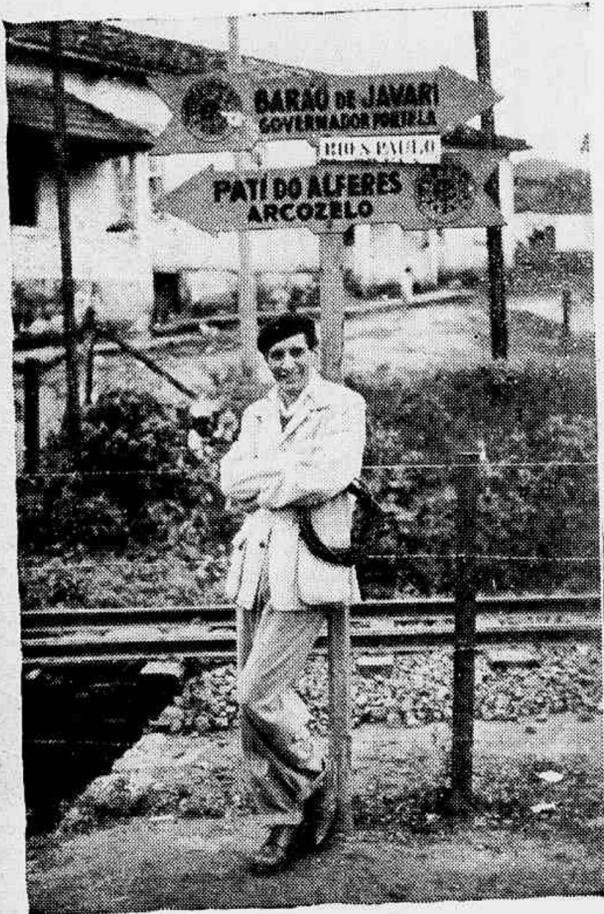
suas recordações e partimos, trazendo conosco a história do grande amor de Chico Alves, o Rei da Voz.

FREIRE JÚNIOR RECORDA A FIGURA DE SEU AMIGO CHICO VIOLA

Já havíamos conversado com a mulher a quem Chico Alves mais amara em sua vida. Queríamos agora ouvir o grande amigo do Rei da Voz, aquêle a quem êle certa vez se referiu dizendo ser a sua estrêla: — Freire Júnior.



«ADEUZINHO, MINHA CÉLIA» — Chico Alves ia partir para um espetáculo na capital mineira — Belo Horizonte — e acaricia a sua amada.



O «WEEK-END» DE FRANCISCO ALVES — Sorridente, mostrando o quanto era feliz, nos fins da semana é que êle se sentia como um rei.



O APAIXONADO «TURFMAN» FRANCISCO ALVES — No seu «Haras», Chico acariciava seus cavalos e cantava baixinho para êles.



FIGARO, FIGARO, FIGARO... — O barbeiro que servia a Francisco Alves conta que êle estava sempre contente, falando bem de todos.

Não foi difícil conseguir de Freire Júnior uma palestra sôbre o Rei da Voz, pois, quem quer bem a alguém como Freire queria a Chico, sente um grande prazer em poder contar cenas de que ambos participaram.

AMIGO, SEMPRE AMIGO

— Chico era antes de tudo um homem leal e sincero. Nunca foi um ingrato. Conheci-o quando ainda era um rapaz pobre, um estróina, um boêmio. Pois bem, os amigos daquele tempo, ainda o eram até o dia de sua morte. Nunca os abandonou, nem mesmo agora, quando era um milionário deixava de atender os amigos pobres.

Todos aquêles que o procuravam, encontravam-no sempre às suas ordens. Ajudou muitos artistas a subir, entre tantos figura um dos amigos que mais choraram sua morte: — Orlando Silva.

Realmente, no dia do entêrro do desditoso cantor, Orlando Silva esteve na Câmara durante tôda a noite e até a hora em que o corpo baixou à sepultura esteve presente. E como Orlando, muitos daqueles a quem Chico ajudara, foram acompanhá-lo à sua última morada, derramando lágrimas de mágua e de saudade.

— Mas, continua Freire Júnior, Chico foi um boêmio impenitente. Quando o encontrei era um dêsses rapazes que passavam as noites no «bas fond» da Lapa. Todavia, era um bom menino, pois, quando começou a gravar, Figner e eu procuramos

mostrar-lhe que deveria mudar de vida, pois, assim, acabaria perdendo o futuro que o aguardava.

Foi então que comprou a casa de

Vila Isabel, tendo combinado que o pagamento da mesma seria descontado das suas gravações. Já naquele tempo seus discos tinham gran-

de aceitação, já começava a se transformar de Chico Viola em Chico Alves.

Um de seus grandes sucessos foi uma das músicas que escrevi para êle: «Ai, seu Mé». Curioso, disse sorrindo Freire Júnior, o primeiro sucesso de Chico Alves, custou-me nada menos de trinta dias de cadeia. É, mas valeu, pois êsse foi o primeiro degrau da escada vastíssima que o meu inesquecível amigo galgou.

SOLIDÁRIO SEMPRE

Continuando, Freire Júnior contou uma passagem da vida do imortal poeta da música popular nacional.

— Estávamos em Pôrto Alegre, eu, Iglesias e a companhia, numa temporada com Alda Garrido e Eva Todor. A receita começou a baixar. Então, tive uma idéia. Telegrafei a Chico, que estava na Argentina, contando-lhe o que se passava e perguntando-lhe quanto queria ganhar para trabalhar conosco. Respondeu imediatamente: — Um conto de reis.

Ficamos desolados, como poderíamos pagar um conto de reis, se a companhia estava tão mal?

Telegrafei novamente, fazendo uma contra proposta, alegando a nossa situação. Êle aceitou e foi um verdadeiro sucesso.

Provou ser amigo, salvando-nos do fracasso a que estávamos condenados.

É por essas e outras que todos nós choramos a morte de Chico, e garanto que jamais será esquecido aquêles que, se era o Rei da Voz, era também o grande e leal amigo.



A DANÇA DOS APACHES — Francisco Alves e sua Célia, inseparáveis, quando, no Teatro «São José», faziam a «Dança dos Apaches».



PARA O BRONZE DE FRANCISCO ALVES — Radialistas e artistas percorreram o Rio de Janeiro, em bando precatório, angariando donativos.

JOSÉ SEGRETO PROMETE DIZER COISAS...

Dos mais íntimos amigos de Francisco Alves era José Segreto, um dos irmãos Segreto, sobrinhos do grande empresário Pascoal Segreto, companheiro de Chico e, na verdade, quem lhe deu a mão em sua empresa, no início da carreira do grande seresteiro.

José Segreto ficou abaladíssimo com a morte de Chico. Fala, faz evocações e nos promete, para quando passar essa onda de sensacionalismo dizer coisas que ainda não foram ditas. Mas, almoçando com

elações do amigo morto, sempre vai-se ouvindo alguma coisa.

— Foi no Olímpico, um bar célebre na boêmia de outros tempos, que conheci o Chico Alves. Era, lembro-me bem, uma e meia da manhã e de fora ouvi aquela linda voz pela primeira vez. Atraído por ela, entrei. Fiquei num canto ouvindo e vendo, encostado. Chico dedilhava o violão e olhava com ternura para uma morena daquelas que, a dizer a verdade, não merecia poesia, violão, nem cantatas, por que, com ela, a coisa era mais prática e rápida. Era só chegar e sair com a zinha. Mas o diabo do rapaz olhava com ternura para aquela rapariga, como se estivesse mesmo embeigado

por ela. E estava. Era Ceci, aquela a qual, pouco depois, com assombro de todos e contra todos os conselhos, ele fazia a burrada de casar-se.

CHICO, VOCÊ SABE?

— Mas, Chico, você sabe?...

— Sei, sim, mas eu gosto dela, e acabou-se. Vamos ser felizes.

Bem, mas voltando àquela noite, disse José Segreto. Cheguei-me para o rapaz, que eu ainda não conhecia, e disse-lhe: como vai belo cantor da madrugada? Você cantando aqui... Você era para estar no São José.

— No São José, quem me dera. O sr. está caçoando comigo?

— Não senhor. Passe em nosso escritório amanhã que o senhor vai

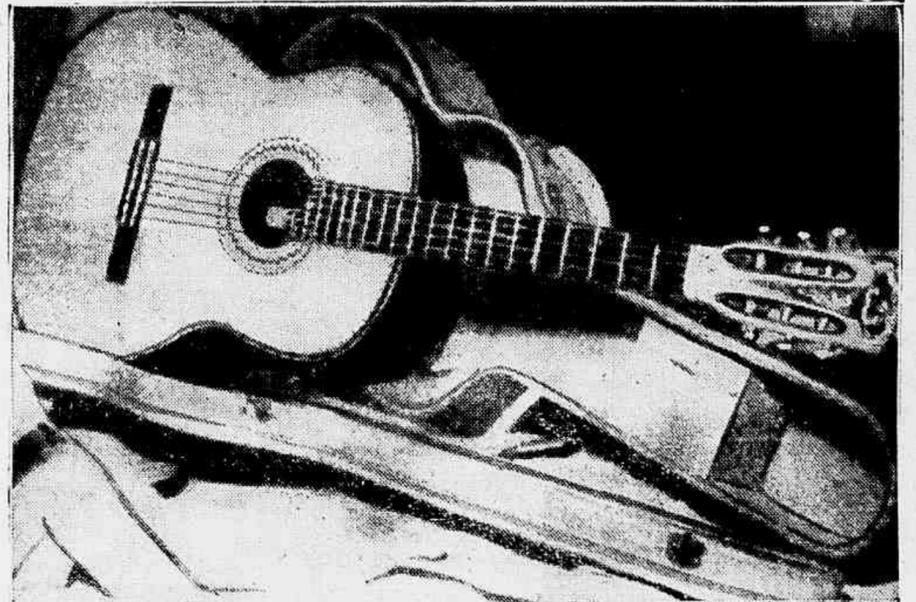
cantar no São José. E quando lhe dei o meu cartão, Chico se assombrou:

— O senhor é o José Segreto? Da empresa Pascoal Segreto? Meu Deus do céu! Estarei sonhando? Não estava, não. Dias depois estreava lá. Mas depois eu conto outras coisas, porque convivi com Chico Alves nada menos de trinta anos e sei, como ninguém, toda a verdade sobre essa barafunda que anda por aí contada. Quando eu falar...

Assim terminou José Segreto. Mas prometeu que à REVISTA DA SEMANA é que ele falaria. Porque vocês da Revista têm sido muito decentes com a memória do Chico e não a têm explorado como outros.



«BOA-NOITE, MINHA CÉLIA» — E o inesquecível Chico Alves, carinhoso cantara «Boa-noite amor», com voz de verdade, para ela.



O FAMOSO VIOLÃO DE CHICO ALVES — Numa fotografia que «Tablóide», jornal paulista, publicou dizendo-o escondido na Paulicéia

ALBUM DE

a *Muda* Cena

PARA 1952

Preço Cr\$ 25,00

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinariamente, esta edição do "Album". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.



COMPANHIA EDITORA AMERICANA - RUA MARANGUAPE, 15 - RIO



Elda Luxardo, a brasileira que faz fotografias na Itália, corrige dez, quinze, vinte vezes a posição, e a foto sai perfeita. No detalhe, Elda exhibe ao repórter as suas melhores e mais recentes fotografias.



RETRATISTA DE ESTRÉLAS ★ CELEBRIDADES EM DESFILE NO ESTÚDIO DA VIA TRITONE ★ ELDA LUXARDO NASCEU NO RIO GRANDE DO SUL ★ TEM TRÊS FILHOS E POUCO MAIS DE TRINTA ANOS ★ SILVANA MANGANO, ANNA MAGNANI, FABRIZI, ETC.

Reportagem de **DANILO RAMIREZ**

NÃO sabíamos, ao entrar naquele estúdio luxuoso da Via Tritone, que iríamos encontrar ali, entre um mundêu de máquinas fotográficas e material para efeito de cenários e ambientes, além do maior fotógrafo da Itália, uma brasileira semi-exilada em Roma graças a um casamento com um italiano.

NÃO DIGA!

Elda Luxardo cumprimentou num gentil sorriso e pediu que esperássemos um minuto. Falou em italiano, num puríssimo som romano cem por cento. Mas foi quando veio a revelação. Seu marido, que nos apresentava, pediu licença para soltar uma boa gargalhada e perguntou:

— É verdade que os brasileiros falam italiano? Rápido, a moça se voltou para nós, e, num grito bem carioca, exclamou:

— Não diga, minha Nossa Senhora!
— Uma brasileira, em Roma, com o título do maior fotógrafo italiano. Não é possível!

TODO UM ANDAR

Foi a hora das revelações; e Elda Luxardo, segurando-nos pela mão, levou-nos a ver como ela trabalha, levou-nos a percorrer seu imenso estúdio, que ocupa todo um «primo piano» do edifício.

— Aqui é onde as minhas freguesas mudam de roupa. É uma salinha pequena, mas cabe mais de

trezentos vestidos. Tem espelho e material para elas fazerem um bom «make-up», embora, depois, muitas vezes, eu tenha que retocar tudo, ou fazer de novo a pintura.

Aqui, nesta sala, eu bato as fotografias... Agora mesmo, estou com essa pequena (era a Srta. Gabriela, nome que percebemos durante a conversa, indiscretamente) registrando seu perfil em vários ângulos para um diretor da Cine-Città. Talvez surja uma estrêla, ou apenas mais uma italiana lindíssima.

CENÁRIOS DO MUNDO

A sala estava repleta de colunas e colunetas, e de portas que nunca se fecharam nem se abriram.
(Cont. na pág. 44)

UMA BRASILEIRA — O MAIOR FOTÓGRAFO ITALIANO



LIDO... VISTO...

Lágrimas... suor...

AVÔ DE MIM MESMO?

UMA história velha, sempre curiosa e interessante a dêste complicado parentesco, agora reproduzida numa revista européia, e que ouvimos em criança numa cidadezinha perdida dêste imenso Brasil. Como o mundo é pequeno. Eis a história:

Ajude-me a resolver êste complicado caso de família. Há dois anos, quando eu tinha 29 anos, conheci Amália, uma viúva que, embora tivesse 11 anos mais do que eu era ainda bonita. Amália tem uma filha, um brôto de vinte anos. Gôsto não se discute... simpatizei com a mãe e... casamo-nos.

Acontece que meu pai, um simpático velho de 50 anos, também êle viúvo, desde então começou a freqüentar a minha casa. E Don Juan impenitente, pôs-se a namorar Beatriz, a bela filha de minha mulher, e minha filha adotiva. Não é que o velho perdeu mesmo a cabeça: casou-se com Beatriz...

Dêste modo, meu pai casando-se com a filha de Amália, tornou-se meu genro, e eu, seu filho, sou portanto seu sôgro, como Beatriz, por sua vez, tornou-se sogra de sua mãe. Mas não basta. Eu sou também padrinho de Beatriz, filha de minha mulher e, portanto, padrinho da mulher de meu pai. Até aqui a coisa vai bem: um filho que é sogro do pai, uma filha que é sogra da mãe, etc., etc.

Mas, agora, vem a complicação. No ano passado minha mulher deu à luz um filho, o qual é irmão da mulher de meu pai e, portanto, seu cunhado. Acontece também que Beatriz, filha de minha mulher e mulher de meu pai, teve uma menina, que é minha irmã, mas é também minha neta, porque minha mulher é sua avó. E agora vem a embrulhada.

Eu sou sogro de meu pai, como ficou visto. Por conseguinte sou o avô de seus filhos. Caramba! mas eu sou também filho de meu pai.

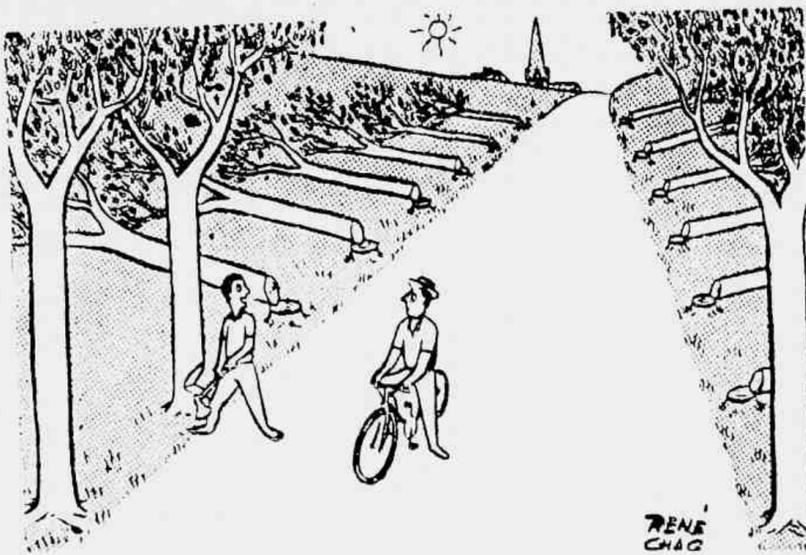
Agora, diga-me, se eu não tenho razão: Sou ou não sou o avô de mim mesmo?

QUEM DISSE ISTO?

- 81 «Metade de minha alma.»
 82 «O amor fêz de um suspiro o seu melhor intérprete.»
 83 «Acontece com o amor o que acontece com os espíritos: todos falam dêle e poucos o viram.»
 84 «Pensando em ti, ainda em ti, até o pensamento se transformar em dor.»
 85 «As grandes paixões são doenças incuráveis.»

RESPOSTAS AS ÚLTIMAS

76 — Benito Mussolini, num daqueles momentos de entusiasmo bombástico, quando pregava a doutrina do «viver perigosamente» teve essa tirada; 77 — O padre Antônio Vieira; 78 — Expressão do general John Pershing, diante da estátua do general Lafayette em Paris, ao chegar com a força expedicionária norte-americana em 1917; 79 — Expressão de Terêncio, como de Cícero também; 80 — La Fontaine em sua fábula «Uma mulher que se atoga».



PRECAUÇÃO

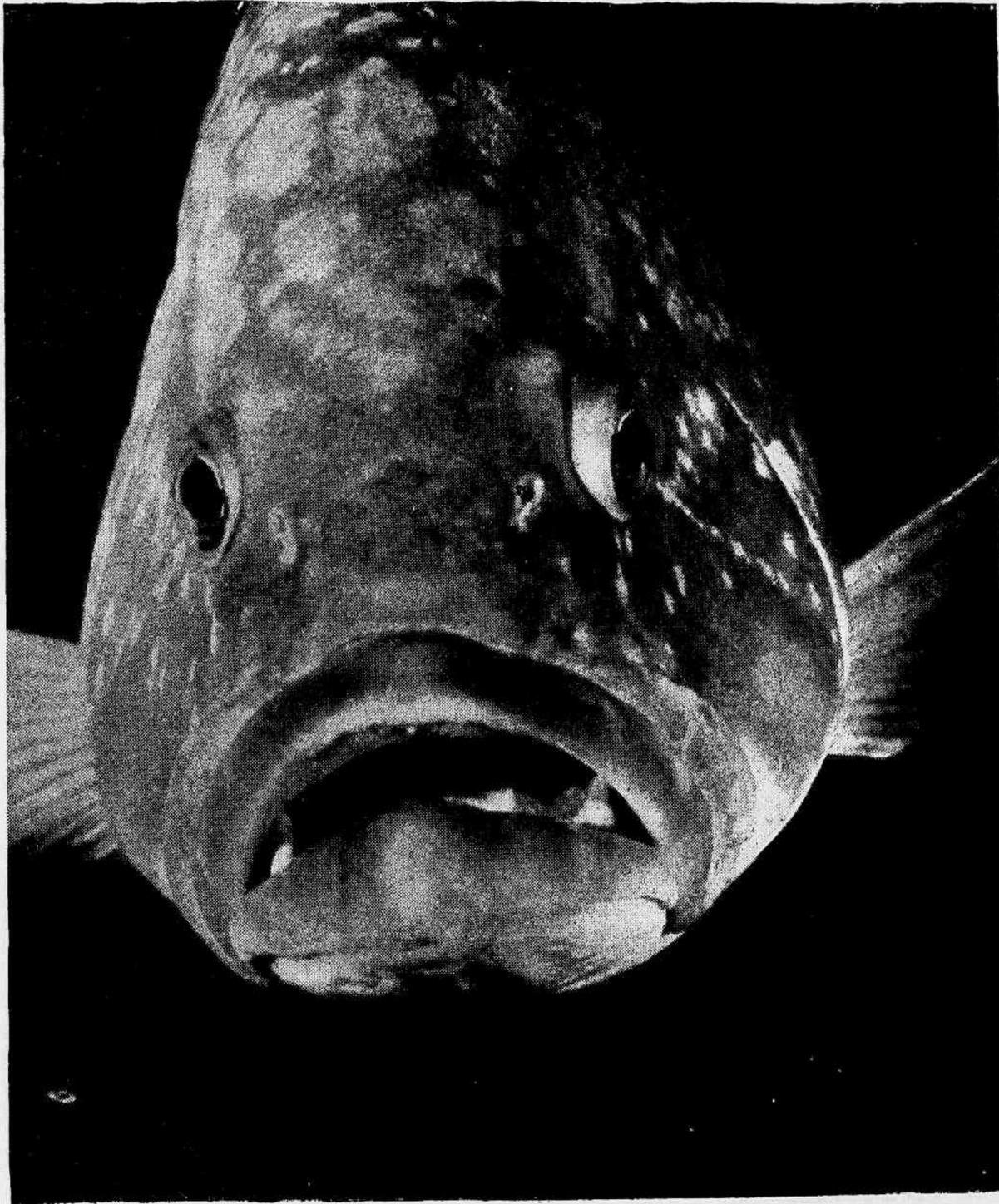
— Que é isso?
 — Minha mulher resolveu guiar o automóvel no próximo domingo...

Duas fotografias espetaculares. A bela e a fera, bela e fera até debaixo d'água. A primeira que o leitor terá de dizer se é água, suor ou lágrima o líquido que lhe corre pela face, com expressão que seria dolorosa se não fôsse a de uma mulher exausta e que pode ser as duas coisas. A outra, a fera submarina, fauce em busca da presa desejada, que poderia ser,

O U V I D O

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
(JIM)

e água...



ó bem poderia, a própria Beldade de mortificado perfil. E, paradoxalmente, mesmo debaixo da água, parecem correr dos olhos do monstruoso peixe lágrimas quem sabe se também de dor e sofrimento? Lágrimas, suor e... água... Eis o que du a s extraordinárias obras-primas da arte fotográfica focalizam da maneira mais primorosa.



O SABIDO

Este é o "tal" que disse à mulher, quando o relógio parou: — Afinal não deve ser coisa do outro mundo fazer um pêndulo mover-se...

POUCAS E BOAS...

● CURIOSIDADE

Cristian Dior, o grande costureiro e perfumista, recebeu, há pouco, uma carta interessante:

«Queira desculpar-me se o aborreço, mas preciso muito saber na próxima moda que o senhor vai lançar — e sou um fã das suas fãas e de seus lindíssimos modelos — onde irá colocar os bolsos nos «manteaux» das senhoras. Seu admirador sincero. (as.) Modesto Batecarteira.»

● BILHETE AZUL

Mademoiselle, cujo papá é riquíssimo, faz o que lhe dá na telha. Dirige sua «Cadillac» rabo-de-peixe, manda o «chauffeur» passear, dispensa-o, quando lhe dá na veneta, e não obedece rogos, nem ralhos. E' o que antigamente se chamava «enfant gatée» e «enfant terrible».

A última que ela fêz foi do barulho. Passou dois dias, dois dias fora de casa, tendo deixado apenas um bilhete ao que ela pensava inconsolável papaizinho milionário: — «Perdoe, papaizinho adorado, mas êle é lindo, lindo, tem uns cabelos ondedados, é alto, espadúdo, sabe? Adorável!»

E lá por Teresópolis o parzinho feliz, feliz, foi interrompido no seu esconderijo, quando o gerente do Hotel, esbaforido, chegou nas matas onde ambos excursionavam, em plena lua-de-mel sem documentos...

— Um telegrama para a senhora. E' urgente.

— Impossível. Ninguém sabe que estamos aqui.

— E' o que a senhora pensa.

— Deve ser do velho. Êle deve estar furioso. E, nervosa, abre o despacho: «Não volte nunca mais e tudo perderei. Papai.»

● NOCTIVAGOS

— Mas tu entras em casa às 3 da manhã?
— Que queres, é o único lugar que ainda está aberto...

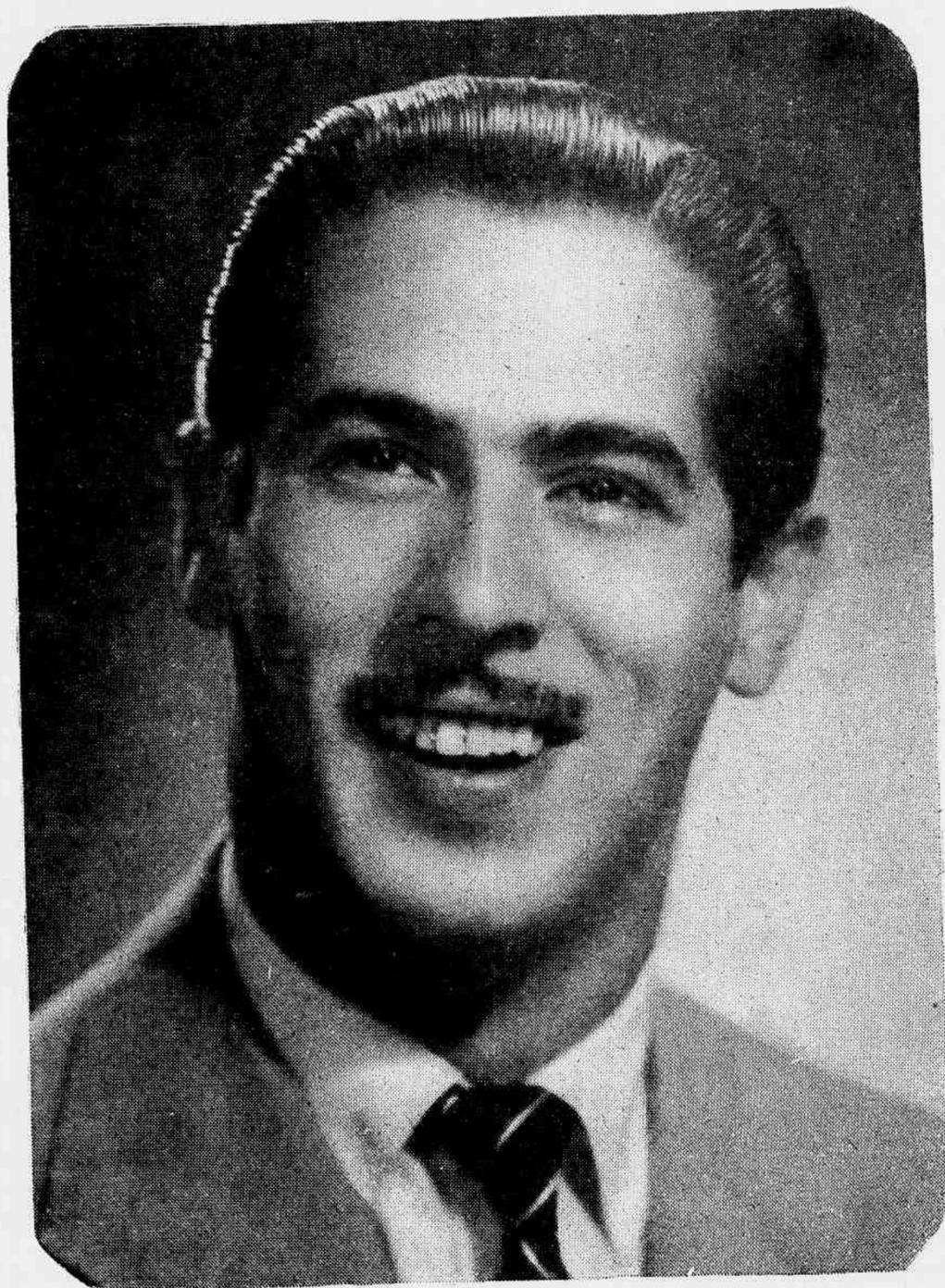
RESPONDA ESTAS:

- 81 De onde vem o nome Shangri-La?
- 82 Quem era e o que fêz Alexandre Moura?
- 83 Em que dia do ano de 1885 começou a terceira regência da princesa Isabel do Brasil?
- 84 Qual era o nome primitivo de Paris?
- 85 Quem escreveu «Toi et Moi»?

RESPOSTAS AS ANTERIORES

76 — O general Gioan Vincenzo Sanfelice, conde e depois Príncipe de Bagnuoli, que veio para o Brasil como Sargento-Mor de um tço de napolitanos, em 1625 e que em 1634, desembarcando em Alagoas, representou papel importante em nossa guerra contra os holandeses, sendo de 1636 em diante comandante-em-chefe de nossas tropas em Pernambuco, cabendo-lhe a glória de haver defendido a Bahia quando atacada pelo príncipe Maurício de Nassau. Conta o barão do Rio Branco que seu retrato encontra-se em Filamondo nos dois volumes «Il genio belicoso de Napoli», 2 vols. in folio, 1691; 77 — O conde de Neilperg, com quem a Imperatriz teve um filho depois da morte de Napoleão; 78 — O alfabeto do Havaiano compõe-se de 12 letras; 79 — Fruto e bebida popularíssima no Pará; 80 — Sim, às vezes, quando faz muito calor êle fica vibrando e pode-se vê-lo, então.

O CARTAZ DA SEMANA



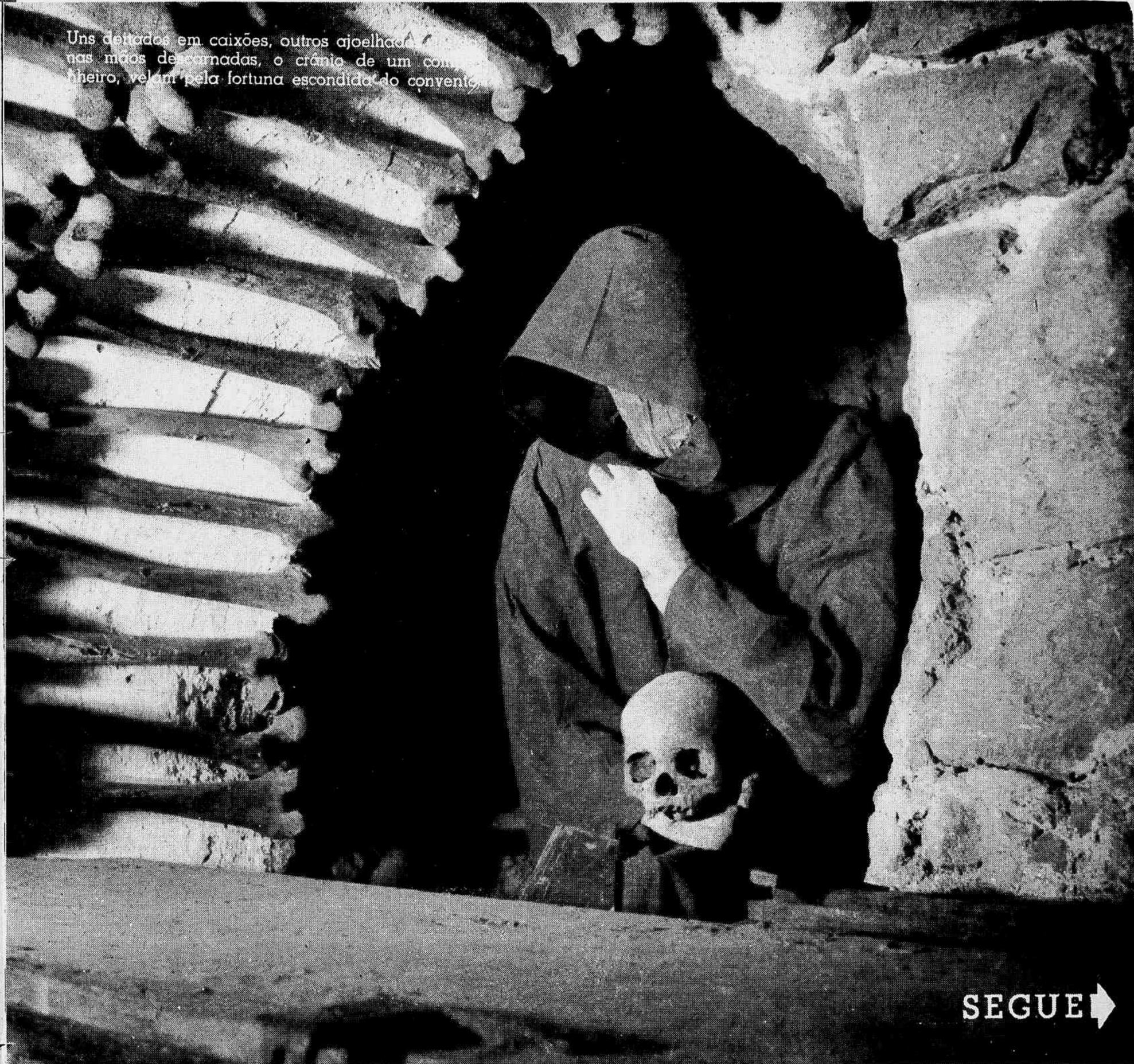
JOÃO DIAS

Artista exclusivo da

RADIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista

Uns detidos em caixões, outros ajoelhados...
nas mãos desecarnadas, o crânio de um con-
frade, velam pela fortuna escondida do convento.



SEGUIE ➔

O SEGRÊDO DOS FRANCISCANOS

FABULOSO TESOURO ESTARIA ESCONDIDO NAS CATACUMBAS DE LIMA ★ VINTE E CINCO MIL ESQUELETOS, SOB O
MOSTEIRO ★ COMO OS RELIGIOSOS EVITARAM O SAQUE CHILENO ★ A OUTRA FACE DA VIDA DO MOSTEIRO ★ POR
QUE MOTIVO DESENTERRAR MILHARES DE MORTOS? ★ UMA SALA DE OURO ★ ONDE ESTÁ O RESTO DO TESOURO?

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR

Fotos de DARIO TERINI

LIMA, Peru

POR quase um século, o segredo dos franciscanos ficou sepultado, sob as pesadas paredes do Mosteiro de São Francisco, em Lima, juntamente com 25 mil esqueletos que foram, recentemente, descobertos, por acaso. E hoje, mais do que o segredo, vive a dúvida, motivo pelo qual as catacumbas recém-descobertas estão sendo avidamente revolvidas. Poderá estar ali o fabuloso tesouro dos franciscanos, escondido, possivelmente, quando da guerra com o Chile, em 1879.

Escavando, revolvendo entre os restos mortais de

milhares de pessoas, tirando esqueletos de seus caixões, aprofundando-se em catacumbas cujo tamanho ainda não é conhecido, os frades, negando sempre o objetivo primordial desse fantástico trabalho, vão tentando desvendar o segredo que seus antecessores não revelaram a ninguém.

★

Tudo começou em 1879, quando tropas chilenas invadiram a Capital do Peru, chegando, sua cava-

laria, a batalhar nos jardins internos do Mosteiro de São Francisco. Contudo, os chilenos não lograram tomar ou saquear o mosteiro. Os religiosos de então, haviam guarnecido seus arcos internos, que davam acesso ao pátio e dêste às demais dependências do convento, com fortes grades de ferro e todo o soldado inimigo que se atrevesse a entrar em seus jardins, seria, inexoravelmente, abatido por armas peruanas.

E ficou com seu patrimônio intacto, o Mosteiro. Intacto, mas guardando um segredo somente co-

O SEGRÊDO DOS FRANCISCANOS



Sob a majestosa arquitetura que o «clichê» que estampamos nos apresenta, ficou encerrado, por quase uma centúria, o segredo dos frades franciscanos, entre milhares de metros de subterrâneos e vinte e cinco mil esqueletos que ali foram encontrados.

nhecido por alguns frades e, possivelmente, por aqueles que tombaram, em defesa do santuário, antes de ter oportunidade de revelá-lo.

Finda a guerra, o convento continuou desafiando os homens e os terremotos, majestosamente plantado há poucos passos do Palácio do Governo, como um gigante de pedra, silencioso e místico, sem que ninguém imaginasse que guardava, sob

aquela belíssima estrutura arquitetônica, as maiores catacumbas já descobertas em terras americanas.

DESCOBERTAS AS CATACUMBAS

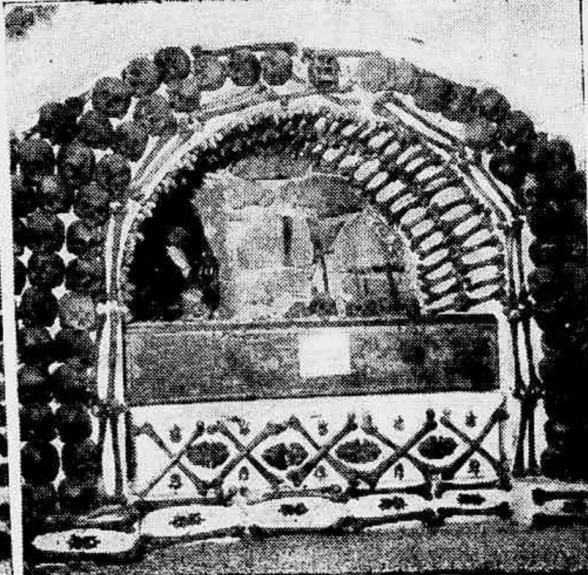
Há, mais ou menos, um ano, durante a reforma feita em todo o mosteiro, que fôra rudemente castigado pelo terremoto de 1949, casualmente, um frade descobriu a entrada das catacumbas.

Até então, ninguém se incomodara de averiguar o que iluminariam os diversos boeiros existentes no adro da igreja; para que existiam, quando haviam sido ali colocados etc.

Percorrendo o enorme convento, cujas paredes apresentavam rachas enormes e muitas das quais haviam ruído, o religioso descobriu uma passagem, até aquela data desconhecida. Muniu-se de uma



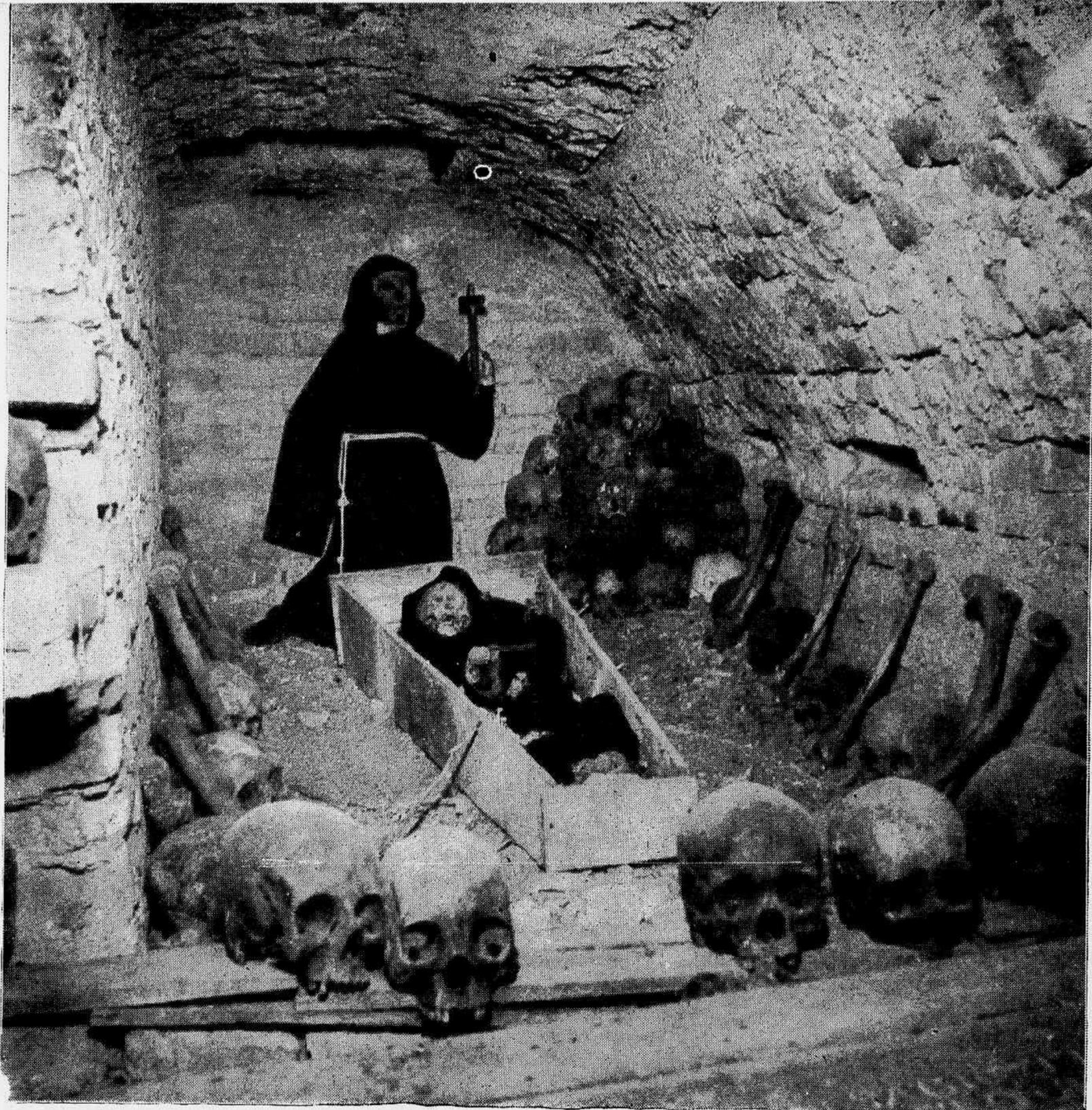
Mais de vinte e cinco mil esqueletos foram encontrados. Tibias, fêmures, vértebras e outros ossos formam essa moldura estranha e macabra.



O esqueleto que tem a papeleta pregada não foi aberto. Tem gravado, na madeira secular, o nome de Frei Juan Gomes. O tesouro é mistério!



Como condenado à fôrça, quase ameaçador, ele guarda, consigo, o segredo que os homens procuram com veemência e rara ousadia descobrir.



Cenas grotescas e ao mesmo tempo impressionantes foram montadas com os esqueletos encontrados nas catacumbas da cidade de Lima. É uma forma, bastante curiosa, não há dúvida, de atrair turistas e curiosos ao estranho lugar em que estão expostos.

tocha e adentrou a escuridão pesada do labirinto. Um cheiro forte e acre feriu-lhe as narinas, mas ele prosseguiu. Lembrou-se, de pronto, das catacumbas de Roma. Pesquisou, comparou e não teve mais dúvidas. Aquilo deveria ser o início de catacumbas cristãs. Bastaria revolver a terra e centenas de esquifes deveriam aparecer sob a terra que lhe obstruía os passos, após longa caminhada. Volveu

à luz acariciadora do dia, abalou-se para o jardim, bateu insistentemente na campainha de alarme, reunindo a congregação.

Desceram de suas celas, os demais frades, acompanharam o que descobrira os subterrâneos, caminhando, também, até onde a terra lhes bloqueou os passos. Não havia mais dúvidas: eram catacumbas! Reuniram-se e perguntaram-se se não es-

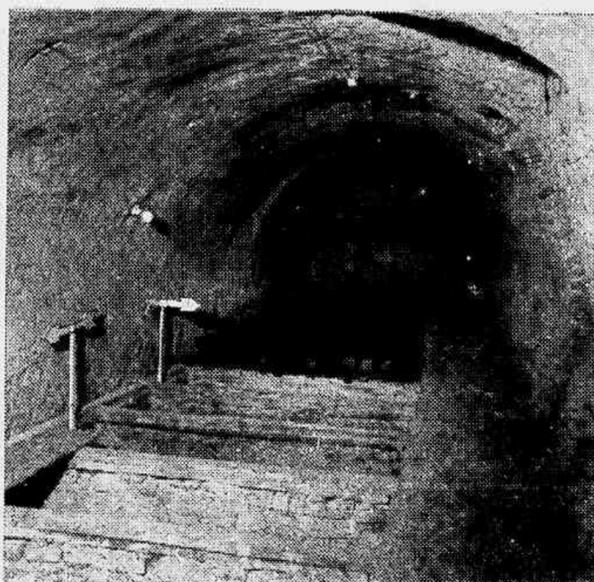
taria ali, vivendo há tantos anos sob seus próprios pés, o tesouro que teria sido escondido pelos seus antecessores, ante a ameaça do saque de soldados inimigos.

VINTE E CINCO MIL TÉTRICOS ESQUELETOS

Não havia outra medida a tomar, senão iniciarem uma completa devassa nas catacumbas, e assim foi



As setas garantem a caminhada aos curiosos, caso contrário, muitos se perderiam no intrincado dedalo e passariam a aumentar as caveiras...



As dependências das catacumbas do misterioso convento escondem milhares de esqueletos. Mais crânios. São ao todo, até ao momento, 25 mil!



Como as célebres catacumbas da antiga Roma, tem também os seus guias. Aqui um deles explica as fases de desenterramento, limpeza, etc...



Este aqui parece gargalhar, zombando dos homens. Esta caveira postada no final dos corredores é apenas uma das muitas que se encontram no grande labirinto. Com as caveiras dos frades há também de civis.

O SEGRÊDO DOS FRANCISCANOS

Que haverá, por detrás desta terra cheirando a séculos? Mais esqueletos ou o esperado tesouro? Até os dias presentes, tudo isto é um segredo. Isto significa um aviso de perigo, de maldição, ou um enfeite?

feito. Até os dias que correm, nada menos do que 25 mil esqueletos foram descobertos, e milhares de metros cúbicos de terra retirados das imensas catacumbas que, dia a dia, aumentam, parecendo não ter fim.

Os corpos encontrados estavam sepultados numa ordem metódica. Um caixão sobre o outro, cada qual com data de nascimento e morte do falecido, bem como com seu nome e função, durante a vida, etc. Muitos eram esqueletos de civis, outros de militares, e grande parte de religiosos franciscanos, que foram sepultados há centenas de anos.

As obras de desenterramento foram intensificadas e o labirinto tornando-se cada vez maior. Poços crematórios foram encontrados, valas comuns e sem caixões, enormes salões sem função definida, tudo atulhado de terra. Os esqueletos foram retirados, um a um, tratados por especialistas e arrumados de tal forma que tão tétrico local se transformou em motivo de curiosidade popular. Hábitos foram vestidos em vários esqueletos e estes dispostos de tal forma que falam da fé dos homens em Cristo, da bondade, da paz e da vida eterna. Uns deitados em caixões, outros ajoelhados, tendo, nas mãos descarnadas, o crânio de um companheiro, outros simplesmente pendurados, nas paredes, como que velando pela fortuna escondida não se sabe onde.

Tão complicados são os corredores que os frades mandaram sinalizá-los, a fim de que ninguém se perca e até extensões de luz elétrica foram colocadas, ao longo da área já transitável, para que os visitantes possam percorrê-la à vontade, todavia, seguidos de um guia.

A despeito da introdução de algo da vida moderna, da luz, por exemplo, as catacumbas não perderam seu ar pesado, fantasmagórico, mófo, fazendo com que o visitante anseie pela volta à luz brilhante do sol e ao ar perfumado dos jardins do convento.

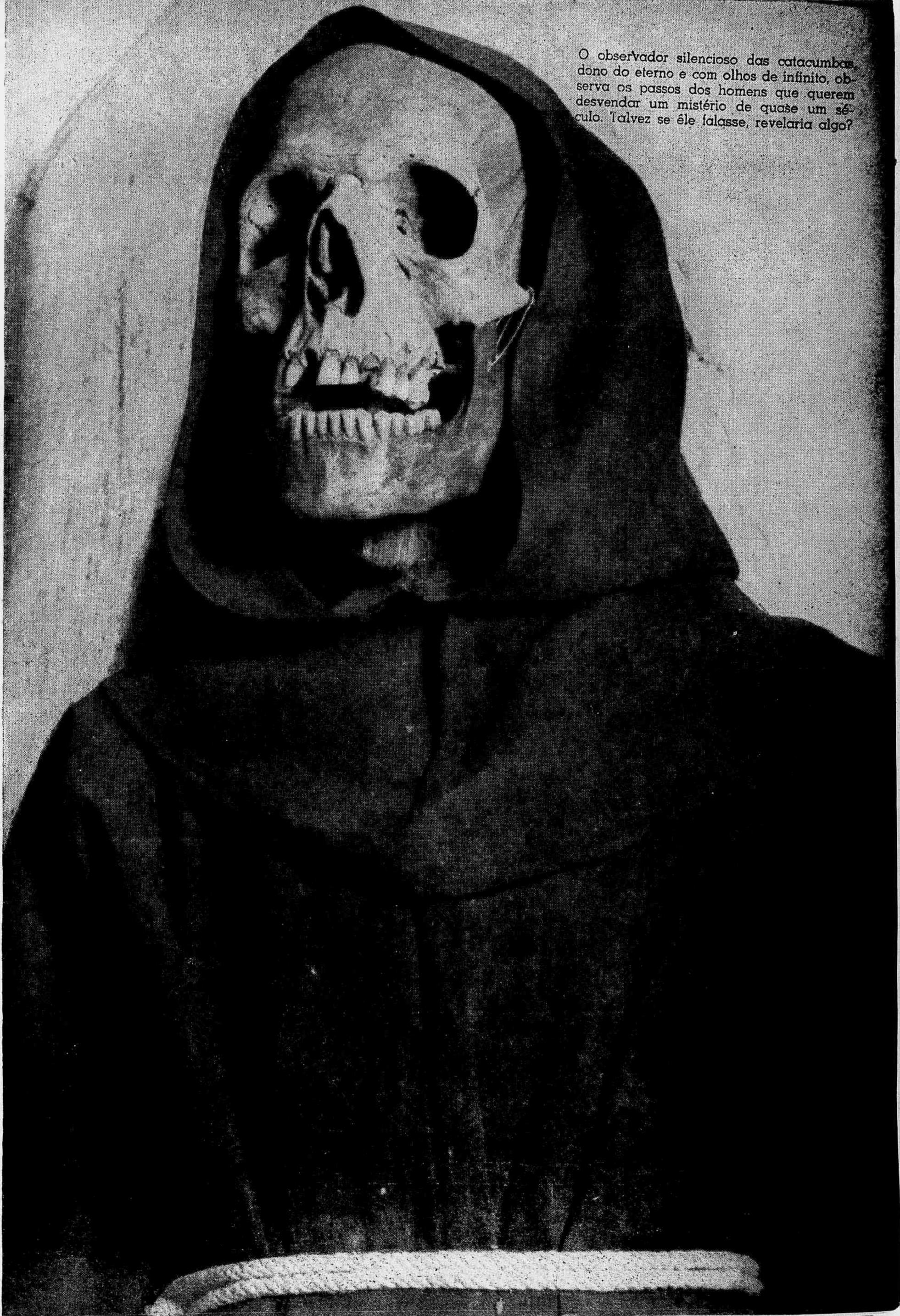
Quilômetros e quilômetros já foram escavados, e fala-se, até, de uma passagem secreta, que liga o convento ao Palácio do Governo. Mas os religiosos não esmorecem e continuam a batalha, esperando descobrir o tesouro, cujos primeiros indícios já surgiram.

Quando da reforma, antes de ser descoberta a entrada para as catacumbas, ao ser raspada a parede de uma das salas do gigantesco convento, descobriu-se, sob a camada de cal, nada menos do que ouro! Os frades, se alguém mostra pleno conhecimento desse particular, sorriem, dizem que não é bem isso e que falarão com o superior do convento, para ver se de fato há essa sala. «Se houver, o senhor poderá visitá-la...» Voltamos e, dia após dia, a resposta é sempre a mesma; nem negativa nem afirmativa. Quando damos notícia de nossa partida, lamenta o religioso dizendo: «Parte amanhã? Quem sabe não seria o dia em que poderia visitar a sala. Enfim... fica para outra vez.» Sorri, maciamente, estendendo-nos a mão tépida, despedindo-se.

(Cont. na pág. 46)



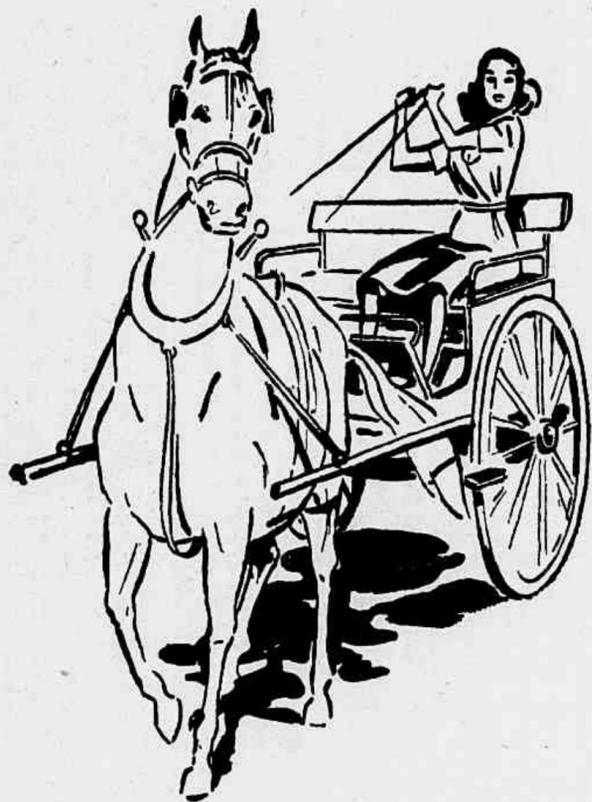
O observador silencioso das catacumbas,
dono do eterno e com olhos de infinito, ob-
serva os passos dos homens que querem
desvendar um mistério de quase um sé-
culo. Talvez se ele falasse, revelaria algo?





Inicie da melhor maneira as
suas férias em

ARAXÁ
S. LOURENÇO
CAMBUQUIRA
CAXAMBÚ
LAMBARÍ



Sobrevoadando panoramas encantadores, será um
motivo de prazer a sua viagem de férias a bordo de um dos
confortáveis aviões da NACIONAL. Procure a nossa
agência local e conheça as facilidades que proporcionamos
para a sua viagem de passelo.

NACIONAL
TRANSPORTES AEREOS

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

VOLTANDO às considerações que estávamos fazendo sobre a importância dos pesadelos, a psicanálise, aplicada ao estudo da personalidade, nos diz que eles têm sua origem muito sutil nos complexos fortemente emocionais e nos recalques que a vida nos impõe a cada passo. Em nosso meio familiar, muitas ocasiões se nos deparam em que nossa vontade é cerceada, criando inibições cujas conseqüências são desastrosas para a vida psíquica.

● Recalcada que seja uma tendência, desce ao subconsciente, se encolhe, se esconde; mas, longe de desaparecer realmente, permanece potencialmente viva e à espera do momento para vir à tona. Por isso, os pesadelos oferecem um material de estudo muito mais interessante do que os sonhos corriqueiros, e de resultados muito mais positivos na correção de desajustes emocionais.

● Daí, aconselho os leitores a não ocultarem os seus maus sonhos; procurem relatá-los fielmente, sejam de que natureza forem, e talvez fiquem muito mais impressionados com a interpretação do que com os «absurdos» criados pelos pesadelos...

● DEDÉ — (Rio)

SONHO: Nimbos peçados d'água desciam numa queda brusca até a terra e, da janela do seu quarto, você observou que toda a paisagem fôra escondida por essa cortina plúmbea e pesada. Notando esse fenômeno, você chamou a atenção de sua irmã e, no momento em que, apavorada, via o céu tornar-se negro, as nuvens se chocaram e uma fálscia elétrica as dividiu ao meio, descortinando aos seus olhos um cenário muito bonito, que lhe pareceu um pôrto iluminado, cujas embarcações eram tão claras e refletiam luz tão intensa que você quase ficou deslumbrada.

INTERPRETAÇÃO: Todo sonho é formado por nosso Eu psíquico. O pensamento compõe em nossa mente o quadro que quer e a nossa «Psique» o impressiona de tal maneira que se revela em nossa vida com a aquisição de tudo o que desejamos: é o que se chama visualizar. É claro, pois, que, se visualizamos boas imagens, o subconsciente não terá ocasião de camuflar os sonhos, e os deixará passar pelo seu filtro, tal como pensamos. O mesmo não acontece quando emitimos pensamentos dúbios, cheios de medo ou de desejos obscuros. Nesse caso o «Censor» entra em cena e mistifica a verdade, mascara os personagens, dramatiza os acontecimentos, atemoriza e apavora a criatura para evitar que as cenas desenroladas no sonho sejam reconhecidas e venham perturbar a consciência. Você deve estar perguntando o que tem a ver tudo isso com o seu sonho. Vou explicar: Em seu cérebro, nuvens cor de chumbo vêm se insinuando, procurando toldar o pôrto seguro que seus ideais anelam e você julga que, só por um choque tremendo — fálscia elétrica — poderá modificar o panorama de sua vida atual. Você deve estar acostumada com a rotina em que vive e pensa que poderá deslumbrar-se com uma situação mais fol-

gada que tanto deseja (porto, embarcações).

Procure preocupar-se menos com o futuro, Dedé, aceite a vida como ela é e desfrute de todo o bem que tão pródigamente você recebe da natureza. Seja «como os lírios do campo que não fiam nem tecem».

● SÓ — (Rio)

SONHO: Você estava na antesala do Senado, cheia de grupos que conversavam, e viu que um contínuo elegantemente fardado começava a servir, numa bandeja coberta com fina toalha de linho, um cheirosíssimo café. Ficou à espera de que chegasse a sua vez, mas o contínuo desapareceu antes de servi-la. Reclamou em tom de brincadeira, e daí a pouco, uma modesta empregadinha preta lhe trouxe num pires velho, um copo e o bule; entretanto, ao servir o café, você viu, decepcionada, que, ao invés de café, era água suja.

INTERPRETAÇÃO: Apesar do seu valor, você é muito modesta. Deve viver em contacto com pessoas da mais alta esfera social; no entanto, delas só aproveita o «cheiro», isto é, a essência, ou a cristalização de suas idéias, sem partilhar com elas da vida real. Além disso, você acredita que todos tenham um lugar determinado, e vê, com secreta amargura, que a sua hora de desfrutar das alegrias do mundo ainda não soou. Você reclama intimamente, mas sente que o seu Eu (contínuo que se transforma em empregadinha modesta) não quer valorizar-se, deixando-se ficar para trás. Há muita candidez em sua alma, mas há, também, muito amor próprio e zelo pelo seu modo de agir. Para você, a maioria das pessoas é uma mistura de fatuidade (bandeja com toalha de linho) e de imprestabilidade ou coisa pior: só tem a casca externa, e são, intimamente, nuas ou falsas — água suja. Como você gostaria de transformar as criaturas, fazendo-as à sua imagem e semelhança...

Helen faria tudo, qualquer sacrifício, para ajudar David, mas havia ocasiões em que era preciso muita força-de-vontade.

Helen Andrews conheceu Adela Carter quando ambas tinham apenas três anos de idade. Encontraram-se num «subway», sentadas nos joelhos das respectivas mães, a caminho do centro, onde iam às lojas fazer compras.

Helen tinha olhos e cabelos castanhos, era gordinha e rosada. Adela era do tipo de crianças que vemos nas galerias de pintura de Londres, em quadros de Sir Thomas Lawrence. Os cabelos anelados e côm de ouro, a tez clara, macia e rosada, lembrava pétalas de flor de maçã e sonetos de Shakespeare. Os olhos de côm violeta eram adornados por cílios longos e curvos, que sugeriam a mais encantadora inocência.

— Bem (falou a mãe de Helen), eu sempre achei a minha filhinha bonita, mas devo confessar que nunca vi uma criança tão linda quanto a sua.

Para Helen este não era, certamente, um começo de conversa muito auspicioso, mas ela era de natureza dócil e isto não chegou a influir nas simpatias entre as duas garotinhas.

As mães descobriram que eram vizinhas e tornaram-se amigas. As duas pequenas, mais tarde, frequentaram a mesma escola e foram amigas até separarem-se aos dezesseis anos.

Adela foi sempre má aluna, pois desdenhava qualquer esforço que não fosse imediatamente compensado por provas de admiração. Talvez ela não tivesse culpa de explorar o próprio encanto. Era evidente que aquele rosto maravilhoso era um tesouro, e que ilustração acadêmica não seria coisa de muita importância na sua vida.

Aos dezessete anos começou a anos e Timothy David Magee era um bebê robusto e brincalhão que lhe dias em que jogaram tênis, foram a midez, suas peças surpreendiam.

Por esse tempo seu pai faleceu e sua mãe, ficando em situação boa e segura, decidiu que Adela precisava de ambiente mais apropriado e mudaram-se para um apartamento próximo à Rua Sloane e Helen não mais viu Adela depois disso, pelo menos em pessoa, pois viu frequentemente a magnífica figura e o rosto maravilhoso em revistas de moda, apresentando chapéus e vestidos dos mais afamados desenhistas.

Aos vinte, Adela achou que a profissão a estava cansando muito e resolveu casar-se. Tudo de acordo com planos seus e de Mrs. Carter. Casou-se muito bem e Helen viu fotografias do enlace entre nuvens de tule branco e camélias. O noivo era bem mais velho que Adela. Era uma figura meio sombria, elegantemente trajado e apresentado como diretor de uma companhia. Chamava-se James Fitzjames e, na fotografia, ele fitava a linda noiva com a satisfação de quem acabou de fazer excelente negócio.

Helen suspirou ao ver o maravilhoso vestido da amiga, mas ela não tinha muito tempo para estas coisas, pois então já estava casada há quase dois anos e Timothy David Magee era um bebê robusto e brincalhão que lhe dava um bocado de trabalho. A carreira de Helen tinha sido diferente: fora ótima aluna no colégio. Assim que recebeu o diploma foi trabalhar num banco e na primeira semana conheceu e apaixonou-se por David Magee, que também trabalhava lá.

David era alto, simpático, tímido e inteligente. Apaixonaram-se tão profundamente que a lembrança daqueles dias em que jogaram tênis, foram a

festas, viram exposições e namoraram e, enfim, resolveram casar, tudo isso parecia envolto em milagrosa nuvem dourada. Aos vinte e dois anos Helen era mãe duas vezes. A garotinha recebeu o nome de Adela, numa vaga esperança de trazer algo daquela estonteante beleza, mas respirou aliviada quando isto não se realizou de todo, pois era muita responsabilidade. Os Magees compraram uma pequena casa pela qual, por certo, ficariam pagando durante meia existência. Seu orçamento estava sempre um pouco apertado e faziam parte do grupo que se preocupa com o custo da vida. Porém, quando Helen olhava o rosto simpático de David, eles sentiam a nuvem dourada envolvendo-os, e eram felizes.

David tinha um passa-tempo que, embora ele insistisse em chamar assim, era um talento que tinha esperando secretamente por uma oportunidade de sucesso: ele escrevia peças teatrais. Fazia parte do grupo de ama-

dores do banco e, apesar da sua timidez, suas peças surpreendiam.

A maior ambição de Helen era ver uma peça de David levada a cena por profissionais. Helen faria tudo, qualquer sacrifício, para ajudar David a conseguir sucesso como escritor teatral, pois sabia ser este o sonho dele.

E, então, uma tarde, ela encontrou Adela no «subway». Helen vestia blusinha branca, saia ampla e sandálias sem meias. Carregava uma bolsa de compras e planejava comprar um «tailleur» cinza para enfrentar o outono e o inverno. Quando o subterrâneo parou em Oxford Circus, um estranho perfume invadiu o ambiente e parecia que a primavera estava entre os novos passageiros e uma jovem alta e elegante entrou com a nuvem perfumada. Vestia um modelo vaporoso, luvas, sapatos e bolsa de modelo e côm muito bem combinados. Sobre os cabelos dourados um chapéuzinho petulante de modelo exclusivo. Todos os olhos se voltaram para ela, as mulheres

se sentiram pouco à vontade. Vários cavalheiros levantaram-se para ceder o lugar e ela aceitou o mais próximo, e, em agradecimento, sorriu com a mais incrível doçura, e então seus olhos encontraram os de Helen. Helen pensou: É Adela, que linda! E pensou logo em suas próprias roupas, tão simples... em sua bolsa de compras... Adela pensou: É Helen. Como parece jovem e feliz! Mas que mal vestida! E vacilou... devia ou não cumprimentá-la? Às vezes é mais interessante deixar uma velha amizade esquecida, mas Helen sorriu e Adela sorriu e disseram a um tempo:

Adela! — Helen!

E o carro subterrâneo parou e ambas levantaram-se e foram para a saída.

— Bem (falou Adela) devo agradecer ao Fitz por ter levado o carro, pois só assim eu tomaria o «subway», e só assim teria oportunidade de encontrá-la. C. PAG. 50



Veneno nas veias

Conto de MARY HOWARD

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

ERGUENDO-SE daquele desfalecimento, o jovem aristocrata disse a Bertille: — Não se assuste. Tenho apenas um pouco de febre. Desde certo tempo a esta parte, eu sinto febre... — E vendo que Bertille o olhava com certo temor, implorou: «Diga... diga que não tem horror de mim!»

— Santo Deus! Não diga tal coisa! Quando eu o vejo assim, fatigado e triste, é certo que me inquieto muito, pois que em minha vida tudo tem sido simples, sem complicações nem mistérios; mas é então que eu o amo ainda mais, porquanto já você não é mais um Príncipe que correu mundo, mas um homem triste, junto a mim, e eu gosto de consolar os aflitos.

— Bertille, você é um anjo, e o homem que a tiver por esposa será muito feliz...

Ah! Como êle disse tão bem aquelas palavras! Senti tontear e empalidecer. Fôra a primeira flechada do amor em meu coração. Mas eu não sabia ainda o que era mesmo o sofrimento no Amor. Eu ignorava que o Amor pudesse produzir torturas impiedosas, amargas, esmagando a vontade, destruindo a beleza, pois que êsses sofrimentos são capazes de tudo...

Ele reclinou sua cabeça desfalecida contra meu vestido. Falou um pouco, e depois silenciou. Depois, quanto tempo não estêve êle assim adormecido, mas sempre com ansiedades, perseguido, atormentado, por não sei que pensamentos?

Foi então que eu divisei avançar para nós, curvada para o chão, aquela velha serviçal, a quem eu havia visto de longe, quando eu conheci o castelo de meu Príncipe. Ela o chamou por um nome sombrio e musical, um nome que deveria ser de muito longe. Ao ver-nos unidos um ao outro, juntou as mãos.

Chegando ao nosso lado, aquela mulher desconhecida fitou-o interessada. Era pálida e tinha uma coroa de flores pequeninas à cabeça. Vendo-o adormecido, um sorriso de contentamento lhe enrugou o rosto e murmurou:

— Ele dorme! Ah! Quantas noites não me fico à sua porta para poder ouvir o respirar de seu sono! — E como que satisfeita pelo sono do meu príncipe, dirigiu-se a mim, em voz quase imperceptível:

— Está bem... está bem... E você, menina, que Deus esteja ao seu lado, pois vejo que possui um coração amante...

Encheu o avental de luzerna e me disse, como quem fazia uma confissão:

— Não tenha medo dêle... E' terno e bom como o nosso Bom Deus, quando gosta de alguém.

E se foi para o castelo deixando-me oprimida e confusa, sem poder compreender nada daquilo tudo. Logo depois êle despertou, e como eu lhe beijasse os olhos, ainda semicerrados, êle exclamou:

— Bertille!

E vi em seus olhos uma sombra de súplica.

— Bertille! — Repetiu. — Quer vir comigo ao meu velho castelo?

— Agora? Agora, que a noite se aproxima?

— Sim... agora, quando a noite vem.

— Mas... que farei dos meus carneiros? E Malique?...

— Não sei... Tudo isto é igual... Vem, vem a minha casa, Bertille.

E, suplicante, enlaçou-me com os braços.

— Eu me sentiria muito alegre por ir visitar seu belo castelo; mas agora já é muito tarde. Terei medo de voltar já de noite, atravessando a floresta.

Mas êle parecia não ter ouvido nada do que eu dissera e continuava a insistir:

— Vem... vem, eu me sentirei feliz!

Notando ainda minha indecisão, ajuntou com voz piedosa:

— Eu não lhe farei medo... Não lhe farei mal... A noite é mais longa, terrível e dolorosa quando estamos sós!

— À noite!

Eu como que havia acordado de um torpor. A noite! Foi em seus olhos que eu então, de súbito, compreendi... Recuei, os lábios trêmulos, revoltada, temerosa, com o receio de um mendicante que estende a mão pela primeira vez.

— Por que me pede você isso? — Disse-lhe eu.

— Então quer que eu vá à sua casa, à noite, como qualquer ladra, e lá penetre com a mão a esconder o rosto, para que a velha mulher que se parece com Manoue, não me veja enrubescer ao passar por ela? E eu não poderia jamais conhecer a alegria que o Bom Deus nos permite, de possuir um marido, um lar, uma cozinha honesta, onde a esposa prepara o jantar, um estábulo e aos domingos, passar diante das velhotas mostrando-lhes minha felicidade e alegria de viver e ser honesta! Ah! Você quer que eu tenha amôres ocultos!

Ele ergue para mim seus olhos mortos:

— E' isso o que você deseja? Então você não me pertencerá uma hora sequer, Bertille! Como poderia eu crer, um instante só, que a minha vida possa semelhar-se à dos outros? Vai-te! Vai-te daqui imediatamente! Eu poderia bater-te, fazer-te mal!

Vendo-me imóvel, foi êle quem se levantou e se pôs a correr, a correr como um louco...

Capítulo XX

— Bertille, será que você não cuida mais dos seus cabelos?...

E como eu passasse sem nada responder, Malique agarrou a ponta de uma trança descuidada:

— Bertille!

Era sempre aquêle tratamento infantil de «Bertille pra aqui», «Bertille pra cá», meu nome por todos os cantos, sem mais outro futuro. Então eu respondi:

— Sim... Nós não temos mais do que ir trabalhar nas vinhas do Clos Grand...

— Quem foi que lhe perguntou isso? Não foi o que lhe perguntei, Bertille. Escute aqui!

Eu me sentara à mesa. Êle veio sentar-se em frente a mim, do outro lado da mesa. Olhava-me a trabalhar. Manteve uns instantes de silêncio. No logão a lenha meio verde soltava assobios surdos e estalava a queimar restos de seiva.

— Como queima essa lenha.

— E' melhor que você vá dormir, Malique, pois que não tem mais nada que fazer agora!

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille fôra criada e educada por uma tia velha, Manoue, em cuja casa rural havia uma outra pessoa, o jovem Malique, adotado por ela. Os dois cresceram como irmãos; entretanto, era desejo de Manoue que êles se casassem, quando chegasse a idade adulta. Manoue morreu quando Bertille estava com 17 anos, e êle um pouco mais idoso. Malique sentia muito aquela situação; mas não tinha coragem de desposá-la. Nesse interim, apareceu um misterioso «Príncipe», residente solitário em um castelo dos arredores, com o qual Bertille começou a manter entrevistas e aproximações de afeto. O «Príncipe», entretanto, era enigmático e parecia sofrer de algum mal secreto. Malique começou a sentir ciúmes, enquanto Bertille, por sua vez, achava que o irmão de criação não deveria namorar nenhuma jovem das vilas próximas de onde residiam. E discutiam, enciumados, como se já fôsem casados...

— Não, Bertille. Eu quero olhar para você, quero dizer-lhe uma coisa... Diga-me: você não gostaria de ser minha esposa?

E como eu não lhe dei nenhuma resposta, prosseguiu a falar mais apressadamente e sem olhar para mim:

— Nada seria mudado aqui. Nós manteríamos tudo em seus lugares como nos tempos de Manoue. Tudo como a velhinha deixou. Apenas, não seríamos tão sós, os dois... E mais tarde...

Ao dizer isso os seus olhos se ergueram para mim e se fixaram nos meus, até que os meus se baixaram, brilhantes, mas inquietos como os de um pobre.

Perturbada, recorri a palavras indecisas:

— Sim... mas... temos tempo de pensar nossas coisas, Malique... Temos tempo... Seria melhor...

Minhas mãos tremeram. A agulha do tricô se desequilibrou e caiu.

Malique ficou silencioso.

Depois, como que pegando na deixa daquele condicional reticencioso, voltou:

— Seria melhor... o quê?

— É que eu não desejo casar-me ainda... Não quero... Estamos muito bem como estamos.

— Sim... Mas eu a amo, Bertille... eu a estimo, não apenas com uma amizade simples... Desde muito que eu a amo... E não lhe havia dito nada... Mas a verdade é que eu vivo a sonhar com você, a sonhar com você em meus sonhos e em meu trabalho. Eu sinto uma louca paixão por você, ao vê-la passar por mim, ao ouvir o seu rir, a sua voz... Tenho ímpetos de tomar-lhe a mão como um saltador... E o meu amor me torna dia a dia mais louco... E agora, Bertille, já não posso mais ocultar... já não tenho forças para esconder tudo isto que sinto por você...

Nunca êle me falara com a voz mais terna e mais dolorida. Malique deslizou pelo banco e veio postar-se mesmo diante de mim, pondo suas mãos enormes sobre as minhas frágeis mãos. Animado, continuou:

— Diga «sim», ou «não», imediatamente. Pode-se saber, sem refletir, se se ama, ou se não se ama, Bertille. Aos dezoito anos, pode-se deixar de amar? Pode-se passar sem amor?

A chama do candeeiro vacilava, tornando-se amarelada. Uma penumbra cobriu nossas mãos. Eu sentia vontade de gritar-lhe: «Mas eu amo!» — Gritar e depois correr, fugir, sumir... Eu não podia ficar assim com as minhas mãos entre as suas. Sentia, porém, não sei que doçura íntima, ao manter dentro de mim e para mim somente, aquêle meu segredo.

Recuperei a calma e lhe disse:

— Seria melhor esperar... Eu preferia esperar... Sim, é isto, esperar mais um pouco... Escuta, Malique... Talvez fôsse melhor para você procurar uma outra... Eu...

Olhei-o. Ele ficara rubro. Sua cabeça baixou como baixa a cabeça de uma pessoa que adormece bruscamente. Imediatamente ergueu-a e, pálido, numa súbita mudança, respondeu:

— Você não me ama ainda; mas, se quer aguardar o momento, talvez... Bertille, eu lhe peço! Não quero ocultar-lhe as minhas mãos que tremem, nem esconder a emoção que eu sinto pelo que você dirá. Como vê, eu não tenho orgulho...

O amor é uma coisa estranha: êle me pedia e tremia diante de mim, de mim que ia pedir e tremer diante de outro! E êsse «outro», a quem daria suas lágrimas e faria suas súplicas? Seria a mim? Seria a mim?

Vendo-me silenciosa, Malique se levantou rapidamente.

— Durma bem esta noite, pequena.

Malique deu alguns passos, mas não ultrapassou a cozinha. Voltou e disse:

— Você deve compreender... De agora em diante, nada mais como era entre nós. Para mim acabou-se a existência nesta casa, na sua casa, antes que você se case ou que eu tenha esquecido. Case-se depressa com o rapaz a quem você ama. Mas, por que você me oculta o seu nome? Por quê? Eu poderia descobri-lo, seguindo os seus passos, pois ninguém me proibiria de fazer isso. Se não agi assim é porque tenho confiança em você, como a tenho na Santa Virgem... Não, não diga mais nada. Que poderá haver agora entre mim e você? Você deixou que eu a amasse... Deixou que eu lho dissesse e depois... vai rir...

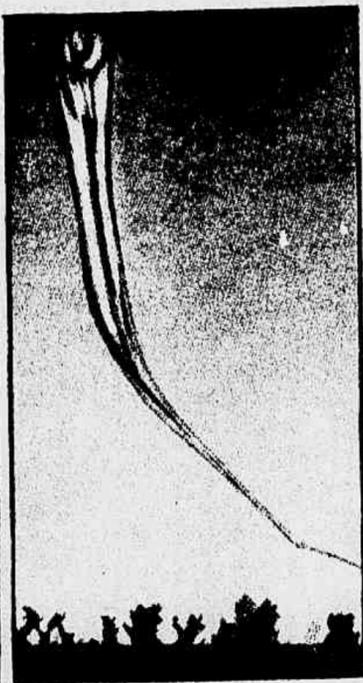
(Continua no próximo número)



Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

COMO "OGGI" EXPLICA A APARIC



RAIO
QUE
A

Os estudiosos esquadriharam, à luz da investigação científica, as observações mais sérias sobre as aparições dos discos-voadores: para muitos casos tem havido explicação total. Vejamos o caso de Thomaz Mantell e dos outros dois pilotos, os quais, no dia 7 de janeiro de 1948, viram no céu um objeto em forma de «um cone de gelo». Mantell seguiu o estranho objeto, voando à cerca de seis mil metros de altura; o avião espacou-se e o corpo do infeliz avião foi encontrado mais tarde num bosque. Explicação: o objeto era um balão-sonda, que os cientistas usam para captar os raios cósmicos. O avião chocou-se contra um desses balões, os quais, antes de atingir as zonas rarefeitas da atmosfera, onde se tornam esféricos, tem a forma de cone.

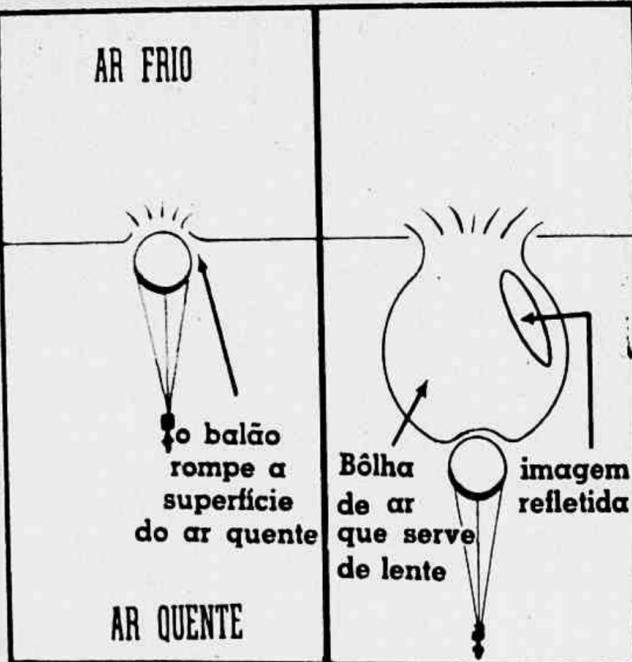
No dia 25 de agosto do ano passado, cientistas americanos notaram uma dralha de objetos luminosos, que se moviam com bastante rapidez, e as aparições luminosas foram observadas em muitas ocasiões. É a explicação dada para o fenômeno, principalmente nos lugares desertos se a explicação é a seguinte: — tais supostas aparições são produzidas por raios de luz que se sobrepõem as camadas de ar quente. Os raios de luz de uma cidade, refletem-se nas camadas de ar quente, e são vistos a muitos quilômetros de distância. Os ventos se encarregam de



VE

Os rapazes do serviço de radar, de seus postos de observação em conexão com a aviação norte-americana, têm observado nas telas de radar formações de objetos voadores. Eles aparecem durante a noite, ocasião em que não há vôo de aviões civis. Estes misteriosos objetos eram completamente silenciosos, pois não produziam o mínimo ruído. Explicação: eram apenas bandos de patos errantes que entravam no campo de intercepção da tela do radar. Durante a guerra uma certa noite, no litoral inglês, perto de Norfolk, os aparelhos de radar ficaram de tal maneira enganados com um desses bandos, que as torres de observação não hesitaram em dar o sinal de alarme tendo uma esquadrilha levantado vôo para dar caça, em uma incursão, ao suposto inimigo.

Muitas pessoas afirmam ter visto no céu objetos luminosos durante estas aparições como sendo enormes pratos que aparecem e desaparecem rapidamente no céu, posteriormente o observador nota que se movem rapidamente e a seguinte: — tais supostas aparições são produzidas por raios de luz que se sobrepõem as camadas de ar quente. Os raios de luz de uma cidade, refletem-se nas camadas de ar quente, e são vistos a muitos quilômetros de distância. Os ventos se encarregam de



Em 24 de abril de 1948, em Arrey, N. México, técnicos do serviço de meteorologia da aviação americana, depois de soltar o balão de exploração para uma sondagem normal, viram girar em torno um objeto elíptico, com mais ou menos 30 m de diâmetro. O misterioso objeto, depois de haver descrito uma órbita horizontal, subia sempre e por fim, desapareceu completamente no céu. A explicação é a seguinte: o balão abriu uma brecha nas camadas de ar quente e por ela penetrou uma bólha de ar frio, que formou uma espécie de lente, através da qual os técnicos podiam observar, refletida, a engrandecida e torta imagem do balão. Não só a lente mudou a forma do balão de sondagem, como também se movia, movendo igualmente a imagem refletida.

As 19 h de 13 de fevereiro p.p., centenas de pessoas viram no céu um objeto luminoso, que se movia com bastante rapidez, e a explicação dada para o fenômeno, principalmente nos lugares desertos se a explicação é a seguinte: — tais supostas aparições são produzidas por raios de luz que se sobrepõem as camadas de ar quente. Os raios de luz de uma cidade, refletem-se nas camadas de ar quente, e são vistos a muitos quilômetros de distância. Os ventos se encarregam de

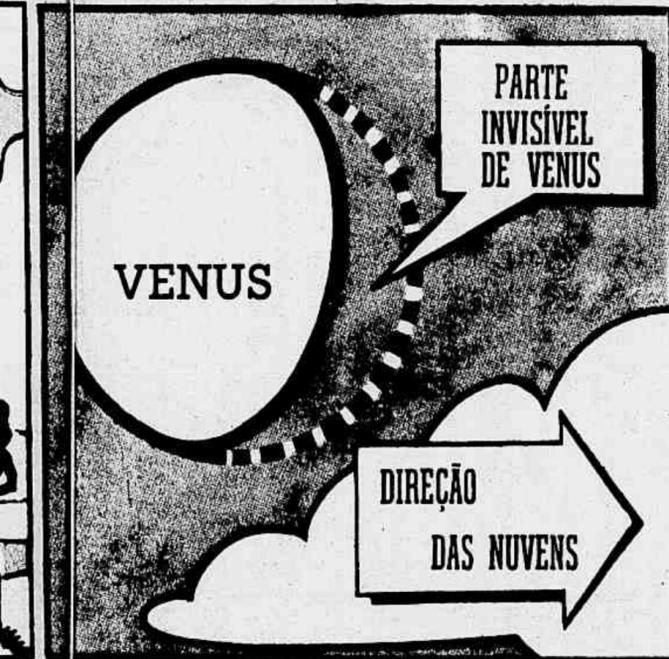
APARIÇÃO DOS DISCOS VOADORES



Americas notaram no céu do Texas uma extraordinária esquadra de luzes, bastante rápida, mas sem fazer nenhum barulho. Estas formações são chamadas de miragem. A explicação: as luzes eram uma simples miragem. Os raios de luz provenientes de qualquer ponto da terra, como o sol, ao passar sobre as ondas de ar quente e frio, se fragmentam em pontos luminosos visíveis e espalham-se pelo céu em grandes reflexos.



Em 20 de janeiro de 1951 alguns oficiais do aeroporto de Sioux City (Estados Unidos) viram no céu uma luz luminosa. Dois pilotos decolaram imediatamente procurando se aproximar do inexplicável objeto: esse, ao invés de afastar-se, tomou a direção do avião e superou-o de muito em velocidade, sem fazer nenhum barulho. Numa descrição que fizeram ao ministério da aviação norte-americana, os dois pilotos descreveram o «objeto voador» como sendo um foguete em forma de um cigarro e dotado de dois cortes retangulares. Os físicos e astrônomos americanos procuraram, sem resultado, uma explicação para a extraordinária aparição.



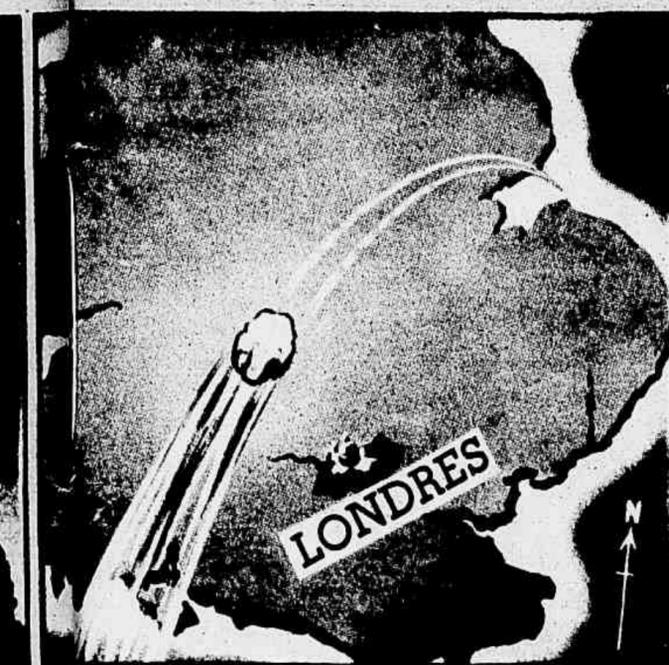
Os discos voadores aparecem durante o dia, à plena luz solar. Descrevem-se como discos de tamanho variável. A primeira vista esses discos parecem mover-se lentamente. A explicação dada ao fenômeno é que são pedaços do planeta Vênus, — bastante luminoso e sem atmosfera, durante o transcorrer do dia. O fato deste fenômeno ser explicado satisfatoriamente e claramente a suposição destas várias aparições — imitadas pelo vento — dão a ilusão óptica de movimento.

TRÊS CASOS CONSIDERADOS MISTERIOSOS

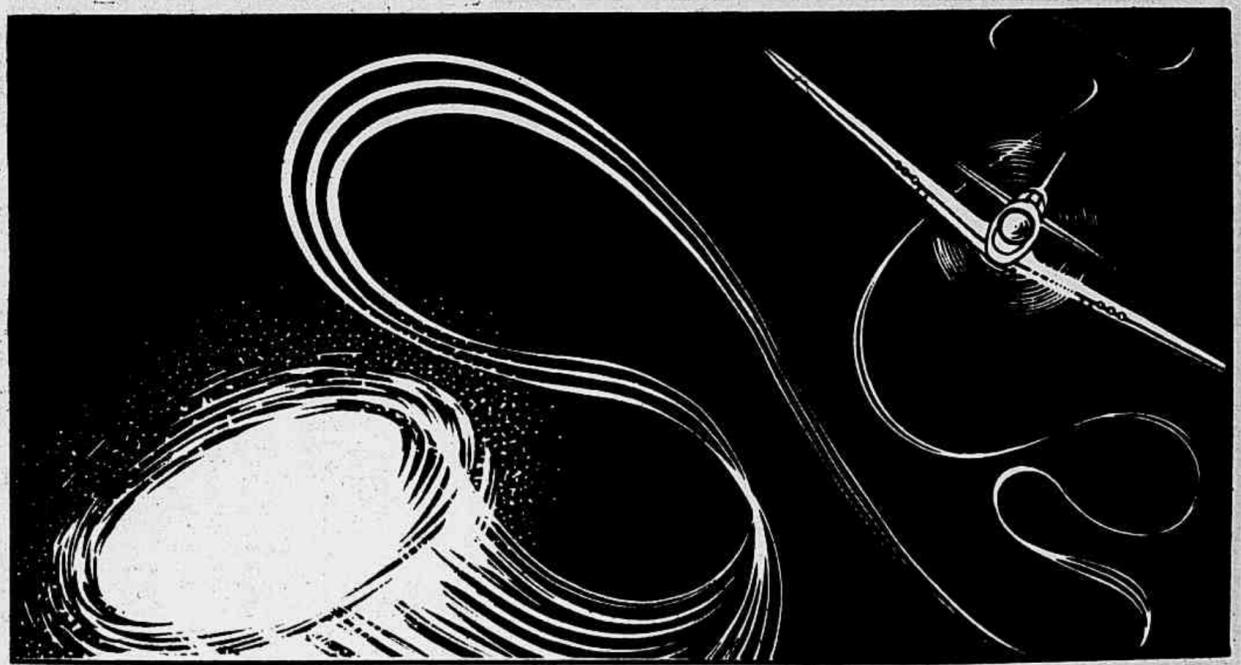
Os cientistas americanos e europeus procuram dar uma explicação cabal a respeito do extraordinário mistério dos discos-voadores. O comando da aviação militar dos Estados Unidos já ordenou a construção de aparelhos especiais, colocados nos postos de observação, cuja finalidade é identificar uma possível aparição do misterioso invento. As descrições até hoje feitas sobre os discos-voadores foram seriamente examinadas e para elas houve uma explicação. Porém, esses três casos à direita não tiveram explicação. Continuam um mistério!



Dois pilotos de um avião civil afirmam ter interceptado um foguete do tamanho de trinta metros, que sobrevoava a cidade de Alabama, nos Estados Unidos. O foguete voava com mais de 500 quilômetros por hora. A descrição que esses dois pilotos norte-americanos fizeram permanece até agora sem nenhuma explicação.



Em Londres, Inglaterra viram um foguete em forma de cigarro no céu, a grande velocidade e sem fazer rumor. O objeto era um meteorito, isto é, um bloco de metal que se movia a 15 mil metros de altura. A réstoa luminosa é formada pelos vapores que se formavam enquanto o objeto se movia pelo espaço. Ao contato do ar tornava-se incandescente e lançando chispas na direção do norte.



A 1 de outubro de 1948 o tenente George Gorman, da aviação americana voava a bordo do seu «Mustang» para o aeroporto de Fargo (Dakota, Estados Unidos), quando avistou um objeto semelhante a um globo luminoso, que se librava no ar fazendo evoluções. O tenente Gorman meteu-se no seu encaixe, imaginando descobrir a natureza daquele estranho objeto. As evoluções do «Mustang» e do «globo» foram controladas e confirmadas pelo pessoal e oficiais do aeroporto. A descrição feita por Gorman aos cientistas continua um mistério.

Botões



ORGANDI BRANCO com "pois" negros (5 metros de 90 centímetros de largo) 7 botões graciosos: Rei... Capitão... Soldado, só... Cinto de veludo. Gola branca. Saia em quatro panos. Busto ajustado por pences.



GIVENCHY, dos mais recentes figurinistas de Paris, espírito revolucionário, criou para Miss Cotton, a Senhorita Algodão dos Estados Unidos, que está fazendo a volta ao mundo e à muita cabeça... este gracioso vestido em quadriculado branco e vermelho inteiramente abotoado à frente... Vinte e nove botões brancos; leva este botãozinho róseo. Amplas mangas à la Givenchy...

ALGODÃO estampado azul e branco (4 metros) gola e punhos com debrum branco, saia reta, cintura justa. Quatro botões azuis enfeitam o decote.

CARVEN apresenta este lindo Vestido de passeio todo branco, com as mangas talhadas no busto. Trinta botões. Rei, capitão, soldado, ladrão... Rei! Nem podia ser de outra forma...



Paris

Place de La Concorde



Numa Foto MAYWALD, podemos apreciar este encantador vestido para as nossas lindas tardes de eterna primavera. O tecido é faille, em xadrez preto e branco "chez Hein". Cinto de veludo negro e gravata de rosas rubras. Um encanto!

MU
E
c
ma
An
o q
V
di
e
ju
★
og
ga
po
★
ter
que
ria
um
livr
no
nã
cia,
o «
elog
★
poe
os E
pro
tra
ame
Olin
séri
pol
elei
★
leir
sent
lent
par
Ribe
★
pro
didi
teú
e a
reun
a c
ilust
da

ENTRE DEPUTADOS e entre escritores... Há poucos dias, na Câmara, protestou o poeta Afonso Arinos contra a jactância com que o apartava o romancista Benedito Valadares... O autor de «Espurição» protestou contra o «adjetivo» e o poeta teve que esclarecer que jactância é substantivo.

★ ROSALINA COELHO Lisboa agradeceu publicamente a «propaganda» que os ataques merecidos pelo seu livro foram para a obra: «... a Secra de Caím» já está em terceira edição, ao mesmo tempo que vem sendo traduzido em várias línguas... Disse a autora, em um programa de rádio, que seu livro foi o primeiro a ser atacado no Parlamento, o que realmente não é pouco. Até hoje se conhecia, citado no Parlamento, somente o «Urupês», de Monteiro Lobato, elogiado ali pelo grande Rui.

★ O CRÍTICO de «O Globo», poeta Antônio Olinto, viajou para os Estados Unidos, convidado para pronunciar conferências sobre letras brasileiras, em Universidades americanas. Além disso, Antônio Olinto fará para o seu jornal uma série de reportagens, literárias e políticas, inclusive a cobertura das eleições presidenciais naquele país.

★ «A ESTANTE», mensário brasileiro de bibliografia e cultura, apresentou seu terceiro número, excelente de matéria, trazendo, na separata «Valores», um estudo sobre Ribeiro Couto.

★ A ESCRITORA Branca Sampaio pronunciou uma conferência aplaudidíssima, pela forma e pelo conteúdo, sobre «Branca de Castela e a ação social feminina». Foi uma reunião de cultura e mundanismo a que provocou a presença da ilustre conferencista no auditório da A.B.I.

Semana LITERÁRIA

FORA DO PRELO

● O LADRÃO DE MILHÕES (PETER VOSS) — Revela este livro ao nosso público o talento excepcional de Ewger Seeliger, através da tradução de Germano G. Thomsen.

Corresponde «O ladrão de milhões» ao segundo livro da série intitulada «Novelas de Mistério», das quais as Edições Melhoramentos já haviam estampado «A miniatura desaparecida», de Erich Kastner. É leitura forte e atraente.

● COELHO NETO — É sempre uma satisfação ler algo sobre o autor de «Mano». A sua obra é dessas que enriquecem o nosso patrimônio artístico, o idioma e as letras brasileiras pelo seu conteúdo e por sua forma. Paulo Dantas escreveu a biografia «Coelho Neto» e soube fazê-lo com a admiração que merece o intelectual maranhense. É o vol. 4 de «Grandes vultos das letras», havendo as Edições Melhoramentos publicado Tobias Barreto, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, estando anunciados Graça Aranha e Paulo Setúbal.

● PRODUTOS DA CANA — É o tomo 15 do Abc do lavrador prático, legítimo roteiro simples e útil para a lavoura e a criação. Trabalho de autoria de Amauri H. da Silveira, especial para as Edições Melhoramentos, «Produtos da cana» responde a todas as consultas dentro do assunto.

● NOSSOS PEIXES MARINHOS — Parece que não há um só animal que Eurico Santos não tenha estudado em livros admiráveis. É um artista e um cientista conjugados em bela inteligência, profundamente humana. Um São Francisco leigo. Encantam e ensinam as páginas que lhe trazem a assinatura.

O seu mais recente volume, através da Briguiet, chama-se «Nossos peixes marinhos» — vida e costumes dos peixes do Brasil. Mostra o mar, generalidades, os habitantes das águas, seu valor alimentício, glossário dos termos de ictiologia, bibliografia, índice alfabético dos nomes vulgares dos peixes.

Obra em estilo fluente e comunicativo, como é do feitio do autor, «Nossos peixes marinhos» prendem o leitor como cultura e entretenimento, duplo objetivo dos trabalhos de Eurico Santos. Muito bons os desenhos de Ruth Dóris Secchin e Regina Sanchez.

UM LIVRO:

“POESIAS”

NILO BRUZZI é um romântico fiel. Guardou, com afeto, sua pureza inicial. Surgindo pouco antes do movimento modernista, (seu primeiro livro, «Luar de Verona», data de 1920) Nilo Bruzzi seguiu o rumo de sua sensibilidade e sua lírica, formada ao influxo dos neo-românticos, dos simbolistas, permaneceu naquela zona que nenhum parnasianismo conseguira atingir. Seus versos, nessa primeira fase, ignoravam os parnasianos: à maneira dos de Olegário Mariano, eram livres de técnica, sem exageros de metrificacão. Sua arte era essencialmente romântica, por isso, por certas liberdades de forma, por uma exuberância amorosa de que bem nos fala o próprio título de seu livro de estréia.

Permaneceu romântico. O movimento modernista que, em certo momento, interessou alguns poetas feitos no tradicionalismo, não o atingiu. Nilo Bruzzi preferiu ficar à margem. E, prosseguindo na sua obra poética, continuou-a no mesmo sentido, adstrito à mesma técnica, tradicionalista e bastante pessoal. A prosa que praticou em vários volumes, consolou-o das tradições da poesia, perdida tanto tempo em busca de vários caminhos. Para este poeta, o lirismo não depende da forma. Por isso, ele não deixou a sua estrada e há que reconhecer que teve razão: passada a crise, o que se viu foi a volta ao equilíbrio, o voto por uma poesia de substância e, principalmente, o repúdio a todas as absurdidades. Essa volta à serenidade veio encontrar Nilo Bruzzi no seu lugar. Poeta, tem posição marcada em nossa história literária. Será o nosso último romântico, de um romantismo mais forte do que ele próprio, de vocação, tanto como de gesto. Seu compromisso com as tradições românticas de nossa poesia colocaram-no em um pósto singular. De poucos de sua geração poderemos afirmar, como dele, que evoluiu sem descidas, sem falsear, por moda ou por virtuosidade, seu destino de poesia.

Daí o grande interesse que representa sua obra poética, reunida em grande parte neste volume que vem de ser publicado, incluindo alguns poemas inéditos, «A Noite Encantada», juntamente com os livros anteriores, «Luar de Verona», «Livro de Amor» e «Dona Lua».

Nenhuma voz, em nossa poesia amorosa, melhor do que a sua, falou com tanta ternura, com tão doce eloquência, com tanta nova e comunicativa inflexão sobre o velho tema e os velhos cacoetes românticos, tal esse da lua, tão íntima da poesia de Nilo Bruzzi.

F. Amundós Lys

UM AUTOR:

LAGO BURNETT

LAGO BURNETT, jovem poeta maranhense, nasceu na Ilha de São Luís, a 15 de agosto de 1929. Cedo, iniciou as suas atividades literárias, fundando, em 1945, no Colégio Estadual do Maranhão, o jornalzinho «O Clarim». Depois, passou a colaborar, assiduamente, no «Diário de São Luís», onde mantinha uma página de literatura e arte. Em 1948, publicou, com outros, a revista «Saci», de feição mais humorística que literária propriamente, a qual assinalou o rompimento dos «novos» da terra contra os valores acadêmicos. Em 1949, juntamente com outro companheiro de atividades, na província, lançou o jornal «Letras da Província», que, mais tarde, se transformou na revista «Afluente», de excelente aspecto gráfico e ótima colaboração. Nesse ano (1949), estreou, com o volume de versos «Estrêla do Céu Perdido», que mereceu grandes aplausos da crítica nacional, embora ainda contivesse muitas concessões ao «gonçalvismo» regional, através de certos poemas antiquados. Mas os poemas da segunda parte do livro, perfeitamente integrados na moderna estrutura do verso, garantiram um lugar de destaque, ao seu autor, entre os poetas da nova geração brasileira. Em fins do ano passado, Lago Burnett nos deu a sua segunda mensagem, com «O Ballet das Palavras», obra com a qual — segundo escreveu, num dos últimos números da «Revista Branca», o poeta e ensaísta Oswaldino Marques — realiza uma obra camerística, cheia de subtons irônicos e civilizados. «O Ballet das Palavras» teve boa aceitação, por parte da crítica, que nele reconheceu o caminho para novas experiências e novas pesquisas de seu criador. Atestam esta afirmação o número e a qualidade dos artigos e registros feitos, no Rio e nos Estados, sobre esses poemas.

O poeta Lago Burnett reside em S. Luís, onde exerce as funções de redator da Rádio Timbira. Recentemente esteve no Rio, onde entrou em contacto com os escritores da geração «novíssima».





Uma aula prática na célebre escola de domesticação de elefantes selvagens. Vemos os paquidermes de Gangara Na Bódio sendo domesticados pelos hábeis «professores» negros. São elefantes recém-capturados aprendendo a conhecer os seus instrutores. Os elefantes são fortemente atados com cadeias resistentes e devem permanecer assim até executarem com prontidão as ordens e as vontades dos seus valentes domadores.

UMA ESCOLA PARA ELEFANTES

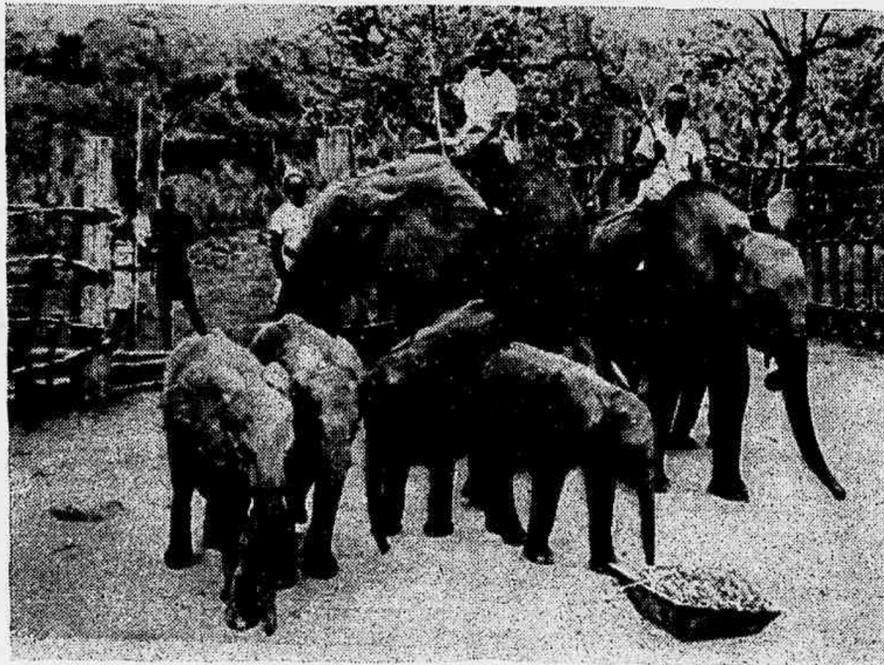
A caça ao elefante nada tem de especial. Um bom fuzil, manejado com habilidade, é o suficiente. Acrescente-se a isto a natural vaidade de vangloriar-se: «Eu matei um elefante». E para completar a façanha basta exibir uma bela foto. Matar um elefante é, portanto, uma empresa relativamente fácil.

Em Moçambique, Lourenço Marques e na região de Zanzibar, existe uma equipe encarregada de, anualmente, abater os importunos paquidermes que causam dano à lavoura. Porém, somente os caçadores de elefantes vivos experimentam as emoções, as aventuras, riscos e a sensação de uma verdadeira vitória. O mesmo acontece com os especialistas da escola de domesticação de elefantes.

Havia um tabu em torno do proboscídeo africano. Por muito tempo se acreditou ser êle indomável. No entanto, desde 1879 desembarcaram no pôrto de Dar Es Salam, os primeiros quatro elefantes indianos, destinados a servir de exemplo aos seus irmãos africanos. Hoje a caça ao elefante

COMO NO CONGO BELGA SE ENSINAM E DOMESTICAM ELEFANTES SELVAGENS ★ UM TABU DESFEITO ★ OS NIAM-NIAM E SUA TÉCNICA ★ OS CORNACAS E SUA PERÍCIA

da África, tornou-se freqüente em tal do Congo Belga. Em Gangara Uelé, uma província ao norte oriente Na Bódio, funciona uma escola



Capturado, o elefante segue para a escola. No flanco do elefante mais velho, o «monitor». Um Niam-Niam tira o laço da pata traseira do animal bravo. Esta operação exige coragem, pois o novo «discípulo» procura desvencilhar-se de qualquer maneira, dando perigosos coices.

para domesticar os maiores inquietos das selvas.

O mês preferido para a caça é o de fevereiro. Nesse mês os elefantes estão na época dos amores e o cuidado dos próprios instintos os conduz ao regime de solidariedade. Os mais novos, sem muita experiência, ficam praticamente abandonados a si mesmos. E então começam as grandes batidas. Os mais afamados caçadores são os negros de origem sudanesa Niam-Niam (conhecidos também como Azandes), uma das tribos mais belicosas da África. Os Niam-Niam já foram considerados os mais célebres antropófagos e cruéis canibais, devorando-se entre si, os mais fortes eliminando os débeis e os feridos. Nem os pigmeus de Akka superam os Niam-Niam na caça ao elefante.

A caça começa logo ao amanhecer. A frente da caravana vem sempre um europeu. Os Niam-Niam usam uma velha tática: aproximar-se sem ser pressentido pelo animal. O elefante, como todos os demais animais, teme o homem e procura escapar ao primeiro

contato. Quando surpreendidos em manada, logem pelo descampado, numa verdadeira formação defensiva. Os mais velhos na frente, de ambos os lados, protegem aliás os mais novos; no centro os filhotes se escondem. Evitar esta formação é a primeira tarefa dos caçadores.

O elefante deve ser capturado entre 12 e 15 anos, com uma estatura de 1,50 a 1,80 m. Antes desta idade não suportaria ser domado. Sendo mais velho também não serve para ser domesticado. O êxito da caçada depende de vários truques. Quando o europeu, montado a cavalo, avista o bando, faz um sinal aos Niam-Niam, que, cautelosamente, começam a caçar. Descoberto o animal que se deve capturar, tem início a primeira operação da caça, que consiste em separá-lo do bando, evitando possíveis retornos ofensivos por parte dos pais. A ação dos Niam-Niam é feita com eficiência e segurança. Hábeis lançadores jamais erram na lançada, no instante preciso.

Desfeita a formação defensiva e havendo uma certa confusão entre os animais os Niam-Niam empregam toda a sua técnica e perícia. Não os intimidam os berros ferozes, as investidas perigosas dos animais na ânsia de fuga. Mas o laço jogado acertou uma das patas traseiras e, agora, o prisioneiro esbraveja, empertiga-se e emperra. Somente a custo e com o auxílio de um elefante velho e domesticado, o animalzinho se resigna. Com o «monitor», nome que se dá ao elefante velho, o animal capturado faz seu ingresso na escola de Na Bódio.

Então começa o curso, que dura



Na escola de Gangara Na Bódio desfez-se o tabu de que os elefantes africanos reduzidos à vida domesticada, não se reproduziam. Os elefantes africanos, domesticados, tornam-se úteis para o trabalho.

de dez a doze meses. A primeira parte do adestramento consiste em habituar o paquiderme com a presença do homem, especialmente daquele que se tornará o seu «cornac». Pela manhã e pela tarde os domadores se aproximam do

prisioneiro, fortemente ligado, e dão-lhe de comer ananás, bananas, batatas doces e cana de açúcar. Depois o rodeiam e por horas e horas cantam em cântico intermináveis nências indianas, nas quais são narradas façanhas de tantos

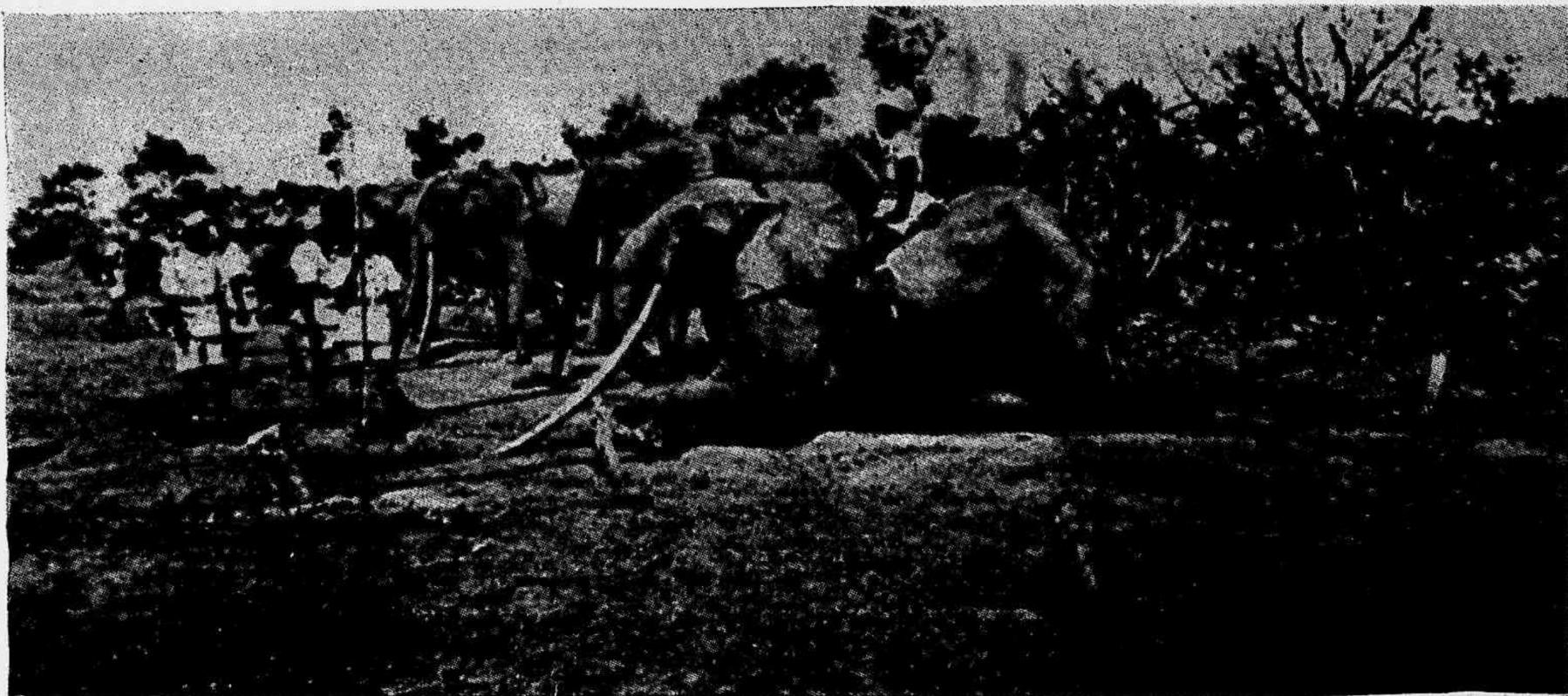
outros elefantes da antigüidade. Aquêlo monótono canto tem uma virtude: acalmar o «estudante calouro».

No segundo mês de internão inicia o domador a experiência para ver se consegue montar no «poldro» de tromba. O elefante estranha e se irrita um pouco. Repetidas vêzes até que o animal se acostume torna o domador à mesma lição. Acostumado ao contato do homem afeiçoa-se o animal, obedecendo às ordens dadas para andar ou parar, etc.

Começa, então, o curso prático. O elefante aprende a carregar pesos, a transportar cargas, a erradicar árvores e outras tarefas pesadas. Um elefante bem domesticado pode, sozinho, beneficiar um bom trato de floresta.

Além destes resultados eficientes tem-se conseguido mais em Gangara Na Bódio. Contrariando a opinião de que os elefantes africanos não se reproduziam, quando domesticados, tem-se constatado justamente o inverso. Vários casais aumentaram a população em Na Bódio. Há um caso a considerar: o elefante teme o sol, porque pode tornar-se louco, e neste caso é perigosíssimo. Este caso de loucura é próprio dos elefantes africanos, nunca se verificando com os indianos.

Os elefantes domesticados em Gangara Na Bódio têm sido muito procurados para fins comerciais. Os circos são os maiores fregueses dos afamados proboscídeos. O mais curioso é que, quem quiser comprar um elefante domesticado em Na Bódio, tem que tomar para si, também, o «cornac», ligado por toda vida ao seu paquiderme.



Um «monitor» guia um pequeno elefante que tem poucos dias de permanência na escola. O desenvolvimento dos paquidermes processa-se lentamente: o elefantinho que aparece no «cliché» que estampamos tem doze anos. O elefante guia tem cerca de trinta anos de idade.



A VIDA de

NOEL ROSA

Contada por **ALMIRANTE**



○ "BANDO DE TANGARÁS" ★ ORIGEM DE UM APELIDO FAMOSO
★ HENRIQUE BRITO ★ TRAGÉDIA NAS MATAS DA TIJUCA ★ AVEN-
TURAS NA AMÉRICA DO NORTE ★ O INVENTOR DO VIOLÃO ELÉTRICO

MUITA gente guarda ainda na memória alguns dos estrondosos sucessos alcançados por aquêlé brasileiríssimo conjunto regional chamado «Bando de Tangarás» que, entre 1929 e 1932, ocupou lugar de destaque no nosso meio musical, graças à originalidade de suas apresentações e mais ainda graças a seu repertório limpo e inédito.

O «Bando de Tangarás» era formado por legítimos amadores que recusavam, formalmente, qualquer espécie de pagamento por suas exibições em público. Receber dinheiro para tocar violão ou cantar era considerado por nós como ato degradante. Nosso escrúpulo — ou, porque não dizer, nossa vergonha — ia ao ponto de nem admitirmos o pagamento da condução para os lugares, mesmo os mais longínquos, onde nos íamos apresentar graciosamente.

Sòmente concordávamos em receber o dinheiro proveniente da vendagem de nossos discos ou das audições radiofônicas que se faziam, aliás, cada vez mais freqüentes.

Tão estranho desprendimento foi de enorme valia para o bom conceito do conjunto que, mesmo explorando sambas e emboladas — formas ainda consideradas rasteiras, na música popular — se mantinha em posição social bem diversa dos outros muitos

grupos de profissionais, não afetados pelos nossos tolos preconceitos.

★

Quando se procedeu à seleção dos cinco que iriam formar o «Bando de Tangarás», Carlos Braga, que já sugerira aquêlé título, aventou, também, a idéia de que cada um de nós, para aumentar o simbolismo, adotasse um nome de pássaro, como pseudônimo. Eu, Noel, Brito e Alvinho rejeitamos a proposta. Eu, porque já estava sobejamente conhecido pelo apelido que recebera na Reserva Naval; Brito, porque jamais se acomodaria a outra alcunha além da de «Violão» que os colegas do Colégio

Batista lhe haviam conferido, por não poderem desassociar o homem do instrumento; Alvinho, porque não pretendia admitir para si mesmo mais do que o diminutivo familiar de seu nome. E Noel?

Creio firmemente que o motivo principal que levou Noel a fazer côro conosco, naquele momento, teria sido sua ojeriza aos apelidos, pela triste lembrança dos tempos em que seus colegas do São Bento, impiedosamente, fazendo alusão a seu defeito físico, o designavam como «Queixinho»...

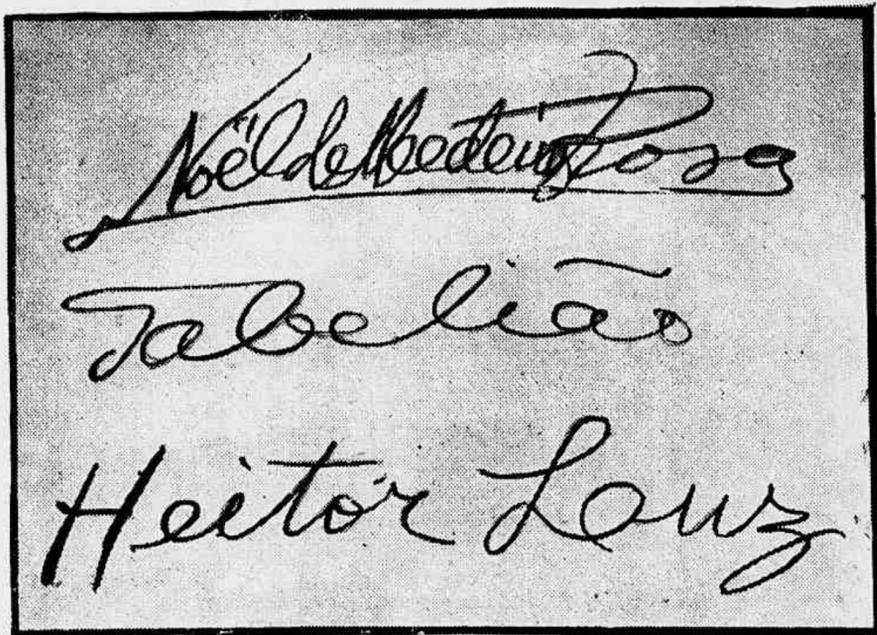
Carlos Braga, (o Braguinha) porém, tinha suas razões especiais para adotar um nome de guerra. Filho de distinta família,

com representantes de prestígio no nosso alto-comércio, pareceu-lhe comprometedor o arrastar o sobrenome para as lides inda mal-vistas da música popular. Por essa razão, foi o único a tomar para si um nome de pássaro e adotou, desde então, o pseudônimo de «João de Barro» com que, aliás, tem assinado a valiosa bagagem musical que vem produzindo ininterruptamente, pontilhada de sucessos marcantes, tais como «Copacabana», «Fim de Semana em Paquetá», «Chiquita bacana», «A mulata é a tal», «O gato na tuba», e uma porção de etc....

★

Dos cinco fundadores do «Bando de Tangarás», um desertou das lides musicais: — Alvinho. Era e é cantor de voz aveludada e bonita. Eu e «João de Barro» prosseguimos na carreira que se iniciou naquele conjunto. Noel Rosa morreu, e dêle falaremos longamente nestes capítulos. Podemos, por isto, nos deter um instante para lembrar outro saudoso companheiro, que a morte nos arrebatou também: — Henrique Brito.

Natural do Rio Grande do Norte, irmão de inspirado poeta e juiz, o Dr. Abner de Brito, teve Henrique Brito seus estudos no Colégio Batista custeados



NOEL DE MEDEIROS ROSA — eis o nome todo do inesquecível NOEL, num precioso autógrafa seu, em que êle mesmo, de seu próprio punho, num papel amarelo, (sempre excêntrico) escreveu o nome do tabelião.



ALVINHO, numa fotografia da época, quando gravava para a Odeon, desde que se celebrizou no estribilho do fox «Red hot and blue rithm».

pelo Dr. Antônio José de Melo e Souza, governador do Estado, e que se abismara ao ver o virtuosismo que o menino demonstrava em seu violão, num concerto realizado em 1920, no Teatro Carlos Gomes, de Natal, onde executava, numa corda só, as peças mais difíceis e variadas.

No colégio, aqui no Rio, Henrique Brito revelou, imediatamente, sua nenhuma queda para os estudos. Levava ali o dia inteiro abraçado a seu instrumento, fugindo o quanto possível das aulas, donde o apelido de «Violão» que mereceu de seus colegas.

Esquisito e paradoxal aquele bom Henrique Brito. Moreno, forte, truncado, era o que se poderia chamar hoje de «bonitão». Nervosíssimo, calorento, agitação, vivia em permanente movimentação, irrequieto, exigindo, em qualquer lugar, indiferente a cerimônias e etiquetas, que mantivessem abertas tôdas as janelas e portas. Alegava constante falta de ar e o fazia sentir de maneira peculiar, em frases telegráficas, ditas em rapidez estonteante:

— Puxa! Não pode ser, não! Muito calor! Muito calor! Abre tudo! Abre tudo! Estou sufocado! Falta de ar!

Ficou notória, nos meios musicais, a forma como dizia, com ligeireza insuperável, sem se atrapalhar, sem mastigar uma sílaba sequer, o nome completo da pianista Carolina Cardoso de Menezes.

Certa ocasião, lá estava êle, na velha Rádio Clube do Brasil, a realizar um programa de solos de violão. Desejando ouvir determinada música sua, liguei para a emissora e pedi que o chamassem ao telefone. E o incrível, brevíssimo diálogo que travamos, dá bem a idéia da constante e imprevista agitação daquele curioso espírito. O

«pronto» com que me atendeu foi um simples fragmento de som. Ao ouvir sua voz, de cá, anunciei:

— Brito, quem fala aqui é o «Almirante».

Sem perder um segundo, como se já tivéssemos dito tudo, Brito retrucou, sumariamente:

— Ah! Almirante? Sim? Até logo.

E bateu o telefone.

Era, infelizmente, inata aquela maneira irrefletida, e foi a causa de lamentável tragédia em que Henrique Brito se viu envolvido, pouco depois de sua chegada ao Rio, e quando já estudante do Colégio Batista.

Aos domingos e feriados, os alunos daquele educandário divertiam-se fazendo incursões pelas matas do Trapicheiro, rio que nasce nas serras da Tijuca e que, com o tempo, foi impondo seu nome aos lugares que, antes, eram conhecidos como fábrica das Chitas. Numa daquelas passeatas, um grupo de meninos descobriu, em plena floresta, uma cabana abandonada. Na sua natural curiosidade pelos achados, os alunos invadiram a casinhola e, no único compartimento de terra batida, um deles, apontando para o chão, bradou:

— Olha um revólver!

Era, de fato, uma velha arma, enferrujada, aparentemente imprestável. Mais ágil e mais afoito, Henrique Brito, num relance apossou-se do revólver. E, incontinenti, sem raciocínio, encostou o cano à própria frente e anunciou:

— Vou me matar! — e puxou o gatilho.

Um estalido sêco e, nada sucedeu, felizmente. E então, no mesmo impulso louco, irresponsável, apontou a arma para um colega, de nome Jacob, que se encontrava a dois passos, e avistou, risonho:

— Vou matar você!

O tiro partiu à queima-roupa, estraçalhando o peito do menino, ante os olhares atônitos dos companheiros, testemunhas impotentes da cena aterradora.

★

A funesta ocorrência em nada modificou seu modo de agir. Sua inconsciência era natural e incontrolável. Continuou, pela vida afora, até morrer, agindo assim, impensadamente, sofrendo, sem se emendar, o ricochete de suas atitudes imprudentes.



GRUPO GENTE DO MORRO. Fêz sucesso com Macumba de gente branca e com o samba «No Sarguero». Compunham-no B. Lacerda, Henrique Brito, Jacy Pereira, Gastão de Oliveira, Juvenal Lopes e Antônio, pandeirista.



O BANDO DOS TANGARÁS, que ficou famoso. Da esquerda para a direita: João de Barro, Manuel de Lima, Almirante, Luperce Miranda e Noel Rosa (em cima). À frente, Sérgio Brito e os meninos Daniel e Abelardo.



NO PRAIA CLUBE — Uma das festas da sociedade a que comparecia, como grande atração o «Bando de Tangarás». Noel Rosa era um bicho para faltar, pois seu espírito boêmio não se conformava muito com essa história de compromissos à hora certa... Esta foi no ano de 1930. Como passa o tempo...

Uma tarde, voltávamos de um almoço festivo, no Saco de São Francisco, em Niterói. Moças, rapazes, crianças, todos viajavam de pé, aglomerado num reboque tipo misto de um bonde da Cantareira. O teto muito baixo do carro fazia com que as lâmpadas elétricas ficassem à altura das cabeças dos mais altos. Notando que alguns reclamavam pilheriando contra as lâmpadas, Brito, sem nada avisar, arrebato a bengala que alguém levava e com ela estourou uma das lâmpadas. Por milagre, nenhum dos perigosos estilhaços de vidro atingiu qualquer dos passageiros. No entanto, a atitude de Henrique Brito poderia ter sido fatal para os olhos de quantos se apinhavam naquele local.

Em 1932, quando o Brasil enviou a Los Angeles sua embaixada para participar dos Jogos Olímpicos, Henrique Brito seguia no mesmo vapor — o «Itaquicé» — como componente do conjunto musical que se intitulava «Brazilian Olympic Band».

Finda a temporada, no momento exato da partida, sob o pretexto de que esquecera o violão num bar, nas proximidades do cais, Henrique Brito desceu de bordo e não voltou. E por lá ficou, perto de um ano, misteriosamente, burlando a severa lei americana e, mais misteriosamente ainda mantendo-se em

terra estranha, cuja língua nem «arranhava»...

De volta ao Rio, exibiu o primeiro violão elétrico que se conheceu por aqui. Foi, sem dúvida, o inventor de tal instrumento. Desde 1929, mostrava-se insatisfeito com o pequeno som dos violões comuns. O advento do cinema falado deu-lhe a idéia de adaptar uma amplificação ao

seu instrumento mas, apesar de ter sugerido a novidade a vários técnicos patricios, nenhum lhe deu importância. Em sua permanência nos Estados Unidos, Brito, um dia, expôs sua idéia a um fabricante de instrumentos, na cidade de São Francisco. E o industrial, dando-lhe como pagamento o primeiro violão elétrico que fabricou, guardou para

si a patente que lhe teria, de certo, rendido rios de dinheiro.

Indiferente a todo e qualquer lucro pecuniário, Henrique Brito, longe de reivindicar a paternidade do invento, mostrou-se exultante pelo simples fato de possuir o sonhado instrumento.

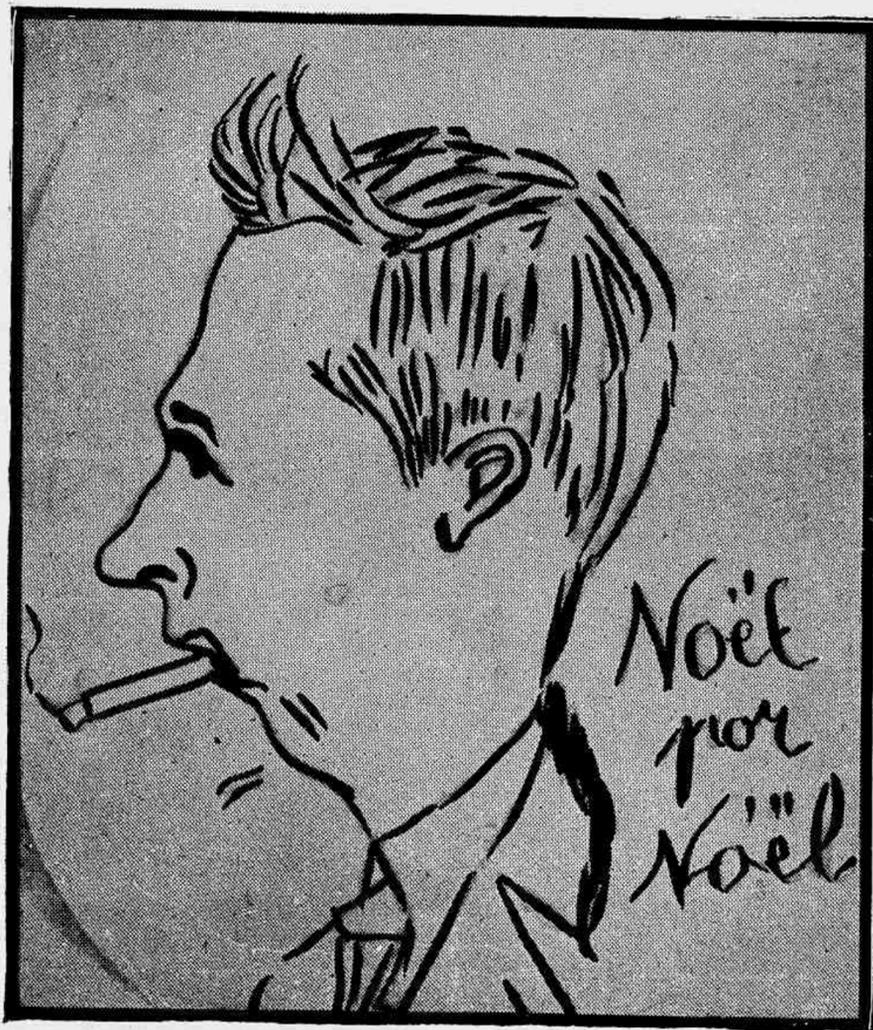
★

Henrique Brito e Noel Rosa tornaram-se amigos com a formação do «Bando de Tangarás». E dessa amizade resultou a primeira música composta em parceria pelos componentes daquele conjunto. Chama-se «Queixumes». Tinha música de Henrique Brito e versos de Noel Rosa:

QUEIXUMES

Canção

Sem estes teus tão lindos olhos,
Eu não seria um sofredor.
Os meus ferinos abrolhos,
Nasceram do teu amor.
Eu hoje sou um sonhador
E gosto até de assim penar;
Vou te dizer os meus queixumes:
Ciúmes
Tenho do teu olhar!
Quero sempre te ver bem junto
[a mim!
Por que te esquivas assim, cora-
[ção,
De uma paixão?
O teu olhar traz alegria,
Mas também traz o amargor...
Sem ele então, não viveria.
Vida não há sem dor...



NOEL CARICATURISTA — Além de violeiro, cantor e principalmente grande compositor, Noel, artista nato, era espontâneo caricaturista. Ele mesmo fez esta caricatura e escreveu: NOEL POR NOEL...

A SEGUIR: — O avô de Noel, o poeta Corrêa de Azevedo. ★ O pai que o ensinou a tocar violão. ★ A história dramática da avó e do pai de Noel e o suicídio de ambos. ★ Fotografias inéditas de Noel com a mãe e o irmão Hélio, hoje capitão-médico do exército. ★ Novos episódios da vida do incomparável Noel Rosa contados pelo seu grande amigo, o fantástico ALMIRANTE.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginásial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE SIGNIFICA «ABAÇAI»:

- Uma árvore?
- Pesca abundante?
- Gênio maléfico da mitologia tupi?

2 — QUE NOME TEM O APARELHO PARA EXTRAIR SANGUE:

- Bdelômetro?
- Sfignomanômetro?
- Estetoscópio?

3 — UMA PESSOA QUE SOFRE DE «BRADIFASIA», TEM:

- Lentidão na pronúncia das palavras?
- Cabeça pequena em relação ao corpo?
- Uma perna maior que a outra?

4 — EM QUE ANO HOVE, NO RECIFE, A REVOLTA CHAMADA «CABANADA»:

- 1817?
- 1824?
- 1832?

5 — EM QUE PONTO DE NOSSO ESQUELETO FICA O «CÓCCIX»:

- No esterno?
- No crânio?
- No fim da coluna vertebral?

6 — QUE VEM A SER «DESADUNADO»:

- Irritado?
- Separado?
- Molhado?

7 — QUAL O SIGNIFICADO DE «ENDOGAMIA»:

- Casamento na família?
- Doença do sono?
- Celibato?

8 — UMA PESSOA ATACADA DE «ESTASIOFOBIA», TEM MEDO DE:

- Viajar de avião?
- Pôr-se em pé?
- Ser mordida por um cão?

9 — QUAL DESTAS PALAVRAS É SINÔNIMA DE «GALHO DE ARVORE»:

- Culex?
- Pirite?
- Ranco?

10 — QUE VINHA A SER A PALAVRA «SACRE», ANTIGAMENTE:

- Grande canhão?
- Lugar mais fundo de um rio?
- Altar mor?

11 — QUE SIGNIFICA «SEPTICEMIA»:

- Pessoa atacada de descrença?
- Estado infeccioso do corpo?
- Reumatismo?

12 — HIPOACUSIA, QUER DIZER:

- Moléstia de cavalos?
- Diminuição do sentido da audição?
- Vista cansada?

13 — GENETLIACO SE REFERE A:

- Data de nascimento?
- Dia do casamento?
- Ou da morte?

14 — QUAL DESTES INSETOS TRANSMITE O PALUDISMO:

- A môsca doméstica?
- O mosquito «Culex»?
- O «Anofeles»?

15 — O «ESCALRACHO» É:

- Uma árvore?
- Gramínea?
- Uma espécie de maribondo?

(Respostas na página 46)



O DIREITO DE ENCHER...

Certa novela famosa recebeu o apelido, que ficou tão conhecido como a própria novela. Mas que existe o direito de encher, existe e as provas fotográficas aí estão... De um lado uma «modêlo» inglesa enche com um canudinho o «soutien» chamado «muito secreto» e que, realmente, vai ser a arma secreta das mulheres. Feito de borracha e «nylon», com compartimentos separados, que as donas encherão, de acôrdo com as conveniências, aqui, ali ou acolá... Do outro lado a garotinha acha que tem o direito de encher a barriguinha depressa e usa de uma vez cinco canudinhos...



P o



7

pelos
cirúrg
a to

Le cé
H.C.
DE
ES
P

8

a vo
novi
E su



8

a vo
novi
E su



9

edif
praí
lumb

9

edif
praí
lumb

ARABELLE a última sereia

Por VANIA LAUREZ

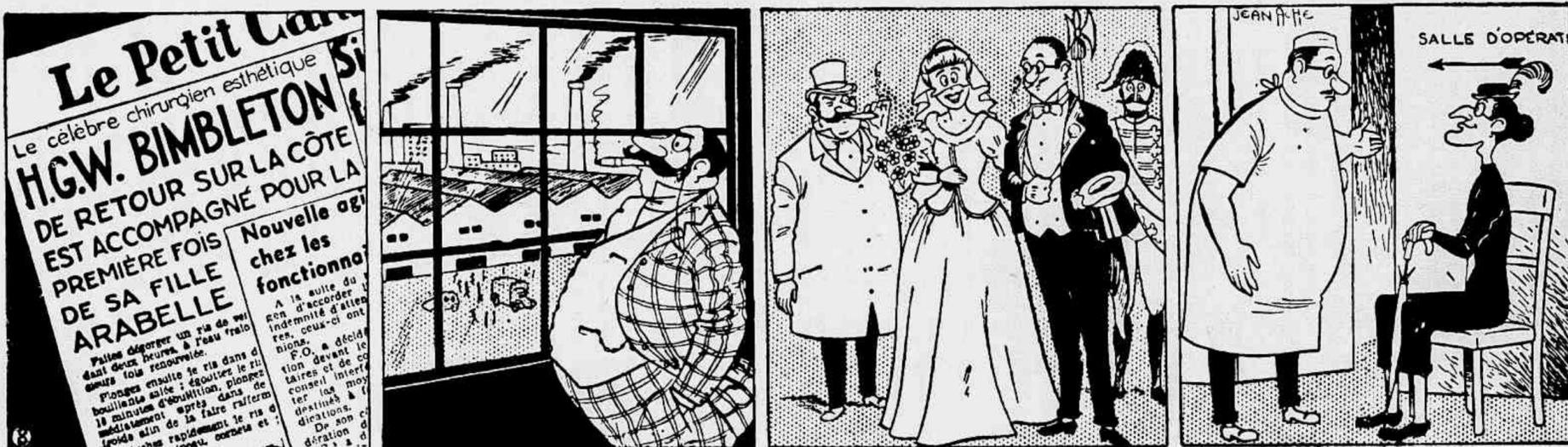
★

Desenhos de JEAN ACHE



7 A alegria é enorme e se resolve dar uma festa a bordo. Bimbleton declara que a Sereia poderia agora conquistar o mundo, não somente pelos seus dotes de voz mas pela beleza física. Era ela a obra-prima da ciência cirúrgica. E faz esta revelação: Você, diz ele, vai ser minha filha adotiva. Eu a tornarei a mais venturosa moça do mundo. Arabelle está radiante. Deve

aquele americano excepcional sua reintegração na sociedade humana, tornando-se mulher como as outras. E a promessa que fizera de libertar o navio encalhado? Arabelle certamente que a cumpriu, e, ao romper da alvorada do dia seguinte, o iate desencilhou e tomou o rumo da costa francesa do Mediterrâneo. A bordo todos comentavam a beleza da festa ao espocar do chamapanhe...



8 Logo que o barco chegou ao primeiro pôrto da França, repórteres vieram falar a Mr. Bimbleton, e os jornais abriram colunas anunciando a volta do mais famoso cirurgião do mundo em estética facial. E a grande novidade: ele trazia a bordo, pela primeira vez, sua encantadora filha, Arabelle. E surgiam nas colunas dos jornais completas biografias do famoso cirurgião.

Era ele filho de grande milionário e industrial norte-americano, fabricante de botões para punho, tendo-se formado em medicina e escolhido a especialidade cirúrgica de tornar belos os rostos feios, tornando-se, em pouco tempo, devido à sua grande habilidade, sumidade em cirurgia plástica. Arabelle estava radiante e não sabia como agradecer tanta felicidade em sua existência.



9 Vão hospedar-se no Claridge-Hotel, onde ele sempre costumava ficar, sempre que visitava a cidade. Ocupam o mais luxuoso apartamento do edifício. Arabelle, deslumbrada, vai à varanda, de onde se via a cidade e linda praia que a banhava. Tudo lhe parece maravilhoso. Ela não contém seu deslumbramento. Não acredita no que seus olhos vêem. Aproveitando as delícias

de um sol de verão e de um mar caricioso e muito verde, ela veste um maiô elegante e discreto e desce à praia. Sua beleza chama a atenção dos banhistas e vários grupos se formam para admirá-la. Não muito longe dela, um veranista de óculos escuros e binóculo a olha com insistência. Quem seria ele? que desejava da fascinante sereia já agora sem escamas e cauda de peixe? Amôres?...

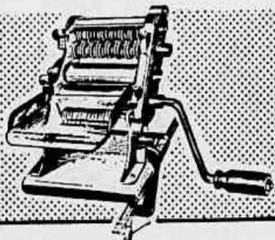


Sua cozinha está completa?

eis algumas interessantes sugestões:

MÁQUINA PARA FAZER MACARRÃO

Abre a massa para macarrão, gnocchi e pasteis com rapidez e sem cansar. Um artigo imprescindível em seu lar. Temos vários modelos.



APARELHO DE CHÁ E CAFÉ

Distinção e beleza para a sua mesa. Bule para café, bule para chá, leiteira, açucareiro, manteigueira e bandeja. Em metal finamente niquelado.



TALHERES INOXIDÁVEIS

Das afamadas marcas "Hercules" e "Wolff", em lindos e variados desenhos.



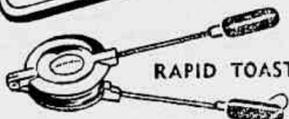
PANELA DE PRESSÃO

Prepara em minutos, o que normalmente leva horas. Reduz em cerca de 75% o consumo de combustível e conserva melhor o sabor dos alimentos.



RELÓGIO PARA COZINHA

Marca Tagus. Vários modelos e tamanhos. Acabamento em cores.



RAPID TOAST

Para fazer deliciosos sandwiches bem torrinhos, cachorro quente etc. em poucos minutos.

CORTADOR DE OVOS

Em uma única operação, corta o ovo em 10 rodélas, para enfeitar pratos, saladas etc.



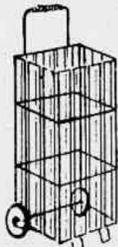
LIQUIDIFICADOR TRIPLEX

Tipo manual, com três diferentes batedores para liquidificar frutas, bater ovos, cremes, purées; misturar molhos de saladas, bebidas etc.



PANELAS DE AÇO FRACALANZA

Diversos tipos e tamanhos, em especial aço inoxidável, de grande duração, da conhecida fabrica Fracalanza.



CARRINHO PARA COMPRAS

Leve-o consigo, quando for à feira. Dobrável, sendo fácil de guardar e transportar. Temos outros modelos.



BALANÇAS DIVERSAS

Domésticas, Esmaltadas. Capacidade 10 Kg.



TESOURA PARA COZINHA

Com mil utilidades na cozinha. Abre garrafas, aperta parafusos, quebra nozes, serve de martelo, corta vegetais, etc.



COADOR COM AMASSADOR

Para amassar e coar feijão, abacate, etc. Sempre útil na cozinha.



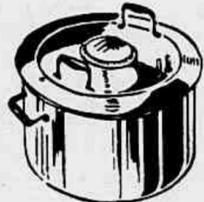
FÔRMA PARA BOLOS

Permite sobrepor as camadas de um bolo formando um bonito desenho.



ESPREDADOR DE BATATAS

Ferro estanhado, cilíndrico ou triangular. Práticos e duráveis.



PANELA - FÔRNO ELÉTRICA

Um forno extra para seus bolos, empadinhas e pudins; uma panela mágica para assar, com rapidez frangos, pernis etc. É só ligar a tomada, em qualquer lugar.



SERINGA PARA CONFEITAR

Com bicos sortidos, para executar os mais variados desenhos em doces, bolos, etc.

FOGÕES A ÓLEO

Práticos, limpos e econômicos. Para óleo Diesel ou querosene. Chapa e grelhas esmaltadas a fogo. Sem ruído, sem fuligem e sem pressão. Diversos modelos.



UM CRÉDI - MESBLA resolve seu problema

Pro-Rio

Rio de Janeiro: Rua do Passeio, 42-56
Niterói: R. Visconde Rio Branco, 521/3

UMA BRASILEIRA...

(Continuação da pág. 17)

numa função apenas decorativa. Uma pedreira (estamos na dúvida se autêntica) enorme servia de fundo para fotografias nas montanhas. Uma escultura mexicana sugeria velhas regiões dos planaltos astecas, e fôlhas pendentes dum galho serviam para localizar uma pequena floresta. Duas grades de ferro poderiam ser janelas americanas, ou qualquer outra coisa que Luxardo quisesse, com um simples efeito de luz. É os refletores, como os de cinema, não dormiam no chão. Estavam todos montados em cavalotes, e de bôcas abertas a jorrar luz sobre a jovem que se reclinava num divã, numa atitude que Elda exigia severamente.

DISCIPLINA...

— Se você quer sair bonita na fotografia, deve fazer, exatamente, como eu peço. E não como você julga, minha filha.

A jovem esticava o pescoço, sorria num tom vago, deixava as pontas dos dedos acariciar os cabelos, e Elda, como se fôsse um pintor, em rápidas pinceladas, corrigia as dobras do vestido, ajustava a curva das pernas e o cotovelo. Possivelmente, deixava-se guiar. O fato de pagar a Luxardo por aquela fotografia não implicava no direito de tirar o retrato como bem entendesse. Nada disso! O retrato tinha que sair da máquina como a artista imaginasse, e a jovem se humilhava.

— Como a senhora quiser, madame.

— Isso, minha filha. O diretor é quem sabe o que fica bem e mal... Obrigada.

GAÚCHA

Elda Luxardo tem pouco mais de trinta anos. Veio para a Itália aos dezessete anos, com o seu pai, que era fotógrafo na Avenida São João, em São Paulo. Veio com a família que, na Itália, pretendia, apenas, dar um belo passeio. Mas acontece que ela conheceu um italiano. E o casamento veio num segundo, sem tempo de dar tempo ao tempo para que a paixão esfriasse. Elda casou com Argentó. Hoje, Argentó é diretor dos escritórios da UNITALIA FILMES, a mais simpática organização de cinema na Itália, e a que mais faz pela arte cinematográfica do país.

(Cont. na pág. 50)

FAÇA EM CASA O TRATAMENTO DE BELEZA DOS SEIOS



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios, firmeza, perfeição e encanto. PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE. Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias. — Distribuidores Araújo Freitas & Cia.

Visitem nossas exposições

SECÇÃO de FERRAGENS

MESBLA

A ATRAÇÃO DA CINELÂNDIA

VENENO NAS...

(Cont. da pág. 50)

David, Timothy e Mrs. Andrews olharam admirados para a pequenina Adela de um ano de idade, que, tentando comer sòzinha, estava fazendo uma confusão tremenda com a colher na mão.

— Parece-me que você está exagerando um pouco só porque ela é sua filha, disse David.

— Não é esta Adela. Refiro-me a Adela Fitzjames.

Mrs. Andrews voltou-se interessada. David, que não conhecia Adela, serviu distraído uma xícara de chá para Helen e disse:

— Lembro-me de que você falou nela e mostrou uns retratos nas revistas. Deve ser do tipo que fica muito bem dentro de um vestido e horrível num maillot... (e ele piscou, olhando o corpo bem proporcionado da esposa).

— Adela conhece todo mundo e prometeu falar com Barney Mercer, do Tannards, acêrca da sua peça.

— Você acha que ela falará mesmo?

— perguntou êle incrédulo.

— Ela me pareceu interessada em ajudar...

Mrs. Andrews levantou-se, preparando-se para sair e disse:

— Eu não acredito. Tudo que Adela faz tem um segundo interêsse, ela só pensa em beneficiar uma pessoa, que é ela própria.

— Minha peça está no Tannards há seis meses e penso que ela esquecerá tudo. Os velhos amigos quase sempre fazem promessas que não tencionam cumprir.

Mrs. Andrews, acertando o véu do chapéu olhou o genro. Êle cuidadosamente limpava o rosto da filha com um guardanapo, o sol iluminava por trás sua magnífica cabeleira. Êle era bom, amável e modesto e muito atraente. E ela meneou a cabeça como quem já via tudo, e saiu.

Uma semana se passou e Helen começou a achar que David tinha razão. Ela não sabia se devia telefonar a Adela para lembrar a promessa. Por ela mesma jamais faria uma coisa destas pois ela e Adela viviam em mundos diferentes e Helen não pretendia entrar no mundo da outra. Porém, por David ela não media sacrifícios. Reconhecia que êle tinha talento e sabia que um sucesso o animaria a ser ainda melhor. Seus conhecimentos sôbre o assunto aumentavam e o que êle mais ambicionava era ver uma de suas peças levada à cena por atores profissionais. E costumava dizer:

— Se eu pudesse ver minhas peças interpretadas por Rachel Eldon eu nem me importaria com o resto.

Mas Helen temia que êle acabasse cansando de esperar e desistisse.

No sábado, estavam os dois trabalhando no jardimzinho e as crianças brincando com as fôlhas que caíam. David e Helen estavam plantando tulipas para a primavera e Helen estava decidida a telefonar para Adela depois que David sabsse para um ensaio à noite, e nisto Adela apareceu.

Ouviram o barulho da porta do grande automóvel cinza, que era fechada pelo chauffeur, depois que Adela saltou.

Ela vestia um tailleur elegantíssimo e trazia um original chapéu de penas. David impertigou-se e prestou atenção. Adela carregava uma braçada de gigantescos crisantemos e o chauf-

O SAPS NO JULGAMENTO DO POVO



Na zona sul, nos mais diversos pontos, o SAPS instalou barracas de preços populares. Na fotografia, a barraca da Urca, atendendo sua enorme freguesia nos variados gêneros de primeira necessidade.

NOS seus postos de venda, quer nas suas barracas fixas, quer nas suas barracas móveis, ou ainda nos seus bem sortidos armazéns, o SAPS tem se constituído num autêntico baluarte na defesa dos interêsses do povo. Êste povo tão sacrificado pela sanha criminosa dos tubarões gananciosos, que só visam, exclusivamente, lucros fabulosos.

A população carioca, então, é uma das mais sacrificadas. Se loge ao negociante inescrupuloso e vai à feira-livre, na esperança de alguma economia comprando por mais barato, é também lesado, pois em casa, ao examinar a mercadoria, vê com desilusão que o que comprou barato na realidade lhe saiu muito mais caro...

O SAPS vendo o carioca nessa agonia, indo de um para outro negociante, tentando em vão encontrar um local onde pudesse fazer a compra de seus alimentos, teve a grande iniciativa de instalar as barracas nos mais diversos postos da cidade, nos subúrbios mais distantes e nos bairros das zonas norte e sul, dando, assim, mais uma eloqüente demonstração de sua verdadeira finalidade de bem-servir ao povo.

Nessas barracas, instaladas em boas condições higiênicas, onde o lucro visado é o social, onde a mercadoria não vem do atacadista, do mercado ou do depósito, que são as três formas sob as quais age o intermediário, o SAPS está apto a cumprir com a sua importante missão. De sua bem montada granja no quilômetro 47 da Rio — São Paulo ou das diversas fontes produtoras, o alimento vem diretamente para o consumo do povo.

Outro exemplo do esforço do SAPS em proporcionar o alimento de primeira necessidade e de primeira qualidade por preço baixo, é o da manteiga. Enquanto em tôda a cidade o quilo custa em média 54 cruzeiros, nas barracas populares ela é encontrada a 28, apenas.

Baratear o custo da vida é um problema; o SAPS, porém, apresenta-se como uma de suas soluções. E o povo, compreendendo o alcance de suas iniciativas, o tem apoiado, comparecendo em massa aos seus postos de venda, como se vê nas fotos desta página, que focalizam duas barracas fixas.



Na zona norte também o S.A.P.S. instalou muitas de suas barracas, que são uma de suas armas no combate à ganância e ao alto custo da vida. Na foto, a barraca de Cascadura em pleno funcionamento.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã. Logo antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere aguardar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembolso.

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 53 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 50,00

feur retirou do carro uma cesta de frutas caras.

— É Adela — murmurou Helen —, e ela vem para cá.

— Há alguém doente? — perguntou David olhando os presente e depois para a família.

— Creio que são presentes...

— Ela parece que vai visitar um amigo recém-operado...

— Não diga tolices, David. Isto é uma gentileza...

Adela veio andando enquanto olhava o jardim florido e a macieira carregada de frutos.

— Que tolice a minha. Esqueci que vocês têm jardim e pomar e trouxe flores para você e frutas para as crianças...

— Foi muita gentileza sua e mesmo nós não temos uvas e laranjas.

O SEGRÊDO DOS...

(Cont. da pág. 24)

QUAL É O TESOURO DOS FRANCISCANOS?

O tesouro dos franciscanos, segundo os entendidos, e conforme depoimento de velhos limenhos cujos antepassados assistiram à guerra com o Chile, é composto de todas as riquezas que havia na igreja e hoje são motivo de hipóteses, apenas.

Na iminência do saque inimigo, os frades franciscanos, cujo mosteiro, como centenas de outros espalhados pela América do Sul, era um dos mais ricos do continente, esconderam as peças de ouro, as pedrarias, substituíram parte de altares feitos do precioso metal por madeira pintada, contando com o fim da peleja para repôr as riquezas em seus respectivos lugares.

Entretanto, os frades conhecedores do segredo todos teriam perecido durante o período que durou a guerra, e o último, certamente de repente, não tendo sequer tempo para passar adiante a localização do tesouro.

Publicamente, estes fatos nunca foram aventados. Ninguém jamais, nem mesmo a imprensa local, ousou divulgá-los. Mas o povo e os turistas, que visitam as catacumbas e deixam alguns «soles» nas mãos do guia, para que os religiosos possam prosseguir as pesquisas, perguntam: «Para que desenterrar os mortos, tendo grande trabalho com isso, se não há utilidade nenhuma, conforme dizem alguns? Para que o gasto enorme com o desenterramento e tratamento dos esqueletos? Qual o objetivo do trabalho, senão o tesouro? Conhece-se, no mundo, a história de desenterramento em massa, sem um objetivo prático? Apenão gosto?»

Se, ao menos, essas catacumbas, como as de Roma, fossem o retrato de uma época de perseguições cristãs, a mostra da fibra dos homens que, acreditando em Cristo, desafiaram o castigo corporal, a própria morte, para fazer viver sua doutrina, seria compreensível o que hoje é realizado em Lima.

Mas nesta cidade, onde as versões sobre o fato são as mais diversas, sabe-se apenas que as catacumbas serão varejadas até seu último centímetro. Vinte e cinco mil esqueletos já foram desenterrados e milhares de outros serão retirados de seus caixões ou das valas comuns, para, alinhados, formarem o macabro museu que encerra o segredo que os frades não revelam, mas está às vistas de todos.

A obra prossegue, palmo a palmo, metro a metro. Novas setas indicativas de direção são fincadas, milhares de metros de fios estendidos e lâmpadas mais possantes assentadas, para iluminar o tétrico subterrâneo, onde tudo é passado e morto, como os caixões em que esbarramos e as seculares paredes que nos sujam as roupas de terra úmida.

★

E se nada for encontrado, se o tesouro fabuloso for, como o de Lafite, o Corsário, e estiver plantado em outras regiões, os labirintos, então, passarão a servir como meio de renda aos religiosos. Essa, talvez, a razão de já os abrirem à visitação pública e de não revelarem a verdade encerrada sob o monturo de restos humanos que junca o subsólo do mosteiro. Amanhã, se a última passagem ruir e não for encontrada a riqueza, terá razão de ser o insano trabalho, que ainda levará muitos anos, pois mesmo sem um

sentido essencialmente histórico, poderá servir de motivo à curiosidade popular que, no entanto, não ficará satisfeita por ser desconhecido o motivo que determinou a construção das catacumbas.

E, se você for a Lima, não se esqueça de ir ao Mosteiro de São Francisco. Mesmo que ainda não tenham desenterrado o tesouro. Poderá ver as caveiras. Respirará o ar pesado dos séculos, sentirá o desprendimento dos célicos, admirará sua frieza e calma, ante as pilhas de crânios, de tíbias e de fêmures, que, como os ossos que você tem, movimentaram-se, tiveram vida. De regresso à luz radiante do dia, em contacto com a terra seca do jardim, respirando um ar leve e ameno, com cheiro de vida, de presente e de esperanças, você baterá as roupas sujas de terra úmida e teias de aranha, pensando, seriamente, se valerá à pena incomodar os que estão na última morada, expondo-os aos olhos profanos dos vivos, para descobrir um tesouro que bem poderá ter atravessado o Pacífico, indo morrer em terras longínquas, onde o segredo morreu, depois que a última onda se abateu sobre os homens que o carregaram...

HEI DE CASAR...

(Cont. da pág. 6)

Essas as razões em que se apóia o Serviço de Proteção aos Índios.

O REGULAMENTO NÃO PROIBE

E' preciso frisar que no Regulamento desse Serviço não há nenhum dispositivo que impeça aos seus funcionários a se casarem com índias. Esses funcionários, porém, não têm, na sua maioria, estabilidade, e aceitam certas normas impostas por seus chefes, no justo receio de serem dispensados das suas funções.

OCASO DE LEONARDO VILASBOAS

Já no caso do conhecido sertanista Leonardo Vilasboas, o S.P.I. procedeu de forma idêntica ao do de Aires da Cunha.

Leonardo uniu-se a uma índia, Mavirá, da tribo Camairá (do ramo tupi) e dessa união nasceu uma criança.

Envergonhado e arrependido Leonardo quis legalizá-la. Solicitou ao S.P.I. licença para casar-se com Mavirá. Isso lhe foi recusado, sendo permitido apenas que Leonardo registrasse a criança como sua filha, e que a enviasse a S. Paulo, para ficar aos cuidados dos avós.

ESTRANHA SOLUÇÃO

Essa a solução que nos parece estranha, partindo de uma repartição do governo, que se diz de «Proteção aos Índios»... Dir-se-ia desconhecerem que no Brasil não existe, legalmente, a discriminação racial, antes esta é taxativamente proscrita.

— Onde andará a índia Mavirá? O certo é, porém, que o Serviço de Proteção aos Índios nenhum amparo lhe deu.

E' aí que surge o lado simpático da atitude de Aires da Câmara Cunha. Não se conformando com uma decisão que lhe parece absurda, e até contrária à moral, bate-se, como bom gaúcho, cavalheirescamente, para conseguir o que lhe parece ser «o seu ideal». E' uma atitude simpática a sua, não há dúvida.

O PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA: — PRÓ

José Bonifácio, o velho, aconselhava o casamento dos civilizados com os índios, como um dos meios de trazer os índios à civilização.

Esse também o ponto-de-vista do general Rondon, o grande sertanista, segundo nos declarou o seu secretário e companheiro de lutas ásperas no percorrer a nossa interlândia, o coronel Amílcar Botelho de Magalhães, autor de obras notáveis sobre a expedição e a obra de Rondon.

O general Rondon acha que a maneira de pensar dos etnólogos do S. P.I. está errada. Não podemos deixar os índios enquistados nos confins de Mato Grosso, segregados da nossa comunidade.

O GENERAL RONDO VAI DECIDIR

Nesse sentido dirigiu carta, no mês de setembro último, ao dr. José Maria da Gama Malcher, diretor daquele Serviço.

Rondon está em Mato Grosso. Foi ao Mimoso, sua terra natal, e a Rondonópolis, assistir à inauguração de duas escolas, que terão o seu nome.

Voltará dentro de alguns dias e somente então o Conselho Diretor do Serviço de Proteção aos Índios dará a última palavra sobre esse assunto tão palpitante.

E Aires Câmara Cunha saberá se pode ou não pode casar com Diacui.

MANAUS — ...

(Cont. da pág. 56)

ventos, as enormes trovoadas. Mas não esmoreci, não. Pelo contrário, multipliquei as forças, redobrei o entusiasmo e marchei para frente, indo avante. Tarefa difícil foi atravessar um Igarapé, chegar a Viseu para mais tarde, embarcado em toros de madeira, cruzar o rio Gurupi. Felizmente, «Dengosa» e eu vivíamos bem. Pareciamos mesmo ter nascido um para o outro... Ela resistia a tudo firmemente. Vencia todos os obstáculos e quando nas cidades mais parecia Madame Pompadour, uma vez que o povo faz roda em torno dela, o que a deixa tremendamente feminina, vaidosa e cheia de besteira.

CAPTURADO PELOS ÍNDIOS

«Em Carutapera, já no Maranhão, vi-me obrigado a viajar em plena mata, guiando-me tão somente pelos fios da linha telegráfica. Foi aí que me perdi. Fiquei como que às tontas e próximo (mais ou menos 50 km.) à cidade de Grajaú fui inesperadamente apanhado pelos índios da tribo «Canelas». Como é fácil imaginar-se, tomei-me de tremendo pavor. Acreditei ter os dias contados, meus planos rolados águas abaixo. Tal não aconteceu, porém. Tive bom tratamento por parte dos silvícolas, depertá-lhes até simpatia e procuravam saber de mim como viviam os homens brancos e qual era a sua civilização. Passei 26 dias em seu convívio. Quando demonstrei desejo de abandoná-los e seguir o meu destino irritaram-se, proibindo-me de sair da taba. Devo a minha salvação a «Dengosa». Certo dia um índio se aproximou do carro e tocou de leve no cano da descarga. Não sei o que fez. Houve ligeira explosão, nuvens de fumaça tomaram conta do espaço e horas depois deram-me ordem de ir embora, que eu tinha parte com o Diabo, que não poderia permanecer mais de uma lua entre eles».

Neste ponto interrompemos Correia para saber dele o que mais lhe chamara atenção dentre os costumes dos indígenas. Darei um exemplo: a maneira da fabricação da sua bebida, denominada de Cauim, feita de milho mastigado e depois cuspidos para a fermentação causou-me curiosidade de imediato. E' um processo bárbaro, repugnante. A Cauim é mais forte que a cachaça e, para não ser morto, bebi-a de um só trago. Até agora ainda conservo o amargor do seu gosto exótico. Igualmente, a festa da Catação, denominação dada por mim, chocou-me profundamente. Reunidas em gigantesco círculo as virgens da tribo dos «Canelas» são catadas pelas mulheres casadas. Arrancam piolhos como se fossem deliciosas iguarias. Os piolhos são disputadíssimos. As danças são lindas. Têm lugar ao cair da noite e oferecidas, semanalmente, ao Cacique. Segundo observei, os índios vivem na maior das promiscuidades.

(Continua no próximo número)

Respostas ao teste

- 1—Gênio maléfico da mitologia tupi
- 2—Bdelômetro
- 3—Lentidão na pronúncia das palavras
- 4—1832
- 5—No fim da coluna vertebral
- 6—Separado
- 7—Casamento na família
- 8—De pôr-se em pé
- 9—Ranco
- 10—Grande canhão
- 11—Estado infeccioso do corpo
- 12—Diminuição do sentido da audição
- 13—Data do nascimento
- 14—O «anofeles»
- 15—Gramínea.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr\$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta frequência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTENCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diariamente, das 14 às 19 horas.



Nº 32 - 12,00



Nº 25 - 12,00



Nº 31 - 12,00



Nº 24 - 12,00



Nº 30 - 12,00

Edições Segredo VENDAS

NÃO MANDE DINHEIRO, NADA ADIANTADO! - NÃO TEMOS CATALOGO NO INTERIOR PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL SOMENTE ENDE-REÇADO PARA O RIO DE JANEIRO (PEÇA PELO TALÃO À ESQUERDA)

NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25 e RUA MÉXICO, 128 Sobreloja 3 EM S. PAULO RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403.



Nº 90 - 15,00



Nº 20 - 15,00



Nº 21 - 15,00



163 - 15,00



162 - 15,00



Nº 143 - 15,00



Nº 1 - 20,00



Nº 42 - 30,00



Nº 70 - 30,00



30,00

155 - 15,00

Nº 173 - 15,00

Nº 129 - 15,00

Nº 135 - 15,00

Nº 137 - 15,00

Nº 96 - 15,00

146 - 15,00

Nº 122 - 15,00

167 - 15,00

172 - 15,00

149 - 15,00

161 - 15,00

183 - 15,00

192 - 15,00

153 - 15,00

Nº 139 - 20,00

156 - 15,00

Nº 85 - 15,00

Nº 79 - 10,00

Nº 86 - 10,00

83 - 20,00

Nº 88 - 15,00

Nº 8 - 15,00

Nº 39 - 15,00

Nº 84 - 15,00

158 - 15,00

Nº 68 - 10,00

154 - 15,00

169 - 15,00

157 - 10,00

Nº 22 - 15,00

Nº 34 - 15,00

Nº 82 - 10,00

Nº 78 - 10,00

Nº 13 - 15,00

Nº 14 - 15,00

Nº 12 - 10,00

147 - 15,00

Nº 15 - 15,00

Nº 11 - 15,00

Nº 94 - 15,00

179 - 15,00

178 - 15,00

180 - 15,00

85 - 15,00

Nº 140 - 25,00

Nº 131 - 20,00

132 - 20,00

28 - 15,00

128 - 15,00

REEMBOLSO EDITORA GERTUM CARNEIRO SA Avenida Rio Branco, 25 - Dep. 10 - B - Rio de Janeiro (Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado). Peça enviar pelo Reembolso Postal os livros, cujos números indico abaixo:

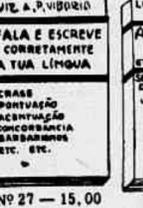
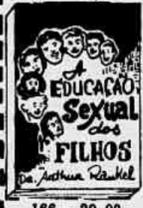
.....

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de CR\$ 100,00, há aumento de 10%

NOME RUA LOCALIDADE ESTADO

Enderece seu pedido de REEMBOLSO POSTAL só para o RIO DE JANEIRO



FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de **RENATO MARTINA**
PERSONAGENS:

JEAN
MÁRIO
ZAIRA
SOLANGE
DUPUIS
JOANA

RENATO SCANZINI
FRANCO FABRIZZI
LUIZA ALLIANI
LICIA NAPPO
MAXIMO ALVILLA
NETTA ZOCCHI

CAPÍTULO 18 — (Resumo da parte já publicada)

MÁRIO revela a Zaira os seus mais íntimos segredos e luta contra a sua grande ansiedade de conhecer a família Skalski. Foi a ruína de Mário. O irmão do Dr. Skalski, por Zaira ao par de uma nova realidade: o tenente Mário Skalski foi condenado, em 1939, por um tribunal do povo. Mário é um peixe. Talvez um traidor... Zaira, porém, não o está decidida a tudo, para salvá-lo. Depois de desvencilhar-se das ameaças do irmão do Dr. Skalski, Zaira chega à praça Pilsudski, onde já se encontravam Mário e Jean. Os três resolvem fugir à perseguição da polícia.

PREPARADO PARA ELE, SOLANGE, E PARA TODOS OS MENINOS SEM MÃE...



UM PASTEL COM CINCO VELAS... ENTRE POUCOS DIAS OCORRERÁ O ANIVERSÁRIO DE NOSSO JEAN. FUI COMO SE HOUVESSE PREPARADO PARA ELE...

QUINTA COISA PREPAROU PARA O HÓSPEDE!... ATE UM PASTEL COM VELAS... EM VÊZ DISSO SERIA MELHOR SEPARAR UNS NIQUETS PARA O CEGO...



POBREZINHO... COMO FICARA CONTENTE COM OS SAPATOS NOVOS...

NO ENTANTO SOLANGE ESPERA A CRIANÇA...

MÁRIO, EU LHE QUERO MUITO BEM... AJUDE-O A FUGIR, VEJA! AGORA DIGA-ME: ESTA ACUSAÇÃO... ESTA TERRÍVEL ACUSAÇÃO QUE LHE FAZEM É FALSA!



NÃO! NÃO! JURO PELO QUE HÁ DE MAIS SAGRADO! NÃO FUI EU! NÃO SOU TRAIADOR!

NAQUELE GRITO HÁ MUITA ANGUSTIA, MUITA SINCERIDADE, QUE ZAIRA NÃO ACREDITARIA NAS SUAS PALAVRAS... NO CORAÇÃO DE MÁRIO SE DESENCADEIA UMA LUTA PENOSAMENTE ENTRE DOIS SENTIMENTOS...

E VERDADE: ERA OFICIAL NAQUELA ÉPOCA... MEU REGIMENTO TRABALHAVA COMO NA FRONTEIRA DA PRÚSSIA ORIENTAL, DEPOIS RECUEMOS PARA ENGRANAR OUTROS ESQUADRÕES E INCIPIAMOS A POUCOS QUILOMETROS DE VARSÓVIA.



DEPOIS SENTE NECESSIDADE DE DESABAFAR E FALA...

PORQUE ALI ENDE ACURTA! NÃO VAI ESPERAR-LO?

UMA POR ANO...



NAQUELES DIAS, HAVIA UM CAOS DE BORTOS, NÓS MESMOS IGNORAVAMOS A SITUAÇÃO... TODAVIS NINGUÉM SUPUNHA QUE O INIMIGO ESTIVESSE TÃO PERTO...

LEMBRO-ME: A INVASÃO FOI UM GOLPE DE IMPROVISO...

E VOCE... MESMO ASSIM, PARTIU...



SIM!

MINHA MÃE - PROSEGUIU MÁRIO - ESTAVA GRAVEMENTE DOENTE EM VARSÓVIA... PEDEI LICENÇA DE POUCAS HORAS, QUERIA VÊ-LA TALVES PELA ÚLTIMA VEZ, MAS O COMANDANTE M'A NEGOU...

A QUALQUER MOMENTO CHEGARÁ... QUERO QUE VEJA AS VELAS ACESAS... ABRIRÁ OS OLHINHOS... E DARÁ UM GRITO DE ALEGRIA... DEPOIS SE LANÇARÁ AO MEU PESCOÇO, COMO FARIA JEAN, SE ESTIVESSE AQUI...



SOLANGE SORRIU NO SEU SONHO... E CONTINUA...

ZAIRA CONDUZIU MÁRIO E JEAN FORA DA CIDADE... ANDARÁ MUITO TEMPO QUE A CRIANÇA DEMONSTROU CANSAÇO E SE ABRIGARÁ NUM CASABRÉ ABANDONADO... MÁRIO INSISTE COM ZAIRA PARA QUE O LEVE A REGIÃO DE BRWINÓW...

O QUE QUER FAZER LÁ? JOÃO E MARTA JÁ MORRERAM E O DR. SKALSKI FOI FUZILADO, HÁ TALVES NINGUÉM QUE LHE POSSA AJUDAR.



NÃO! MAS HAVERÁ ALGUÉM QUE VIU AQUELE TRAIADOR QUE SE FAZIA PASSAR POR MIM, E PODERÁ PROVAR QUE NÃO ERA EU!

FUGI, JURANDO A MIM MESMO QUE VOLTARIA EM POUCAS HORAS... ME JUSTIFICAVA ALEGANDO QUE MEU REGIMENTO ESTAVA NA RETAGUARDA E ME PARECIA DESUMANO QUE ME NEGASSEM A LICENÇA... QUANDO CHEGUEI



EM CASA ENCONTREI MINHA MÃE VOLEITANDO MORTE... NÃO CHEGUEI EM TEMPO DE ALCANÇÁ-LA VIVA...

NÃO FUI COM MEDO, JURO! NÃO FUI COM MEDO!... VI UMA GRANDE MULTIDÃO QUE SE A



TOVOLEI NA ENTRADA... JULGUEI, ENTÃO, FOSSE MINHA OBRIGAÇÃO INTERVIR PARA TRANQUILIZÁ-LA! E SE TRATAVA APENAS DE POUCOS MINUTOS DE ATRASO...

ENQUANTO ME APRESSAVA PARA ALCANÇAR A ESTACÃO FUI SURPREENDIDO PELO ALARME AÉREO... A POUCOS PASSOS HAVIA UM "ABRIGO"... ONDE ENTREI...



NO ENTANTO AQUELES HIN-
TOS FORAM FATAIS: PROCU-
REI PROTEGER UMA JOVEN
VIUVA COM UMA CRIANÇA NOS
BRAÇOS... ERA A MÃE DO GAROTO.



O "HÉRIGO" FOI ATINGIDO DE CHEIO... FUI LEVADO PE-
LA POPULAÇÃO EM FUGA... MAS JÁ LHE DISSE... MAS AIN-
DA NÃO LHE DISSE QUE EU... EU SOU UM DESERTOR... DE-
SERTEI DIANTE DO INIMIGO, ENQUANTO MEUS COMPA-
-NHEIROS MORRIAM COMBATENDO

COM ESPADAS
OS CARROS INVA-
-SORES! SOU UM
DESERTOR!

MÁRIO!

ENQUANTO
ISSO EM
VARSÓVIA...



NÃO É MOTIVO PARA PREO-
-CUPAR-SE, SOLANGE!... NÃO
SEJA TÃO NERVOSA!

ME PARECE IMPOSSÍVEL QUE
TENHAM ESQUECIDO O MEU CON-
-VITE! ONTEM PARECIAM TÃO SA-
-TISFEITOS...

QUEM SABE, TALVES NÃO
ACERTARAM COM A ESTRA-
-DA JU PENSAM
TER SIDO FEITO
O CONVITE PA-
-RA AMANHÃ...

O QUE TERÁ ACONTECIDO COM
AQUELES POBREZINHOS? PORQUE
NÃO VIERAM?



AGORA SABE PORQUE
NÃO QUERIA VOLTAR! NO
ENTANTO OS ACOMPANHAI
DIZENDO QUE ERA PORQUE
NÃO PODIA ME SEPARAR
DE VOCÊ E DO GAROTO...
MAS ERA A VOZ DA CONSCIÊN-
-CIA QUE ME DOIA... ERA A
PÁTRIA QUE ME CHAMAVA,
PARA QUE EU PRESTASSE CON-
-TA DE MINHA INDIGNIDADE!



MÁRIO, VOCÊ ESTÁ CHORANDO?

APRESENTAR-ME-EI A UM
CONSELHO DE DISCIPLINA.
PORÉM PRECISO ESTAR LI-
-VRE PARA REFUTAR AQUE-
LA ACUSAÇÃO DE DELITO
DE QUE ME CULPAM!

EU LHE AJUDAREI, MÁRIO,
A POLÍCIA IGNORA OS SEUS
ANTECEDENTES E UM CEGO
ACOMPANHADO POR UMA MULHER E
UMA CRIANÇA NÃO DESPERTA SUSPEITA

DEPOIS VOCÊ SE APRESENTA JUSTIÇA...



NÃO, GÊO, NÃO PODE SER... TENHO UM
CERTO PRESENTIMENTO QUE ACONTE-
-CEU ALGUMA DESGRAÇA... PENSE: UM CE-
-GO E UM MENINO, SÓS, NUMA GRANDE CIDADE

MAS NÃO ESTÃO SÓS! NÃO
OUVIU O QUE DISSERAM?
TRABALHAM NUM CIRCO...



E VERDADE! NUM CIRCO! DEVEMOS
IR ATÉ LÁ PARA SABER SE ACONTE-
-CEU ALGO!

MAS É UM ABSURDO, SOLANGE!
VOCÊ SE PREOCUPA COM AQUELES
DOIS COMO SE FOSSEM GENTE SUA.
EMBORA MEREÇAM COMPANHIA TODA-
-VIA NÃO PASSAM DE UM SANFONEIRO
COMO TANTOS OUTROS E DO FILHO...



ESTOU CERTA DE QUE OS HOMENS COMPREEN-
-DERÃO E LHE PERDOARÃO... MAS SE NÃO LHE PER-
-DOAREM... SE LHE
PRENDESSEM... EU
LHE ESPERARIA...
LHE ESPERARIA TO-
-DOS OS ANOS DE PRI-
-SÃO ATÉ QUE
VOLTASSE PARA
MIM, MÁRIO PA-
-RA SEMPRE!

ZAIRA MEU AMOR AGORA
SEI QUE A VIDA ME PODE-
-RÁ DAR ALGUMA FELICIDA-
-DE!



AGORA PROCURE DORMIR, MÁRIO, E
NÃO SE PERTUBE MAIS!... AMANHÃ
PARTIREMOS PARA BRIVINDW. DEPOIS
VOCÊ DESFIZER
ESTA ACUSAÇÃO A
OUTRA SERÁ MAIS
FÁCIL...

DORMIR? COMO É POS-
-SÍVEL?

EXPERIMENTE MÁRIO
FECHE OS OLHOS... CÔ-
-MO VOCÊ FAZIA CO-
-MIGO...



VOCÊ NÃO PODE CALCULAR O QUE EX-
-PERIMENTEI QUANDO VI OS OLHOS
DAQUELE MENINO... SE ME AFIGUROU
QUE ESTIVESSE VENDO JEAN... SUPLI-
-CANDO-ME! SEJA BOM, GÊO ACUM-
-PANHE-ME!...

ESTA BEM SE É PARA TRAN-
-QUILIZÁ-LA ACOMPANHÁ-LA:
VERÁ QUE SE PREOCUPA
DEMAIS!



VAMOS, SOLANGE, ESTOU
CERTO QUE OS ENCONTRA-
-REMOS LÁ, SÃO E SA-
-MOS!...

VERÁ TAMBÉM QUE NÃO NOS ARREPENDE-
-REMOS DESTA BOM ACÇÃO: ME PARECE QUE
NOS TRARÁ FELICIDADE... VAMOS!

O VÍCIO

DR. LUIZ FRAGA

● Doutor, venho buscar "reforço" para cumprir uma promessa feita a mim mesmo. Fui toxicômano durante quase seis meses e estou em tratamento. Há quinze dias não uso o tóxico. Naturalmente não me sinto à vontade: sofro as conseqüências...

— Para responder-lhe e aconselhar o que o senhor deverá fazer, vou me valer daquela página de W. James: Lembro-me de ter lido, há muito tempo, num jornal austriaco, o anúncio de um certo Rudolfo qualquer coisa que prometia uma recompensa de cinqüenta guldens a quem, depois daquela data, o encontrasse na taberna de um tal Ambrósio. "Isso faço eu", assim continuava o anúncio, "em conseqüência duma promessa que fiz a minha esposa". Com tal espôsa e com uma tal compreensão do modo de principiar hábitos novos, seria fácil apostar o nosso dinheiro no êxito final de Rudolfo.

— Tenho tido a tentação de fazer uma exceção para ver a que ponto vai a minha força de vontade.

— Evite uma recaída, pois seria como deixar cair do colo um novêlo de linha que o senhor estivesse enrolando cuidadosamente. Desfaria mais voltas numa queda única do que as que o senhor já tivesse enrolado muitas vèzes. Para que o sistema nervoso atue infalivelmente, é necessário a continuidade do treino. E' preciso não perder a batalha. Cada pequena vitória do lado mau desfaz o efeito de muitas conquistas do bom. Acumule uma série de êxitos ininterruptos, até que a repetição o tenha fortificado de tal forma que o senhor sinta-se habilitado a fazer frente à oposição, em quaisquer circunstâncias.

● Pensei que o doutor me animasse a uma luta com o meu "eu", fortificando-me para vencê-lo.

— A tentativa de sugestão é muito menos insidiosa e, portanto, mais eficaz se ela procura, deliberadamente, provocar o assentimento. Evitemos os truques que não dissimulam a expectativa e fazem intervir o prestígio pessoal, suscitando tanto a oposição quanto a aquiescência. A sua, como

tôdas as experiências, operam reduzindo o real a tómos definidos, enumeráveis e estáveis. Não renuncie às cenas concretas e vividas, cujo inconveniente é ter um caráter artificial, denunciando a prova aos que a ela estão sujeitos, ou comportar, em demasia, circunstâncias insuspeitadas e fortuitas.

Faça a sua aposta e procure ganhá-la. O senhor, esteja certo, está em condições de ganhá-la.

CEPTICISMO

● Vera Maria, residente na Tijuca,, escreve-nos uma longa e bem cuidada carta, falando em metafísica, em Kant, em Homero, em Lamenais, etc.

"... Vivo de raciocínio, não vivo de sensações"...

— O raciocínio, Vera Maria, é um instrumento tão bom para a verdade, como para o erro. Uma das nossas mais singulares ilusões é querer interrogar o raciocínio acerca de tudo. Ele tem os seus limites: tem formas falazes, às vèzes. Queremos que ele decida dos princípios eternos, quando ele não se pode valer senão dos interesses humanos. Não cessamos de o consultar e de o atormentar, pôsto que ele não cesse de nos proporcionar as humilhações de suas dúvidas e a demência de seu cepticismo.

... "A metafísica"...

— A metafísica transcendente não é mais que a aplicação do raciocínio a questões que não são de sua competência. Para ela não há matéria nem espírito, ser que percebe, nem objeto percebido. Então, que há? — Sensações, Vera Maria. Onde vemos uma cidade, um rio, o sol, o firmamento, as maravilhas da natureza, e as do céu; onde vemos um homem que percebe tudo isto, não há mais do que uma sensação, cuja realidade não nos pode ainda ser provada. Os maiores esforços da inteligência conduzem-nos ao último termo do absurdo; o homem nada pode dizer de seu ser. Não pode dizer: — Existo, sinto, penso!

● Como poderia o homem provar a existência de Deus, com o raciocínio, que não lhe pode provar sequer a existência da matéria que constitui o seu corpo? Em Homero e Virgílio vemos as sombras dos mortos; nas discussões metafísicas nada vemos; é o vácuo completo; não há substâncias; o lógico não nos deixa, ao menos um fantasma, nem mesmo esse pó, que em pó se há de converter, segundo a enérgica expressão da Escritura. Não dispo-

nho de muito espaço para responder-lhe, Vera Maria. Não viva de sensações, minha jovem; mas também, não viva apenas de raciocínio.

CORRESPONDÊNCIA

Marly — Isto a que você se refere, chama-se catatmia (ilusão).

Pereira — Niterói — E' amnésia de fixação (anterógrada).

UMA BRASILEIRA...

(Cont. da pág. 44)

O BRASIL

— Voltar ao Brasil é difícil para mim. Além disso aqui, nos explica, tenho três filhos. Todos falam italiano e português. O mais velho, talvez visite o Rio brevemente. E se tiver tempo, também irei. Mas, por enquanto, vou lutando dentro dessas quatro paredes...

NOMES E IMAGENS

Quatro paredes repletas de fotografias das maiores celebridades do cinema e do teatro italianos. Quatro paredes que representam um pouco da história da arte italiana nesses últimos quinze anos.

Arrumam-se infinitamente, ora em grandes quadros, com imensas cabeças, ora em pequenas fotografias, fisionomias como as de Ruggero Ruggeri, glória do teatro italiano; D'Annunzio, que autografou um retrato especialmente para «La grande Elda Luxardo»; Anna Magnani, a mais famosa estrela das telas italianas; Silvana Mangano, sempre belíssima; Fabrizzzi, sorridente e simpático; a jovem revelação Lia Amanda, cheia de «charme» e beleza; Gina Lollobrigida, em mais de trinta poses diferentes; Lionella Carrel, muito nossa amiga no Brasil; Eleonora Rossi Drago, Vittorio Gassmann, Ave Ninchi, Gino Cervi, e centenas de artistas que nos admiramos aí no Rio.

Elda Luxardo continua trabalhando dia e noite. Começa às oito da manhã, e revela que, talvez, em Roma, ela seja a única pessoa que não tem tempo para dormir no «pomeriggio». (De uma até quatro horas da tarde, toda Roma fecha suas portas para aproveitar a sesta. E Luxardo trabalha.)

VENENO NAS...

(Cont. da pág. 27)

— O seu marido está fora? (perguntou Helen) e saíram para a Rua Bond ensolarada.

— Sim, éle foi a negócios, para o interior, e quis levar o carro para impressionar os caipiras, creio. Éle queria que eu fôsse, mas o que faria eu enquanto éle estivesse falando sobre aço e petróleo? Os homens são muito egoístas. Sabe? Eu não tomo o «subway» desde que casei.

E ela sorriu e seu lindo sorriso fez Helen recordar-se dos doces e inocentes dias, dos velhos tempos.

— Vamos tomar um chá juntas. Você não está com pressa, não é?

— Bem, eu tenho que voltar antes das seis, para pôr as crianças para dormir...

— Ah! Você tem filhos? Que formidável! Precisamos conversar. E ainda há muito tempo. Oh! Um taxi ali, graças a Deus, vamos tomá-lo e você vai me contar o que tem feito esse tempo todo.

O taxi levou-as a uma luxuosa casa de chá onde Adela pediu chá, limão e docinhos. Helen, meio sem jeito, por estar de sandálias, sem meias, sem chapéu, com a bolsa de compras, pegou um pequenino sandwich.

— Eu nunca como a esta hora (disse Adela) tenho pavor de engordar. É horrível ser gorda!

Helen quis acrescentar que não tinha tempo para engordar mas sua observação poderia parecer uma queixa, e nada disse. Helen terminou de comer mais um docinho, Adela ofereceu-lhe cigarro, apresentando uma cigarreira de ouro com iniciais e sua

mão com unhas impecavelmente esmalçadas com um enorme diamante quase cobrindo a aliança era realmente perfeita.

— Fale-me de você, Helen. Seu marido é bancário, não é?

— Sim...

— E tenta escrever peças, não é?

— Tenta não! Éle escreve peças. E muito boas. Algumas até já foram levadas a cena... por amadores.

E Helen remexeu a bolsa a retirar dois instantâneos.

— Éstes são meus filhinhos: Timothy e Adela. Eu dei o seu nome.

— Mas que bondade a sua... (e os olhos de Adela brilharam quando viram a outra fotografia)... e, éste é o seu marido?

— Sim, é o David.

— O! (fêz Adela sem desviar os olhos.)

Aquela fotografia de David era a que Helen dizia parecer um astro de Hollywood. Ela própria batera a chapa numa tarde, quando estavam no jardim; David estava com um «pull-over» branco, o vento lhe despenteara um pouco os cabelos e éle ria para o pequeno Timothy, que tentava fotografá-lo também com uma máquina de brinquedo. David saíra muito bem mesmo.

Adela tirou da bolsa uma caneta e um caderninho:

— É melhor você me dar o seu endereço e telefone, meu bem, talvez eu possa ajudar neste negócio das peças teatrais. Conheço uma porção de gente, Barney Mercer, por exemplo, éle é o mandão no Tannards, como você sabe.

— David mandou uma peça para o Tannards.

— Éle gosta de voar alto, não?

— Quando se lida com sonhos pode-se voar tão longe quanto se quer. Nada se pode perder.

Os olhos calmos de Helen tomaram novo brilho, quando ela falava em David uma nova beleza a envolvia.

— Compreendo (disse Adela), mas eu tenho certeza de que se eu falar com Barney as coisas irão mais depressa. Ainda que se tenha muito talento, um pistolão sempre ajuda...

— David tem muito talento...

— Acredito que sim, éle tem um rosto interessante...

Helen disse o endereço e o telefone e Adela anotou cuidadosamente.

— Seria tolice não ajudar quando eu tenho tanta influência.

Vou convidar Barney uma noite dessas para conhecer vocês.

— É um pouco difícil (falou Helen), mamãe está morando longe agora e eu e David não podemos sair juntos à noite a não ser que vocês nos avise com antecedência para eu pedir a mamãe para ficar com as crianças.

Helen voltou para casa de «subway» na hora do apêrto, pendurada, segurando-se com uma das mãos, enquanto com a outra aguentava os embrulhos, e sentia os pés pisados a todo instante. Foi um alívio saltar e caminhar para casa. Os jardins floridos e os vizinhos todos cumprimentando-a enquanto ela passava.

Quando chegou, a família estava tomando lunch. Ela havia deixado tudo pronto antes de sair e sua mãe, que chegara havia servido a mesa. Ela largou os embrulhos e foi dizendo:

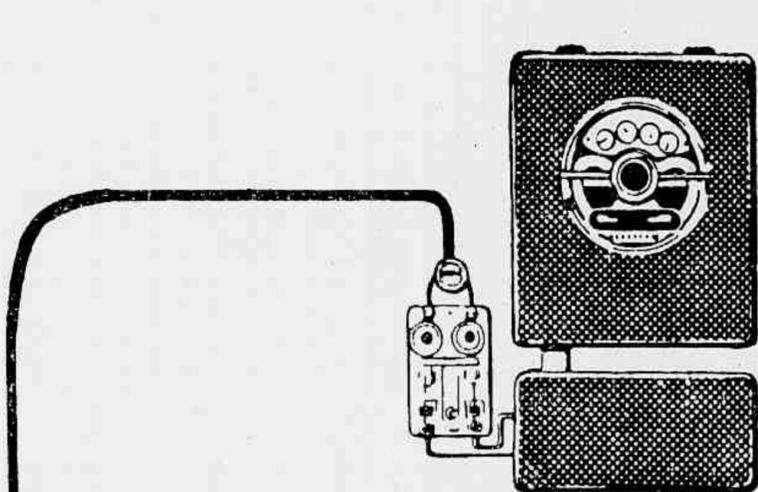
— Advinhem quem eu encontrei hoje?

— como ninguém adivinhasse, ela falou:

— Adela! E está mais encantadora do que nunca!

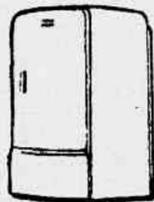
(Cont. na pág. 45)

Como consumir menos eletricidade SEM PREJUÍZO DOS SERVIÇOS DOMÉSTICOS



Mesmo que a Sra. possua enceradeira, geladeira, ferro elétrico, rádio, etc., poderá, sem sacrifício do conforto de seu lar, usar êsses aparelhos sem ultrapassar o seu consumo máximo permitido.

COM A SUA GELADEIRA PROCEDA ASSIM: Evite abrir constantemente a geladeira e examine sempre as borrachas da porta, substituindo-as assim que estiverem defeituosas. Verifique se o termóstato funciona regularmente, e proceda, semanalmente, o descongelamento de sua geladeira.



SUAS LÂMPADAS ELÉTRICAS só devem ser mantidas acesas nas dependências ocupadas. Desligue-as quando não sejam necessárias.



E NO CASO DO FERRO DE ENCOMAR, QUE É UM DOS APARELHOS DE USO DOMÉSTICO DE MAIOR CONSUMO: Use de preferência ferros automáticos ou com regulador de temperatura. Não sendo automático desligue-o quando atingir a temperatura necessária. As peças a serem passadas devem estar preparadas antes de ligar o ferro.

Durante as horas de carga máxima, das 17,30 às 20 horas, evite a utilização de aparelhos elétricos, principalmente os de ar condicionado, ferro de engomar, aquecedor, fogareiro, etc. e observe as medidas de racionamento de eletricidade em vigor.

**A PEQUENA COLABORAÇÃO DE CADA UM,
CONCORRERÁ PARA ALIVIAR A SOBRECARGA
DO SISTEMA GERADOR DE ELETRICIDADE.**



O DIA DA PÁTRIA

NO

JOCKEY CLUB

O Dia da Pátria teve uma comemoração esportivo-social de grande brilho no Hipódromo da Gávea. Disputou-se o Grande Prêmio Jockey Club Brasileiro (3ª Prova Internacional), em que se vitoriou o cavalo «Solano», de propriedade do «turfman» dr. Jorge Jabour, o que ensejou, ao lhe ser servida uma taça de «champagne» pela diretoria da entidade turfista, ter o feito sido ressaltado em cordial brinde que lhe fez o presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro, ao que respondeu, em amáveis palavras, o homenageado. Outra prova destacada foi corrida, o páreo «Independência do Brasil» e a última, «Sociedade Hípica Brasileira» deu oportunidade a que o público aplaudisse a um distinto grupo de amadores. Venceu-a o jovem Maurício de Andrade Ramos, seguido de seu irmão Sérgio de Andrade Ramos. Os 3º e 4º lugares couberam, respectivamente, ao sr. Milton Lodi e dr. Jorge Marcondes. Os quatro colocados, saudados pelo presidente do Jockey Club Brasileiro, receberam do mesmo, da senhora dr. Mário Ribeiro e do ministro Luiz Gallotti, delicadas lembranças. A tarde da Gávea terminou com um chá-dançante e a exibição do «show» «A Filha de Tiroleza», que, como as duas orquestras que animaram as danças, tiveram a direção de Carlos Machado. Essa belíssima festa esportivo-social com que a diretoria do Jockey Club, animada por alto espírito cívico, comemorou a passagem da magna data da nossa Independência, foi marcada por um brilhante êxito, como aliás vem acontecendo com tôdas as reuniões da série esplêndida que está sendo oferecida aos associados da prestigiosa sociedade turfista pela sua atual diretoria.

A senhora doutor Mário de Azevedo Ribeiro, esposa do presidente do Jockey Club Brasileiro, no momento em que entregava valioso presente ao jovem Maurício de Andrade Ramos, vencedor do páreo denominado «Sociedade Hípica Brasileira», montando o cavalo «New Comer».



As fotografias mostram dois aspectos do elegante chá-dançante que se seguiu à reunião esportiva com que o Jockey Clube Brasileiro comemorou tão brilhantemente o Dia da Independência, proporcionando aos seus numerosos associados, o que equivale dizer à alta sociedade carioca, mais uma linda festa da série que a atual diretoria da nossa maior sociedade do turfe, está oferecendo com grande êxito ao quadro social.

A

B

ação
romo
ockey
que
idade
sejou,
agne»
feito
e fez
beiro,
as, o
i cor-
e a
opor-
a um
jovem
de seu
e 4º
r. Mil-
o colo-
Jockey
da se-
o Luiz
de da
e a
a», que,
ram as
achado.
om que
por alto
gem da
foi mar-
iás vem
da série
aos as-
sta pela



O dr. Manoel Pereira de Cordis, presidente da Sociedade Hípica Brasileira, tendo à sua direita o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Clube, e à esquerda o ministro Luiz Gallotti, 2º vice-presidente, na festa comemorativa da nossa Independência, realizada no Hipódromo Brasileiro.



À esquerda — A senhora Mário de Azevedo Ribeiro entrega uma lembrança ao senhor Milton Lodi, terceiro colocado no páreo «Sociedade Hípica Brasileira», montando «Four Hills». À direita — O vencedor daquela prova destinada a amadores, senhor Maurício de Andrade Ramos, montando o cavalo «New Comer», no momento em que regressava da pista, após a vitória, com sua montaria segura pelo sr. Eurico Solanez.

comemorou
de carioca,
dro social.

US-WASHINGTON NUM FORDECO



«Dengosa», mesmo escrita com um «z» errado, como se pode ver pela fotografia, teve a grande virtude de concorrer para a libertação do motorista audaz, quando caiu nas terras que são dominadas pela tribo dos índios «Canelas» — nas vizinhanças da cidade de Grajáú.

A ESTUPENDA AVENTURA QUE UM JOVEM AMAZONENSE ESTÁ REALIZANDO ★ "DENGOZA", O FORD DE BIGODE, FAZ SUCESSO ENTRE OS ÍNDIOS E ENTRE OS ELEGANTES DE COPACABANA ★ PRISIONEIRO DOS ÍNDIOS ★ CAUIM, MAIS FORTE QUE A CACHAÇA ★ "FELICÍSSIMO, PRIMO"!

Reportagem de TELMO FERRARI

Fotos de JOAQUIM SIMÕES

A semelhança de Robinson Crusó e Marco Polo, o jovem Carlos Correia da Cunha é um sonhador admirável. Desde garoto, por volta de 1922, acalentava a idéia de conhecer novos horizontes, andar rumo ao desconhecido, às grandes metrópoles.

Em Manacapuru, sua terra natal — um lugarejo amazonense — ninguém lhe tirava esse sonho da cabeça. Todos gostavam do seu tipo estranho, da sua maneira simples de encarar a vida e os mistérios do mundo.

No entanto, o garoto não se sentia bem naquele meio. Achava-o pequeno, sem futuro para ele. Nem na escola

nem em casa encontrava prazer e alegria. Suas idéias de conhecer o mundo ganhavam corpo, não o deixavam dormir. E, por isso, encheu-se de coragem, abandonou tudo, deixou os seus, partindo para Manaus. Era noite quando fugiu e ganhou a estrada. Sacola às costas, passo firme, lá se foi à procura da capital, velha cidade cheia de encantos para o pequeno aventureiro.

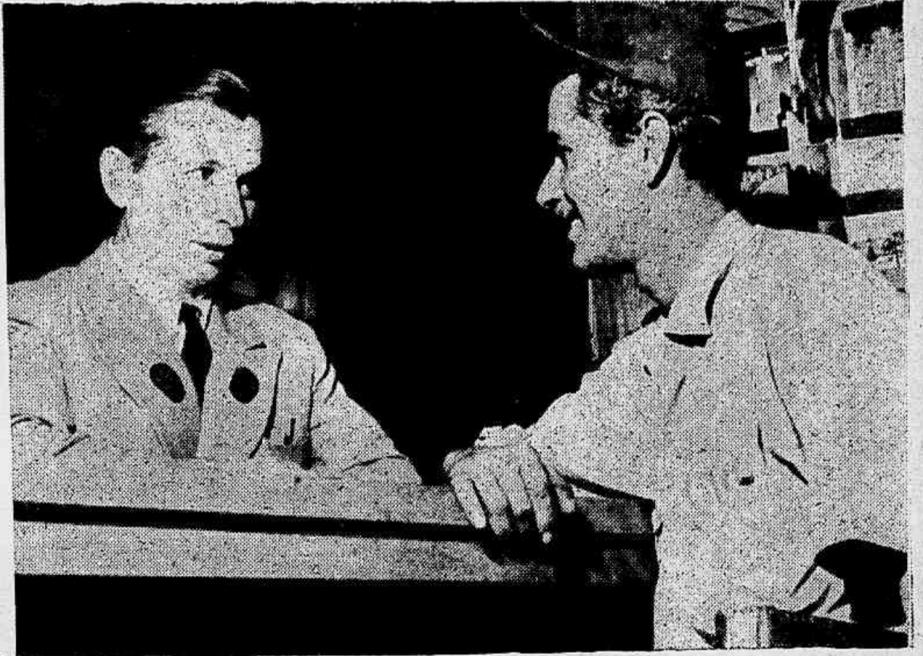
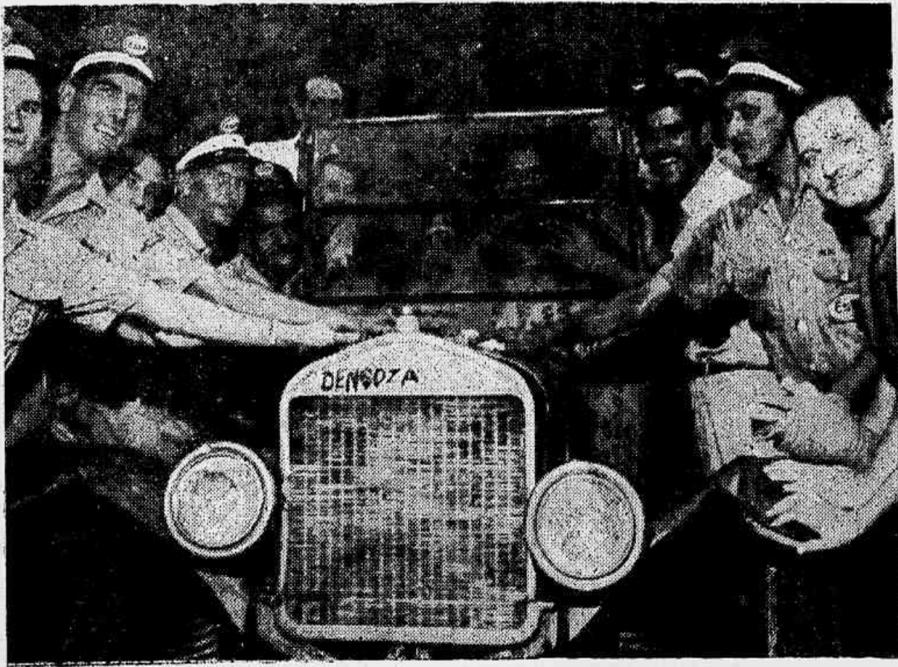
«RAID» AUTOMOBILÍSTICO PELAS TRÊS AMÉRICAS

Em Manaus viveu grandes dias. Sempre sonhara com aquele momento. Ali

poderia sentir mais ao vivo o sabor das suas ambições, dos seus sonhos... As suas idéias eram bem recebidas, todos incentivavam o seu plano de efetuar um «raid» automobilístico pelas três Américas. Sem dúvida, a metrópole da Amazônia constituiria o marco inicial da fabulosa jornada. E o nosso jovem herói enfrentou a vida. Sem esmorecer, lutou pelo seu sustento, estudando à noite e trabalhando de dia. Como profissional, era dos mais competentes motoristas da cidade e, em breve, receberia seu diploma ginusial no Colégio Estadual de Manaus. Mesmo em meio àquela agitação, mesmo diante

das vicissitudes que a vida de rapaz pobre apresentava, Carlos Correia da Cunha não deixava ao lado os seus velhos anseios.

Pois bem. Carlos Correia da Cunha está no Rio. Chegou dia 2 de outubro, à tarde. Sua entrada na cidade despertou logo enorme curiosidade popular. Foi uma coisa fabulosa. E' que o jovem filho da Amazônia vem viajando num esquisito carro «Ford», modelo 1917. E era de se ver o espanto do carioca, nas movimentadas Praça Mauá e Avenida Rio Branco, quando Carlos passeava em sua ford de bigode, muito cheio de si, vaidoso mesmo, lado



Uma curiosidade natural do pessoal da ESSO. A mesma, não há dúvida nenhuma, que causou o aparecimento dos primeiros automóveis.

Carlos Correia da Cunha só encontrou dificuldades no Rio de Janeiro, para hospedar-se. Também foi «barrado» no «Hotel Glória»

a lado de luxuosos e moderníssimos «Cadillacs» rabo-de-peixe. A noite, fomos encontrá-lo em plena Cinelândia saboreando um cafézinho. Lá fora, centenas de pessoas cercavam o carro. comentavam, davam palpites, espivavam, admiravam as suas linhas, verificavam o motor, riam de um detalhe, nasciam gostosas piadas... E o grupo de curiosos se avolumava cada vez mais. Era tal seu número que se fez neces-

sária a ajuda dos policiais para que o repórter, o fotógrafo e o jovem aventureiro pudessem manter mais estreito contato e dar uma voltinha pela metrópole.

Desenvolvendo magnífica velocidade, «Dengosa» — nome de batismo da barata amazônica — deixou o centro, venceu as praias do Flamengo, Botafogo, atravessou os túneis e finalmente chegou a Copacabana, Posto 3, em frente

ao Hotel Excelsior. Como era natural, o espetáculo se repetiu. Gente, mas gente em penca, em torno do fordeco famoso. Nem poderia ser de outra forma. Passados alguns minutos, verdadeira avalanche humana invade aquele recanto «chic» da praia; a polícia entra em ação novamente; e a muito custo, Correia da Cunha consegue sair da «Dengosa» e vir até à um bar afastado para nos contar a

sua vida e sua luta nesses 360 dias de jornada automobilística, desde Manaus até à Capital da República. Alegre, simpático, tostado pelo sol nordestino, o herói causa ótima impressão. Faia claro, tem facilidade de expressão e não dá mostras nem de cansaço nem de timidez diante da primeira grande metrópole que visita. Inicialmente, queixa-se do calor carioca, mais forte do que em Manaus. Pede uma laranja



Seu veículo despertou mais curiosidade do que o do famoso «Caramujo». Mas, perguntava a si mesmo: onde hospedar-se com sua «Dengosa»?



O contraste: — um moderníssimo «convertível», onde se vê a chapa da cidade de Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro, em frente ao Copacabana-Palace, e a «Dengosa», de propriedade do fura-mundo Carlos. O autor da proeza olha o «bonitão» e diz: «Se der lambugem, eu troco».

e explica que iniciou a sua prova automobilística no dia 9 de outubro de 1951, partindo da capital amazonense. «Sou um motorista feliz, que vai levando a vida... Entendo um bocadinho de mecânica e venho realizando esse «araiá» para demonstrar aos brasileiros que as nossas estradas não são tão ruins como dizem. E meu pensamento fazer um estudo completo, perfeito, de divulgação das estradas de rodagem no Brasil. Minha viagem tem o amparo moral e financeiro dos governos estaduais, prefeituras e do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.»

ITINERARIO E SAIDA DE MANAUS

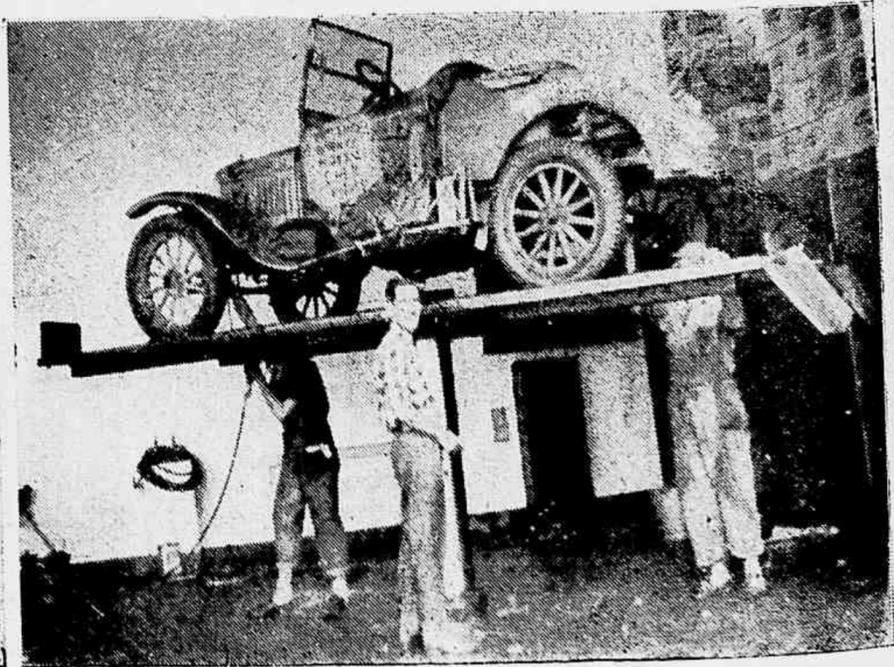
— A minha saída de Manaus — prossegue — o povo compareceu em massa. Foi um legítimo dia de festa. «Dengosa» me foi oferecida pelo governador Alvaro Maia e populares, através de subscrição, especialmente da classe dos motoristas e comerciários. Custou trinta mil cruzeiros e a encontrei inteiramente abandonada, no fundo de um quintal. Todavia, «Dengosa» já teve a sua glória, já fez muito furor. Nos longínquos dias de 1917 constituiu um legítimo carro de luxo.» — Carlos explica, agora, o tra-

jeto que percorreu: «Como não existe estrada de rodagem que ligue Manaus a Belém do Pará, eu e o meu fordeco de bigode saímos embarcados na chata «Cuiabá», sob o aplauso de milhares e milhares de homens, mulheres e crianças. Em Belém permaneci dezoito dias com as honras de hóspede oficial do general A. Zacarias de Assunção, governador do Estado. Da estada no Pará não me esquecerei nunca da monumental festa religiosa de Nazaré. Tem grande significação para aquele povo amigo e acolhedor. Uma festa fabulosa, acredite.»

400 KM DE ASFALTO

Carlos Correia da Cunha acende um cigarro e, após pequena pausa, afirma que venceu a distância de cerca de quatrocentos quilômetros numa ótima estrada asfaltada, chegando a Bragança. Daí por diante começaram as dificuldades. Seguidamente era ameaçado por bichos de toda espécie, principalmente à noite. Eram raposas, onças, macacos, araras. Eram feras até então desconhecidas para mim. Também vieram as chuvas copiosas, os

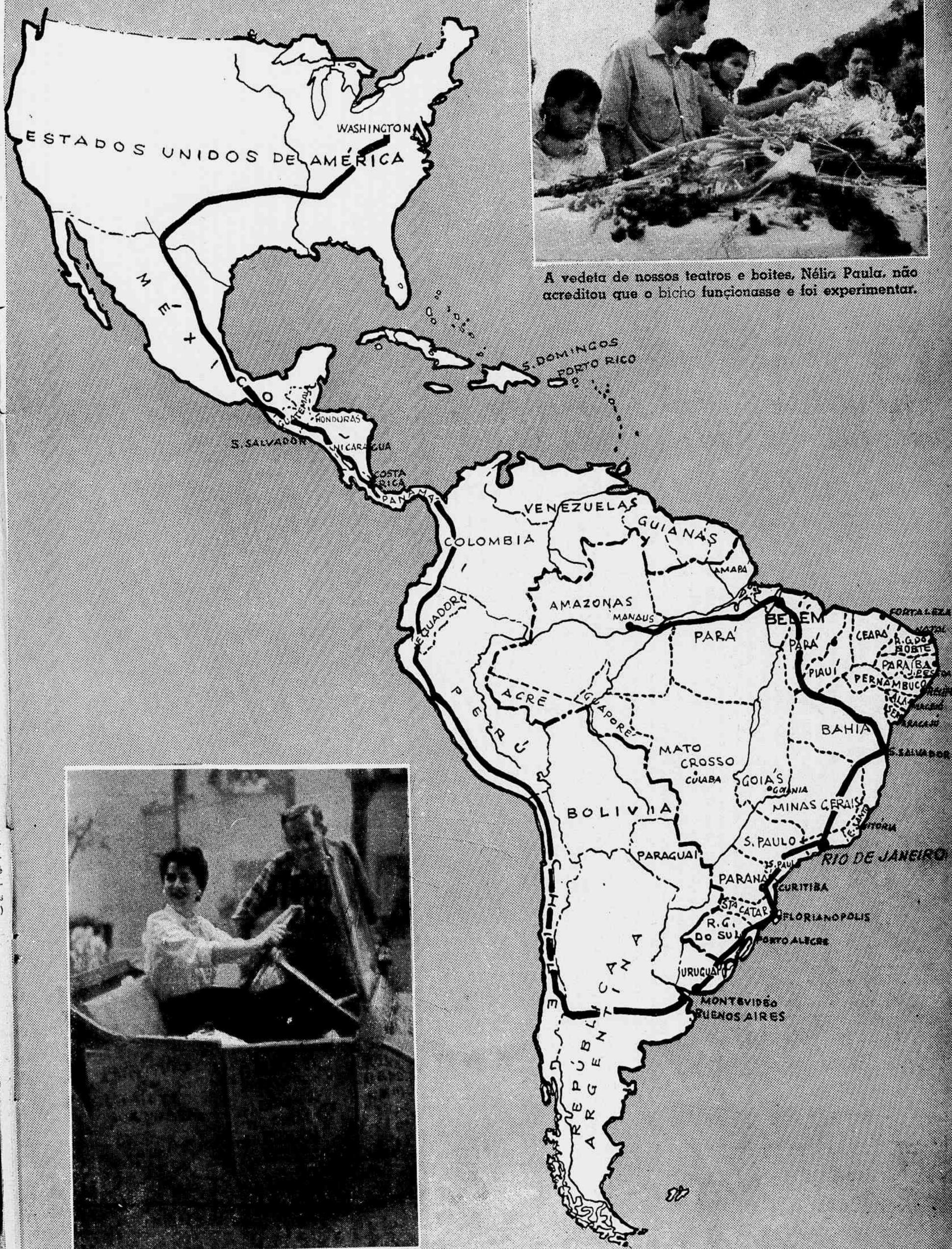
(Cont. na pág. 46)



Vendo-o a tomar gasolina, alguém que muito se admirou, exclamou: — «Pensei que, para «isso» andar, bastasse gritar apenas: «Vamos!» «Dengosa», embora masculino, tem nome de mulher. Por isso, unicamente por isso, precisa fazer a maquiagem e aparecer bem elegante...



A vedeta de nossos teatros e boites, Nélia Paula, não acreditou que o bicho funcionasse e foi experimentar.



O audaz choler de "Derigosa" logo que chegou ao Rio, foi depositar flores sôbre o túmulo de Chico Alves.

frente ao
eu troco».

TO

acende um
causa, afirma
e cerca de
uma ótima
do a Bra-
meçaram as
era amea-
spécie, prin-
rapôsas, on-
m feras até
mim. Tam-
copiosas, os
na pág. 46)

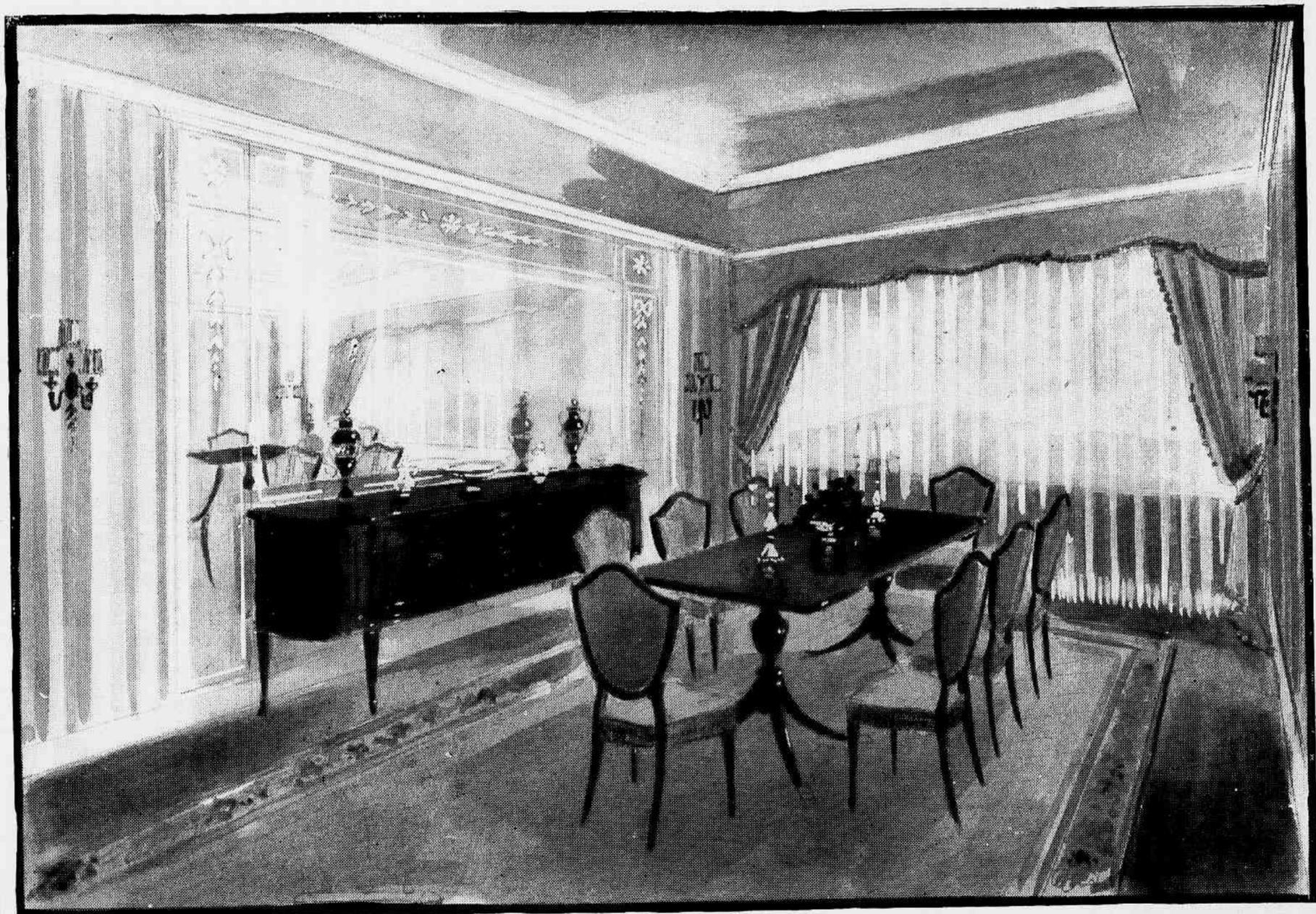
isso, única-
elegante...

ÚLTIMO FLASH

A "toilette" de um gigante —
O "Almirante Barroso", recentemente adquirido nos EE. UU., a mais potente belonave de nossa gloriosa Marinha de Guerra, entrou para o dique seco Rio de Janeiro, na Ilha das Cobras, para pinturas e pequenos reparos. Breve singrará de novo os mares, símbolo de nossa grandeza, de nossa força e de nossa soberania.



MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições
— preços ao alcance de todos —

Tapêtes Feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as larguras, em côres
lisas e com flores

Grupos Estofados

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Uma legítima

consagração...

O apurado bom gosto e o agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ